

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TECNOLOGIAS  
EDUCACIONAIS EM REDE – MESTRADO PROFISSIONAL

Aline Silveira Machado Pegoraro

**A AGENDA 2030 E AS TECNOLOGIAS NO ENRIQUECIMENTO DO  
PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE  
VULNERABILIDADE**

Santa Maria, RS  
2022

Aline Silveira Machado Pegoraro

**A AGENDA 2030 E AS TECNOLOGIAS NO ENRIQUECIMENTO DO PROCESSO  
DE ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Tecnologias Educacionais em Rede – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Tecnologias Educacionais em Rede**.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Ana Cláudia Oliveira Pavão

Santa Maria, RS  
2022

Pegoraro, Aline

A AGENDA 2030 E AS TECNOLOGIAS NO ENRIQUECIMENTO DO  
PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE  
VULNERABILIDADE / Aline Pegoraro.- 2022.

121 p.; 30 cm

Orientador: Ana Cláudia Oliveira Pavão

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em  
Tecnologias Educacionais em Rede, RS, 2022

1. Alfabetização. 2. Agenda 2030. 3. Tecnologias.  
4. Vulnerabilidade Social. I. Oliveira Pavão, Ana  
Cláudia II. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

Declaro, ALINE PEGORARO, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Dissertação) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

**Aline Silveira Machado Pegoraro**

**A AGENDA 2030 E AS TECNOLOGIAS NO ENRIQUECIMENTO DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Tecnologias Educacionais em Rede – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Tecnologias Educacionais em Rede**.

Aprovada em 10 de março de 2022.

---

**Ana Cláudia Oliveira Pavão, Dr<sup>a</sup>. (UFSM)**  
(Presidente/Orientadora)

---

**Silvia Maria Pavão, Dr<sup>a</sup>. (UFSM)**

---

**Renata Corcini, Dr<sup>a</sup>. (Rede Municipal de Ensino de Santa Maria)**

Santa Maria, RS  
2022

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus pela dádiva da vida e por não ter me abandonado todas às vezes que precisei da sua proteção e misericórdia. Obrigada por diariamente me mostrar o quão a vida é bonita e vale a pena, além de enviar no meu caminho sempre pessoas abençoadas. Cuida com carinho da minha mãe aí no céu.

Agradeço por ter nascido de uma mulher tão incrível, por ter vivido 29 anos de minha vida sabendo o que é o amor e o que é ser amada, por me ensinar que ali no cotidiano é que mostramos às pessoas o quanto elas são importantes em nossas vidas. Mãe, partiste de uma forma tão triste, longe de mim e de toda tua família, isolada, apartada dos teus, tomada por um vírus mortal, o qual teu corpo e insuficiência renal não puderam aguentar; quero que saiba que eu estou aqui e apesar de tudo, sigo lutando todos os dias pelos meus sonhos, cuidando e amando da tua neta que não pode conhecer, do mesmo jeito que me cuidou e amou.

Agradeço ao meu marido Vando Soares Pegoraro, por ser incansável nos seus incentivos para que eu possa prosperar, por acreditar na minha capacidade e inteligência, e principalmente por me amar incondicionalmente inclusive nos dias em que nem eu mesma consiga fazer isto. Obrigada por me dar a filha mais linda do mundo, o amor das nossas vidas. Te amo.

Agradeço a minha filha Maria Alice, que escolheu vir ao mundo no momento em que eu mais precisaria dela, sendo minha luz em meio a escuridão que se encontrava minha vida, me ensinando o que era o amor de mãe por outro ângulo e me dando forças para poder seguir após a perda de minha mãe. Maria Alice, obrigada por ser um divisor de águas, por me mostrar o que era real, duradouro e infinito: o nosso amor. Te amo.

Agradeço também a minha orientadora Ana Cláudia, que acreditou em mim a cada momento, não deixando que minhas decepções, tristezas e rotinas me separassem da vida acadêmica e da conclusão do Mestrado. Obrigada por me apoiar sempre, dar um tempo depois da perda de minha mãe e esperar minha recuperação. Agradeço do fundo do meu coração, por ter encontrado uma pessoa tão humana como você em minha trajetória acadêmica. Gratidão hoje e sempre.

## RESUMO

### **A AGENDA 2030 E AS TECNOLOGIAS NO ENRIQUECIMENTO DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE**

AUTORA: Aline Silveira Machado Pegoraro  
ORIENTADORA: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Cláudia Oliveira Pavão

Este estudo, vinculado à linha de pesquisa Gestão de Tecnologias Educacionais em Rede, do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias Educacionais em Rede e do Grupo de Pesquisa Interdisciplinar em Educação, da Universidade Federal de Santa Maria, abrangeu a temática da Agenda 2030 e as tecnologias no enriquecimento do processo de alfabetização de crianças em situação de vulnerabilidade. Por sua vez, teve-se por objetivo principal identificar as alternativas tecnológicas existentes na escola que puderam enriquecer o processo de alfabetização de crianças em situação de vulnerabilidade social, seguindo por norte a problemática da pesquisa: como a tecnologia contribui para a alfabetização de crianças em situação de vulnerabilidade social? Já para fundamentação teórica, norteou-se através do caminho de construção da agenda 2030, da pesquisa bibliográfica recorrendo a história da alfabetização com uma linha do tempo dos programas e políticas públicas, bem como um suporte teórico de autores referentes ao tema, como Freire (1983), Ferreiro (1996, 1999), entre outros. Para isto, os procedimentos metodológicos seguidos corroboram com uma pesquisa com abordagem qualitativa descritiva do tipo participante, utilizando como instrumento para a coleta e produção dos dados uma entrevista semiestruturada aplicada às professoras dos primeiros e segundos anos dos anos iniciais do ensino fundamental e para a gestora de uma instituição pública de ensino da rede municipal, localizada na zona periférica da cidade de Santa Maria, RS, para a análise dos dados foi utilizada a análise do discurso e análise categorial de Bardin (2011), na qual emergiram cinco categorias: alfabetização, políticas internacionais, vulnerabilidade social, tecnologias, metodologias ativas. Através das categorias foi possível obter os resultados nos quais as professoras entendem a alfabetização como um processo que depende das experiências anteriores à escola; não possuem conhecimento sobre as políticas internacionais e não buscam conhecer; a comunidade ao redor da escola está inserida em grande vulnerabilidade; as tecnologias aliadas às metodologias ativas proporcionam uma educação mais atrativa e autônoma para as crianças.

**Palavras-Chave:** Alfabetização. Agenda 2030. Tecnologias. Vulnerabilidade Social.

## ABSTRACT

### THE 2030 AGENDA AND TECHNOLOGIES IN ENRICHING THE LITERACY PROCESS FOR CHILDREN IN VULNERABILITY SITUATION

AUTHOR: Aline Silveira Machado Pegoraro  
ADVISOR: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Cláudia Oliveira Pavão

This study, linked to the research line Management of Educational Technologies in Network, of the Graduate Program in Educational Technologies in Network and of the Interdisciplinary Research Group in Education, of the Federal University of Santa Maria, covered the theme of Agenda 2030 and the technologies to enrich the literacy process of children in vulnerable situations. In turn, the main objective was to identify the technological alternatives existing in the school that could enrich the literacy process of children in situations of social vulnerability, following the research problem: how technology contributes to the literacy of children in situation of social vulnerability? As for the theoretical foundation, it was guided through the path of construction of the 2030 agenda, the bibliographic research using the history of literacy with a timeline of programs and public policies, as well as theoretical support from authors referring to the theme, such as Freire (1983), Ferreiro (1996, 1999), among others. For this, the methodological procedures followed corroborate with a research with a qualitative descriptive approach of the participant type, using as an instrument for the collection and production of the data a semi-structured interview applied to the teachers of the first and second years of the initial years of elementary school and to the manager from a public teaching institution of the municipal network, located in the peripheral zone of the city of Santa Maria, RS, for the analysis of the data, the discourse analysis and categorical analysis of Bardin (2011) were used, in which five categories emerged: literacy, international policies, social vulnerability, technologies, active methodologies. Through the categories, it was possible to obtain the results in which the teachers understand literacy as a process that depends on previous experiences at school; they do not have knowledge about international policies and do not seek to know; the community around the school is highly vulnerable; technologies combined with active methodologies provide a more attractive and autonomous education for children.

**Keywords:** Literacy. Agenda 2030. Technologies. Social Vulnerability.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Criação da ONU, 1945.	18
FIGURA 2 – Síntese de divulgação da ONU com os objetivos do milênio	20
FIGURA 3 – O processo de Construção da Agenda 2030 pós-2015	21
FIGURA 4 – Determinantes sociais da Saúde e desenvolvimento sustentável	22
FIGURA 5 – 17 ODS da Agenda 2030.	23
FIGURA 6 – Marcos históricos e normativos da alfabetização	32
FIGURA 7 – Pirâmide de Aprendizagem	45
FIGURA 8 – Esquema Básico de Sala de aula Invertida	47

## LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Taxa de Distorção Idade – série na Rede Pública DE Ensino Fundamental Segundo sexo – Brasil – 2019	39
GRÁFICO 2 – Taxa de Distorção Idade – série na rede Privada por Série do Ensino Fundamental Segundo Sexo – Brasil-2019	39
GRÁFICO 3 – Alfabetismo por nível de escolaridade	40

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Metas ODS 4	13
QUADRO 2 – Metas até 2030 do ODS 4	24
QUADRO 3 – Estratégias e objetivos da Meta 5 do PNE	35
QUADRO 4 – Ações Sealf/MEC	37
QUADRO 5 – Síntese dos trabalhos analisados para a pesquisa	55
QUADRO 6 – Pesquisa com base nos descritores: “Tecnologias e Processo de Alfabetização”	59
QUADRO 7 – Categorias emergentes para análise de conteúdo	64

## LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1 –	Arte do Podcast Tecnologias Educacionais em Rede: Práticas possíveis em sala de aula	97
IMAGEM 2 –	Arte do Podcast Tecnologias Educacionais em Rede: Práticas possíveis em sala de aula	98
IMAGEM 3 –	Imagem do padlet referente ao episódio 1 do podcast.	99
IMAGEM 4 –	Arte do Podcast Tecnologias Educacionais em Rede: Práticas possíveis em sala de aula	100
IMAGEM 5 –	Imagem do Padlet referente ao episódio 2 do podcast.	101
IMAGEM 6 –	Arte do Podcast Tecnologias Educacionais em Rede: Práticas possíveis em sala de aula	102
IMAGEM 7 –	Imagem do mural do Padlet referente ao episódio 3	103
IMAGEM 8 –	Arte do Podcast Tecnologias Educacionais em Rede: Práticas possíveis em sala de aula	104
IMAGEM 9 –	Imagem do mural do Padlet referente ao episódio 4	105
IMAGEM 10 –	Arte do Podcast Tecnologias Educacionais em Rede: Práticas possíveis em sala de aula	106
IMAGEM 11 –	Imagem do mural do Padlet referente ao episódio 5	107

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABP <sup>1</sup>	Aprendizagem baseada em Problemas
ABP <sup>2</sup>	Aprendizagem baseada em Projetos
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MPTER	Mestrado Profissional em Tecnologias Educacionais em Rede
ODS	Objeto de desenvolvimento Sustentável
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
PNE	Plano Nacional de Educação
SAI	Sala de aula Invertida
TIC	Tecnologia da Informação e Comunicação
UFMS	Universidade Federal de Santa Maria

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b>	<b>18</b>
2.1 ONU E AGENDA 2030 E NOÇÕES DE VULNERABILIDADE SOCIAL	18
2.2 CONTEXTO GERAL DA ALFABETIZAÇÃO: HISTÓRIA, TEORIAS E LEGISLAÇÃO VIGENTE	28
<b>2.2.1 Cenário Vigente da Alfabetização no Brasil</b>	<b>38</b>
2.3 PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: TECNOLOGIAS DIGITAIS E AS METODOLOGIAS ATIVAS COMO AUXILIADORAS	42
2.4 REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA	54
<b>3 METODOLOGIA DE PESQUISA</b>	<b>61</b>
3.1 MÉTODO	61
3.2 PÚBLICO – ALVO	61
3.3 INSTRUMENTOS	62
3.4 ANÁLISE DOS DADOS	62
3.5 ASPECTOS ÉTICOS	66
<b>4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b>	<b>67</b>
4.1 CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO	67
4.2 CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS	67
4.3 RESULTADOS	68
<b>5</b>	<b>94</b>
5.1 TIPO DE PRODUTO TÉCNICO ELABORADO	95
5.2 OBJETIVO DO PRODUTO TÉCNICO ELABORADO	97
5.3 PODCAST TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS EM REDE: PRÁTICAS POSSÍVEIS EM SALA DE AULA	98
	107
	110
	118

## INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea apresenta processos de evolução tecnológica em todos os setores, tanto nas relações comerciais e trabalhistas quanto nas educacionais. Em vista da inovação e da criação de novos mecanismos tecnológicos, inseridos em todos os lugares, inclusive nas instituições escolares, mostra-se de extrema importância que possam ser usados para o enriquecimento dos processos de aprendizagem nas escolas. É evidente, de acordo com a Constituição Federal e com os documentos e políticas públicas educacionais vigentes, que a educação é um direito de todos, e é dever da sociedade em geral garantir que ela seja de qualidade e que vise ao desenvolvimento integral dos estudantes.

No ano de 2020, a pandemia da COVID-19, uma doença altamente infecciosa causada pelo vírus denominado coronavírus SARS-CoV-2, mudou completamente o cenário educacional mundial. O isolamento social e o fechamento de todos os setores foram estritamente necessários, inclusive o das instituições escolares. Desencadeou-se, desse modo, um movimento global de elaboração e implantação de aulas remotas, ministradas majoritariamente no formato online, com o auxílio dos suportes tecnológicos para prosseguir com o processo de ensino-aprendizagem.

Dessa forma, o ensino remoto foi implementado às pressas aos diferentes níveis de escolarização. Nesse momento, evidenciou-se, no Brasil, o nível de desigualdade existente entre as crianças e seus modos de vida, pois muitas famílias não tinham acesso a computadores, smartphones e internet. A aprendizagem, que já possuía muitas barreiras, tornou-se ainda mais difícil para certas crianças, sobretudo para as que se encontravam em situação de vulnerabilidade social.

Para os educadores, a súbita adoção do ensino remoto ocasionou também grandes dificuldades, tornando a docência uma tarefa ainda mais difícil. Nesse período, o auxílio dos pais ou responsáveis no processo de ensino-aprendizagem das crianças era extremamente importante, principalmente na alfabetização.

Contudo, nem sempre as crianças contavam com auxílio em casa para a realização de suas atividades remotas, pois muitos pais ou responsáveis não possuíam escolarização suficiente para suprir tal necessidade. Ficou claro assim que *ensinar* é uma tarefa árdua que exige conhecimentos específicos e paciência.

Anteriormente ao cenário pandêmico (e posteriormente também), anualmente milhares de crianças em idade de alfabetização, principalmente nas áreas mais periféricas das cidades, acabavam saindo dos dois primeiros anos do ensino fundamental sem o mínimo necessário para conseguir continuar sua escolarização com êxito. Isso, somado à pandemia e ao ensino remoto, tem se mostrado como um fator profundamente desestimulante da dinâmica educacional.

De acordo com IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em uma pesquisa realizada no ano de 2020, a taxa de analfabetismo no Brasil vem caindo ao longo dos anos, porém ainda há cerca de 11 milhões de pessoas que não sabem ler e nem escrever no nosso país, um número muito expressivo, que representa uma parcela significativa de nossa população.

Diante deste dado, e consonante com o Plano Nacional de Educação (PNE), Lei 13.005/2014 em seu artigo de número 214, que estabelece o objetivo de erradicar o analfabetismo no país até o ano de 2024, a presente pesquisa sobre o uso das tecnologias no enriquecimento do processo de Alfabetização de crianças em situação de vulnerabilidade social é de extrema importância, para que desta forma se contribua significativamente na aprendizagem e êxito escolar destas crianças.

Para elencar os objetivos da pesquisa e contribuir com a discussão sobre o tema, alinha-se às políticas internacionais, mais especificamente a Agenda 2030, estabelecida pela ONU (Organização das Nações Unidas), em protocolo internacional, no qual o Brasil faz parte desde 2015, juntamente com outras 193 nações.

A Agenda 2030 é um documento que apresenta 17 ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável) e 169 Metas dentro destes objetivos, os quais buscam identificar problemas e superar desafios que têm eco em todos os países do mundo. O objetivo principal do estudo é relacionado ao ODS 4, que traz a discussão sobre o tema da pesquisa, que é o processo de Alfabetização.

No contexto desse documento internacional, identificam-se algumas metas importantes, como:

## Quadro 1 - Metas ODS 4

4.1 - Até 2030, garantir que todas as meninas e meninos completem o ensino primário e secundário gratuito, equitativo e de qualidade, que conduza a resultados de aprendizagem relevantes e eficazes;

4.2 - Até 2030, garantir que todos as meninas e meninos tenham acesso a um desenvolvimento de qualidade na primeira infância, cuidados e educação pré-escolar, de modo que eles estejam prontos para o ensino primário;

4.4.1 - Proporção de jovens e adultos com habilidades em tecnologias de informação e comunicação (TIC), por tipo de habilidade;

**4.7** - Até 2030, eliminar as disparidades de gênero na educação e garantir a igualdade de acesso a todos os níveis de educação e formação profissional para os mais vulneráveis, incluindo as pessoas com deficiência, povos indígenas e as crianças em situação de vulnerabilidade.

4.a.1 - Proporção de escolas com acesso a: (a) eletricidade; (b) internet para fins pedagógicos; (c) computadores para fins pedagógicos; (d) infraestrutura e materiais adaptados para alunos com deficiência; (e) água potável; (f) instalações sanitárias separadas por sexo; e (g) instalações básicas para lavagem das mãos (de acordo com as definições dos indicadores WASH).

Fonte: Autora (Adaptado de Agenda 2030)

No cenário educacional configurado com a presença das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e na equidade de direitos da educação de qualidade, segundo a Agenda 2030, demanda dos educadores uma ressignificação em suas práticas didáticas, inserindo no planejamento das aulas novas formas de ensinar, como o uso de tecnologias e metodologias ativas em sala e também no contexto do ensino remoto.

Os alunos que fazem parte do ciclo da Alfabetização são aqueles que estão cursando os primeiros e segundos anos dos Anos iniciais do Ensino Fundamental, nos quais o professor é o mediador do conhecimento, interligando o uso de tecnologias e de possíveis metodologias ativas para o processo de aprendizagem, exercitando a oralidade, escrita e leitura. Assim, Silva e Pires (2020, p. 5) afirmam

A aplicação das Metodologias Ativas enriquece o contexto educacional, ao refletir, discutir e propor soluções, os alunos geram uma série de insights, conexões, conhecimentos, trocas de informações, que dificilmente ocorreria com uma proposta de trabalho meramente repetitiva, desta maneira o estudante está conscientemente envolvido no processo de aprender.

As metodologias ativas trazem para o ensino um novo olhar sobre a aprendizagem e a interação do estudante com o conteúdo escolar. O uso das metodologias ativas na sala de aula auxilia o pensamento, a reflexão sobre suas aprendizagens e a criticidade sobre os assuntos presentes ao seu núcleo de convivência e ao mundo que o cerca, interligando os conteúdos do currículo escolar com suas vivências e experiências, tecendo novos modos próprios de ser e de construir as suas associações e conhecimentos.

Diante do exposto, surge o problema desta pesquisa: como a tecnologia contribui para a Alfabetização de crianças em situação de vulnerabilidade social?

Assim, o objetivo geral é identificar as alternativas tecnológicas existentes na escola, que possam enriquecer o processo de Alfabetização de crianças em situação de vulnerabilidade social. Os objetivos específicos são:

- Descrever o papel das políticas internacionais na busca de uma educação de qualidade para as crianças em situação de vulnerabilidade social
- Compreender a legislação que ampara o processo de Alfabetização nas escolas.
- Analisar o uso das tecnologias, nas metodologias ativas desenvolvidas pelos professores no processo de Alfabetização.

No atual cenário, a vulnerabilidade na pandemia teve grande crescimento, e mostrou índices maiores de não Alfabetização nos dois últimos anos, de acordo com o estudo da Agência Brasil, das taxas apresentadas pelo Indicador de Alfabetismo Funcional, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, e uma Pesquisa do Todos Pela educação, o cenário entre 2019 e 2021 pode mostrar que a porcentagem de crianças nos Anos Iniciais com idades entre 6 e 7 anos que não sabem ler nem escrever, subiu para 66%.

De acordo com o Instituto de Pesquisa econômica aplicada do governo brasileiro (IPEA) (BRASIL, 2019), no período de 2019 a 2021, às políticas públicas, e programas desenvolvidos para melhorar a qualidade de ensino e erradicar com o

analfabetismo mostraram-se insuficientes, pois o cenário da pandemia evidenciou que ainda se está longe do cumprimento das metas ideais.

No ano de 2014, o Plano Nacional de Educação (PNE) instaurou na meta nº 5 o objetivo: “alfabetizar todas as crianças , até o 3º ano do Ensino fundamental até o ano de 2024” e corroborando com este objetivo, a Agenda 2030 no seu Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 4 (ODS 4), tem como meta “uma educação inclusiva, equitativa e de qualidade e promoção de oportunidades de aprendizagem para todas e todos”, desta forma a educação de qualidade deve ser prioridade para alcançarmos excelência e resultados mais satisfatórios na alfabetização.

O relatório luz de 2021 da Agenda 2030, mostrou que o Brasil está longe de conseguir cumprir com os objetivos da ODS 4, cita-se que “a realidade é ainda mais cruel quando se considera a classe social. 33,6% entre as mais pobres não sabiam ler nem escrever em 2019. O índice chegou a 51% em 2021. Entre as pessoas mais ricas saiu de 11,4% para 16,6%”. Logo, esta questão evidencia-se como uma discussão atual e importante, sendo a presente pesquisa um estudo com grande contribuição social e acadêmica.

A contribuição social desta pesquisa está enraizada na necessidade vigente do enriquecimento do processo de Alfabetização de crianças em situação de vulnerabilidade social, a fim de contribuir para a Alfabetização na idade certa, que possa transformar trajetórias acadêmicas em histórias de êxito escolar através do poder da educação reflexiva e de qualidade.

A contribuição acadêmica é de grande importância, pois a presente pesquisa esclarece e traz dados pertinentes sobre como as tecnologias podem auxiliar no processo de alfabetização de crianças em situação de vulnerabilidade, e como elas podem ser usadas em sala de aula pelos professores nas escolas.

Para embasar teoricamente a investigação, caminham alguns autores, programas e Políticas Públicas que trazem a questão da Alfabetização, a vulnerabilidade social e a contribuição das tecnologias com as metodologias ativas no processo de qualidade de escrita e letramento dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. No debate sobre Alfabetização, autores como Ferreiro (1996 et al., 1999) e Freire (1983) caminham juntos em defesa da educação às crianças, de acordo com Ferreiro (1996 et al., p.47) “a Alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas um processo cujo início é na maioria dos casos anterior a escola é que não termina ao finalizar a escola primária”. E completando com Freire (1983 p. 54),

“a alfabetização é um ato criador, no qual o analfabeto apreende criticamente a necessidade de aprender a ler e a escrever, preparando-se para ser o agente desta aprendizagem”.

No contexto linha de programas que trazem a problemática, pesquisa-se Lei de Diretrizes e Bases (1996), Pacto nacional pela Idade certa (PNAIC, 2012), Plano Nacional de Educação (PNE, 2014), Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), Agenda 2030 e outros relevantes para conhecer o percurso da Alfabetização no país. Para buscar as metas e objetivos propostos pelos programas e melhorar a alfabetização Brasileira o suporte das tecnologias digitais e uso de novas metodologias ativas surgem, principalmente no meio do cenário da pandemia, logo a contribuição nesta linha de pensamento vem com autores como Inácio e Clemente (2020), Bacich (2018), Ferreiro e Teberosk (1985), Soares (2018), Moran (2018). Como nos diz Soares (apud MAIA e SCHEIBEL, 2006, p. 191):

Espaço de escrita é o campo físico e visual definido por uma determinada tecnologia da escrita. Todas as formas de escrita são espaciais, todas exigem “um lugar” em que a escrita se inscreve/escreva, mas a cada tecnologia corresponde a um espaço de escrita diferente. [...] Atualmente com a escrita digital, surge um novo espaço de escrita: a tela do computador.

É nesse espaço de escrita virtual de recursos imagéticos, de smartphones, tablets, de crianças nativo digitais, que tecem leituras online e interpretam por imagens e figuras, que o professor deve fazer uso da tecnologia e adaptar suas aulas em novo contexto das metodologias ativas, para melhorar o processo de letramento da criança. Em que se entende as Metodologias ativas conforme Moran (2018, p. 4) “[...] dão ênfase ao papel de protagonista do aluno, ao seu envolvimento direto, participativo e reflexivo em todas as etapas do processo”.

Isto posto, justifica-se essa pesquisa que apresenta como produto de estudo de mestrado, Podcasts gravados com propostas de metodologias vinculadas às tecnologias para uso dos professores das instituições, em prol de melhorar o processo de alfabetização que vem sendo desenvolvido nos Anos Iniciais do Ensino fundamental.

Esta pesquisa organiza-se em cinco capítulos: O primeiro constitui a Introdução, na qual são elencadas as motivações, problema, objetivos, justificativa e contribuição do estudo. O segundo capítulo apresenta o referencial teórico distribuído em subcapítulos, a saber: 1º: ONU e agenda 2030 e noções de vulnerabilidade social;

2º Teorias de Alfabetização e Legislação Vigente; 3º Tecnologias e recursos digitais de inovação: metodologias ativas. No terceiro capítulo apresenta-se a metodologia da pesquisa, com os sujeitos envolvidos, instrumentos utilizados, conseqüentemente o quarto capítulo faz a discussão dos resultados, e no quinto e último, estão as considerações finais, o produto técnico elaborado seguido pelas referências, anexos e apêndices.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 ONU E AGENDA 2030 E NOÇÕES DE VULNERABILIDADE SOCIAL

No final da segunda guerra mundial em 1945, as nações estavam devastadas e o mundo necessitava de paz, diante disso, representantes de 50 países se uniram em conferência nos Estados Unidos da América, nos meses de abril, maio e junho, e nos dois meses seguintes eles redigiram e assinaram a Carta das Nações Unidas, na qual esperava-se evitar uma nova guerra como a que tinham acabado de vivenciar. A Polônia assinou a carta posteriormente, formando assim os 51 países fundadores.

Figura 1 – Criação da ONU, 1945.



Fonte: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/noticias/2019/09/onu-surgiu-para-garantir-a-paz-e-seguranca-do-mundo>

A Organização das Nações Unidas (ONU) foi criada oficialmente em 24 de outubro de 1945, quando a Carta foi ratificada pela China, França, União Soviética, Reino Unido, Estados Unidos e pela maioria dos outros países. Por este motivo, o Dia das Nações Unidas é comemorado no 24 de outubro.

O objetivo da ONU é unir todas as nações do mundo para a paz e o desenvolvimento, a partir dos princípios da justiça, dignidade humana e no bem-estar

de todos; ela dá aos países a oportunidade de procurar soluções em conjunto para os desafios mundiais, preservando os interesses e a soberania nacional.

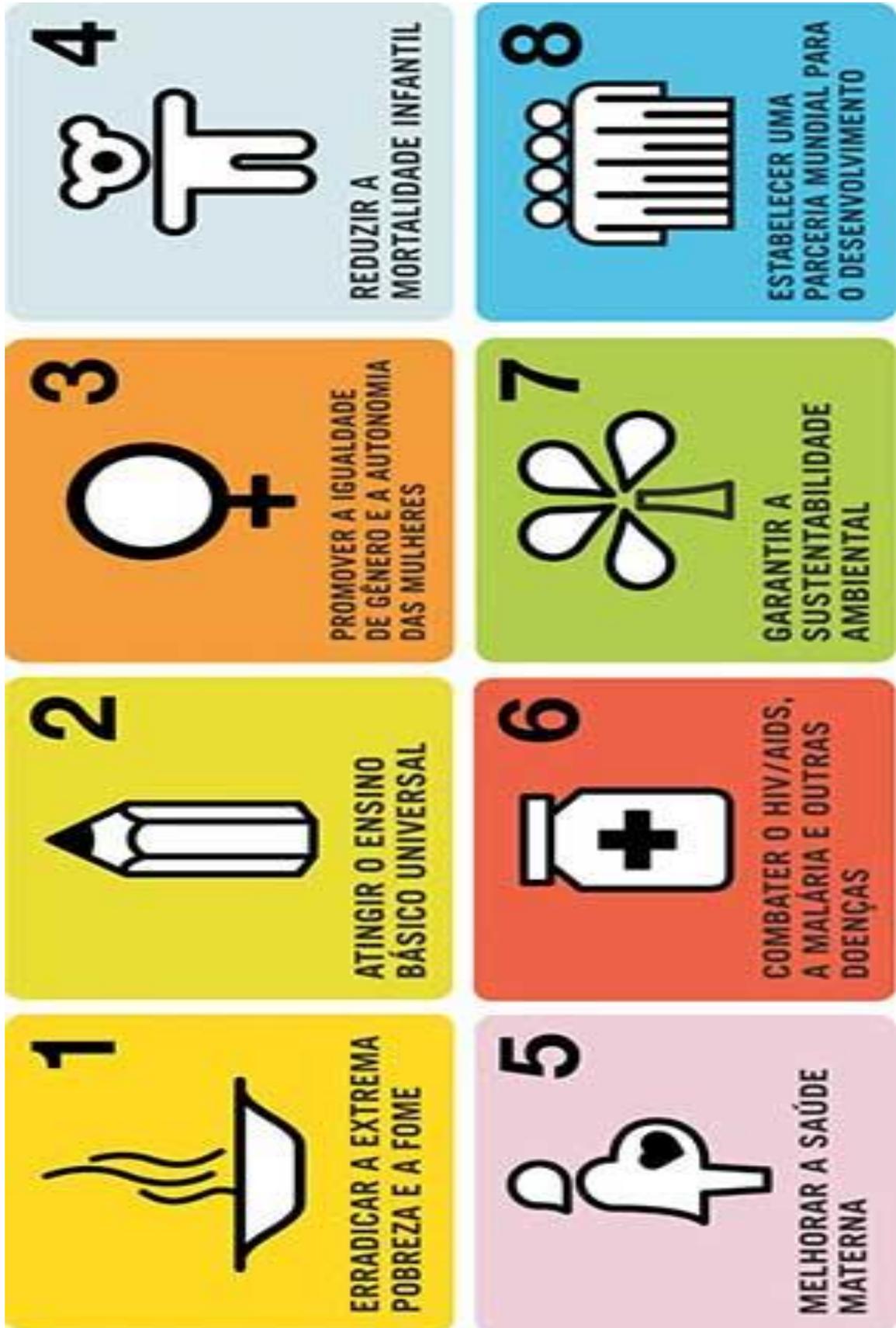
Ainda hoje, 76 anos depois de sua criação, com 193 países fazendo parte de sua organização, a ONU segue trabalhando para manter a paz e a segurança, dar assistência humanitária aos necessitados, proteger os direitos humanos e defender o direito internacional. Ao mesmo tempo, a ONU vem realizando trabalhos que não foram previstos em sua criação em 1945, como a relação com a situação climática e aquecimento global, além de metas de desenvolvimento sustentáveis para o ano de 2030, afim de prover um futuro melhor e mais sustentável ao mundo.

O relatório *Nosso Futuro Comum* (1987, p. 46), define desenvolvimento sustentável como “O desenvolvimento que procura satisfazer as necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazerem as suas próprias necessidades”. Assim, na conferência das Nações para o Meio Ambiente conhecida como Rio 92, a ONU reuniu 100 países no estado do Rio de Janeiro no Brasil, para discutir os direitos das gerações futuras ao desenvolvimento. Ficou acordado a promoção do desenvolvimento sustentável, focado nos humanos e na proteção do meio ambiente como partes essenciais desse processo; e adotaram a Agenda 21, a primeira carta de intenções para promover, em escala planetária, um novo padrão de desenvolvimento para o século XXI.

Desta forma, 20 anos depois 193 países voltariam a cidade do Rio de Janeiro para a Rio+20, o foco principal das discussões da Conferência eram a economia verde no contexto do desenvolvimento sustentável, a erradicação da pobreza e o arcabouço institucional para o desenvolvimento sustentável. Essas orientações guiaram as ações da comunidade internacional nos três anos seguintes, e também deram início ao processo de consulta global para a construção de um conjunto de objetivos universais de desenvolvimento sustentável para além de 2015.

Após a Rio+20, um grande e inclusivo sistema de consulta foi realizado sobre questões de interesse global que poderiam compor a nova agenda de desenvolvimento pós-2015. Diferentemente do processo dos Objetivos do Milênio (ODM), que foram desenvolvidos por especialistas renomados em cúpulas multilaterais realizadas nos anos de 1990 sobre o desenvolvimento humano, e que impulsionaram os países da ONU no enfrentamento dos principais desafios do início do século XXI, os novos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável foram construídos a muitas mãos.

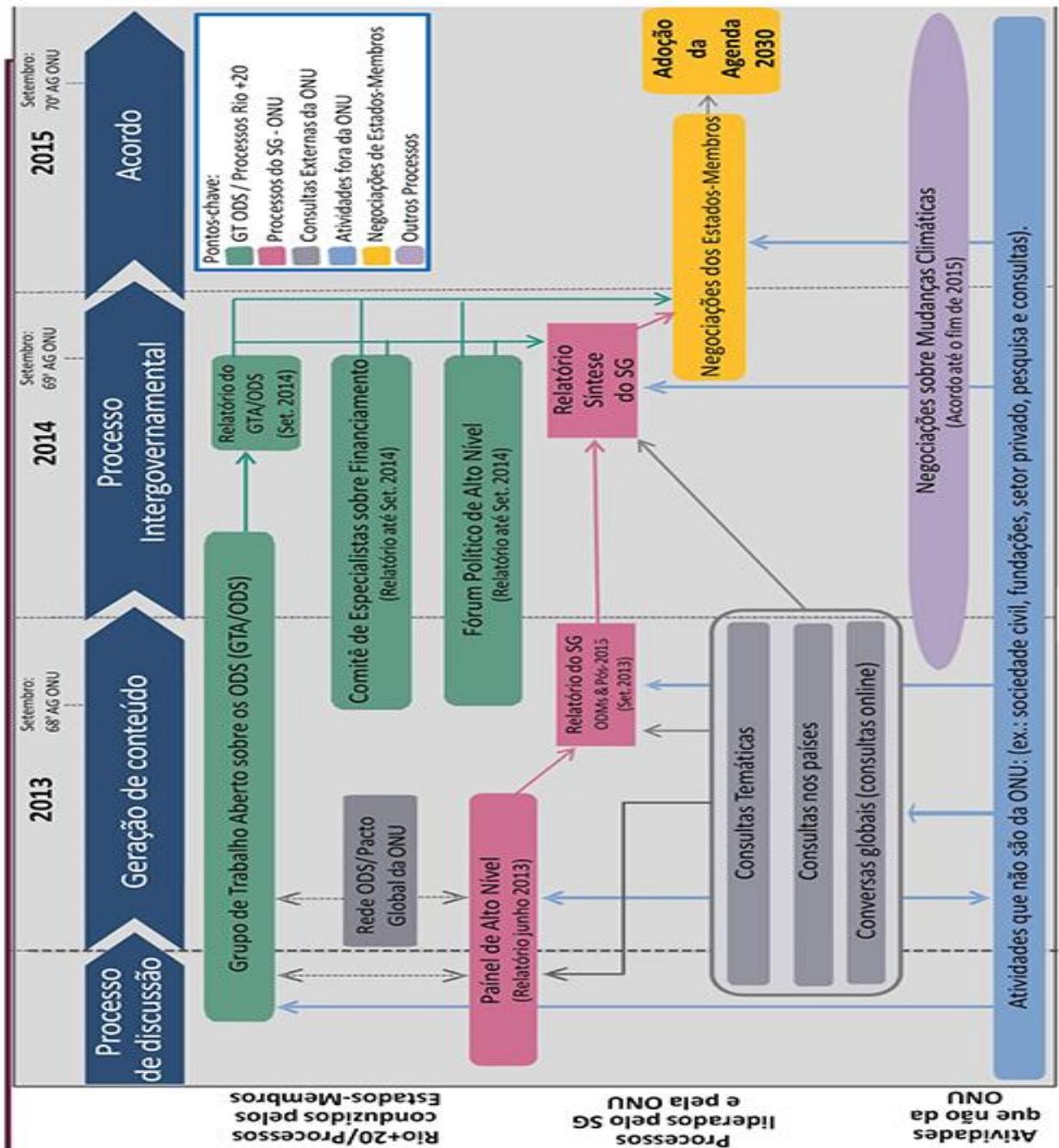
Figura 2 – Síntese de divulgação da ONU com os objetivos do milênio



Fonte: Plataforma Agenda 2030 (Disponível em: <http://www.agenda2030.com.br/sobre/>).

Os novos objetivos para pós 2015 foram elaborados pelos Grupos, que estavam encarregados da criação de uma proposta para os ODS. Constituído por 70 países, contou com o engajamento de diversas partes interessadas: desde a sociedade civil, até contribuições da comunidade científica e do sistema das Nações Unidas. A intenção era proporcionar uma diversidade de perspectivas e experiências.

Figura 1 – O processo de Construção da Agenda 2030 pós-2015



Fonte: Plataforma Agenda 2030 (2015).

Em agosto de 2014, o GTA-ODS (Grupos de Trabalho de Criação dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável) finalizou o texto e submeteu a proposta dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e das 169 metas associadas, à apreciação da Assembleia Geral da ONU em 2015.

O documento adotado na Assembleia Geral da ONU em 2015, “Transformando Nosso Mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável”, é um guia para as ações da comunidade internacional nos próximos anos. E é também um plano de ação para todas as pessoas e o planeta que foi coletivamente criado para colocar o mundo em um caminho mais sustentável e resiliente até 2030. (ONU, 2015)

A Agenda ONU 2030 é uma declaração organizada na forma de um quadro de resultados, com seus 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentáveis (ODS) e suas 169 metas, que devem ser alcançados até 2030. Os 17 Objetivos são indivisíveis e mesclam as três dimensões do desenvolvimento sustentável: a econômica, a social e a ambiental. São como uma lista de tarefas a serem cumpridas pelos governos, sociedade civil, setor privado e todos cidadãos. Os objetivos da agenda 2030 com suas metas foram criados em 2015, com o propósito de cumprimento até o ano de 2030, os quais irão estimular e apoiar ações em áreas de importância crucial para a humanidade: Pessoas, Planeta, Prosperidade, Paz e Parcerias.

Figura 4 – Determinantes sociais da Saúde e desenvolvimento sustentável

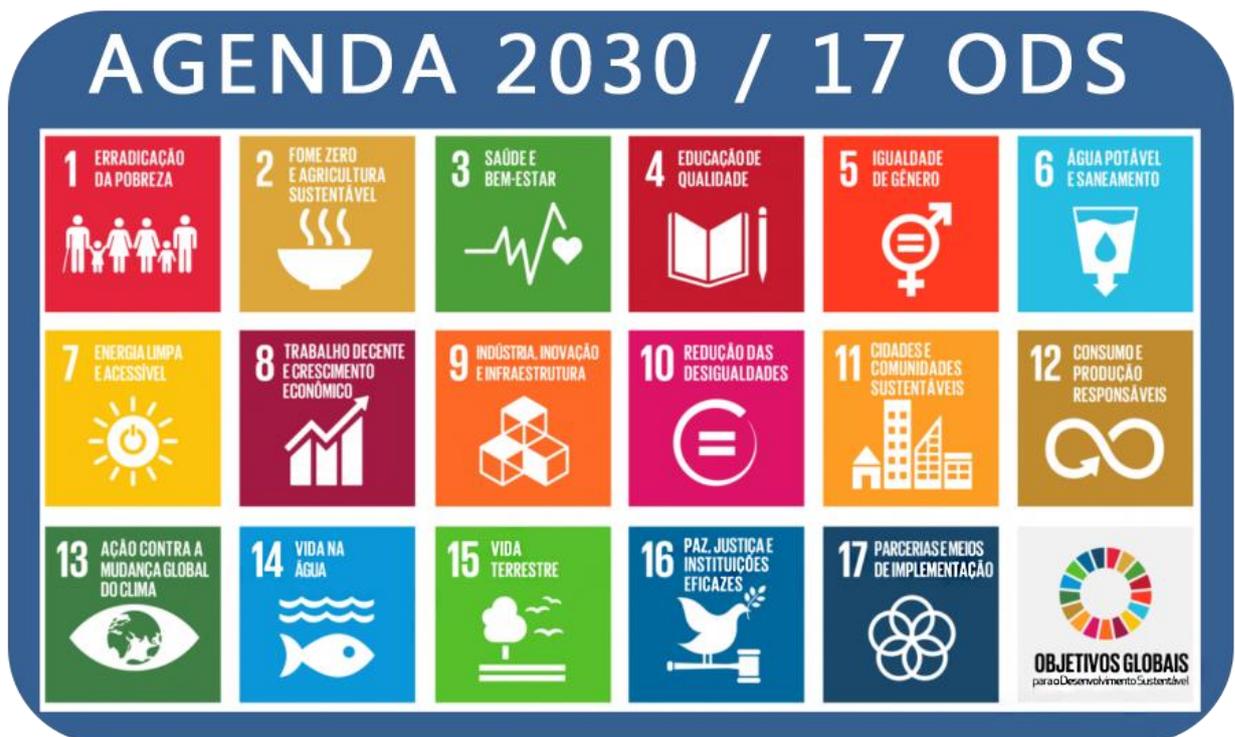


Fonte: Agenda 2030 (2015) (Disponível em: <https://dssbr.ensp.fiocruz.br/faqconc/quais-sao-os-elementos-subjacentes-dos-objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel/>)

Podemos ver nas figuras acima, que assim como a Agenda 2030 traz um ideal de união e cooperação entre os países em prol de um mundo melhor para todos, as imagens já trazem um conceito de cooperação em seu próprio design, como se uma parte fosse importante para o todo, dando visualmente um caráter que vai ao encontro do que é dito e buscado pela política internacional da Agenda 2030.

Assim, ao mesclar os processos dos Objetivos do Milênio e os processos resultantes da Rio+20, a Agenda 2030 e os ODS trazem uma nova fase para o desenvolvimento dos países, buscando integrar os componentes do desenvolvimento sustentável e engajar os países na construção do futuro que queremos. Mas estes objetivos só serão possíveis com o empenho de todos os países, com disciplina e vontade, para que o planeta e as pessoas possam se beneficiar. Na imagem a seguir podemos observar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030:

Figura 5 – 17 ODS da Agenda 2030.



Fonte: Plataforma Agenda 2030 (2015)

Percebe-se que cada ODS vem em um âmbito trazendo formas de um desenvolvimento mundial sustentável, tratando sobre questões como erradicação da pobreza extrema e da fome, prevenção de doenças mortais, mudanças climáticas, desigualdades econômicas, inovação, consumo sustentável, justiça e paz.

Neste contexto de pesquisa ressalta-se a importância do ODS 4 – Educação de Qualidade. Em que dispõe das seguintes metas a serem cumpridas até o ano de 2030:

Quadro 2 - Metas até 2030 do ODS 4

(Continua)

Até 2030, garantir que todas as meninas e meninos completem o ensino primário e secundário que deve ser de acesso livre, equitativo e de qualidade, e que conduza a resultados de aprendizagem relevantes e eficazes.

**Até 2030, garantir que todos as meninas e meninos tenham acesso a um desenvolvimento de qualidade na primeira fase da infância, bem como cuidados e educação pré-escolar, de modo que estejam preparados para o ensino primário.**

**Até 2030, aumentar substancialmente o número de jovens e adultos que tenham habilitações relevantes, inclusive competências técnicas e profissionais, para emprego, trabalho decente e empreendedorismo.**

Até 2030, eliminar as disparidades de gênero na educação e garantir a igualdade de acesso a todos os níveis de educação e formação profissional para os mais vulneráveis, incluindo as pessoas com deficiência, povos indígenas e crianças em situação de vulnerabilidade.

**Até 2030, garantir que todos os jovens e uma substancial proporção dos adultos, homens e mulheres, sejam alfabetizados e tenham adquirido o conhecimento básico de matemática.**

Até 2030, garantir que todos os alunos adquiram conhecimentos e habilidades necessárias para promover o desenvolvimento sustentável, inclusive, entre outros, por meio da educação para o desenvolvimento sustentável e estilos de vida sustentáveis, direitos humanos, igualdade de gênero, promoção de uma cultura de paz e da não violência, cidadania global e valorização da diversidade cultural e da contribuição da cultura para o desenvolvimento sustentável.

Construir e melhorar instalações físicas para educação, apropriadas para crianças e sensíveis às deficiências e à igualdade de gênero, e que proporcionem ambientes de aprendizagem seguros e não violentos, inclusivos e eficazes para todos.

(Conclusão)

Até 2020, ampliar substancialmente, a nível global, o número de bolsas de estudo para os países em desenvolvimento, em particular os países menos desenvolvidos,

pequenos Estados insulares em desenvolvimento e os países africanos, para o ensino superior, incluindo programas de formação profissional, de tecnologia da informação e da comunicação, técnicos, de engenharia e programas científicos em países desenvolvidos e outros países em desenvolvimento.

Até 2030, aumentar substancialmente o contingente de professores qualificados, inclusive por meio da cooperação internacional para a formação de professores, nos países em desenvolvimento, especialmente os países menos desenvolvidos e pequenos Estados insulares em desenvolvimento.

Fonte: Autora (Adaptado de Agenda 2030)

O ODS 4 com suas metas são planos a serem realizados pelo país, em comum acordo e entendimento dos entes governamentais e interligados aos documentos e políticas vigentes da educação. Os objetivos do Desenvolvimento Sustentável interligam-se aos direitos humanos e as vulnerabilidades, uma vez que eles visam a melhoria para a população, no sentido do ensino, da higiene, da saúde, entre outros.

A agenda 2030 e mais especificamente o ODS 4 no Brasil, infelizmente ainda está longe de ser cumprido efetivamente (AGENDA BRASIL, 2019), tendo como base o nível de desigualdade no ensino e a falta de atenção e cuidado para as comunidades esquecidas, como os indígenas, negros e quilombolas. O Brasil ainda aparece como um dos piores países no âmbito da promoção de uma educação de qualidade, e no final do século XXI, ainda tem um índice altíssimo de analfabetismo.

No Brasil, em 2018 havia cerca de 11,3 milhões de pessoas com 15 anos ou mais consideradas analfabetas, isto equivale a uma taxa de 6,8% da população, e ainda conforme exposto pela Agência Brasil (2020), [...] quanto mais velho o grupo populacional, maior a proporção de analfabetos. Em 2018, eram quase 6 milhões de analfabetos com 60 anos ou mais [...], e esse número equivale a 18,6% das pessoas nesta faixa etária, revelando um índice alto.

A maioria da população Brasileira classifica-se como classe-média baixa, há regiões com extrema desigualdade social e pobreza, e neste cenário o ato de ser professor, ensinar fazer parte do processo de Alfabetização das crianças é um trabalho árduo e com muitas dificuldades (AGÊNCIA BRASIL, 2014).

Após estas constatações, o ODS 4, em seu tópico 4.5 diz: “eliminar as disparidades de gênero na educação e garantir a igualdade de acesso a todos os níveis de educação e formação profissional para os mais vulneráveis, incluindo as pessoas com deficiência, povos indígenas e as crianças em situação de

vulnerabilidade” (ONU, 2015). Mais especificamente ao falarmos de vulnerabilidade social, remontamos as palavras de Carmo e Guizardi (2018, p.6):

O ser humano vulnerável, por outro lado, é aquele que, conforme conceito compartilhado pelas áreas da saúde e assistência social, não necessariamente sofrerá danos, mas está a eles mais suscetível uma vez que possui desvantagens para a mobilidade social, não alcançando patamares mais elevados de qualidade de vida em sociedade em função de sua cidadania fragilizada.

Portanto, estar em vulnerabilidade social é ser mais suscetível aos danos causados de todas as formas, é estar desprotegido, sem condições para reagir a certos acontecimentos que ampliam a sua vulnerabilidade em geral. A criança por si só, já é um ser mais dependente e vulnerável por sua inocência e imaturidade, a criança em vulnerabilidade social é definitivamente alguém que precisa urgentemente de um olhar mais apurado e carinhoso.

O contexto educacional brasileiro evidenciou o enorme número de analfabetos que temos e o mais preocupante cenário nos primeiros anos do ensino fundamental, a compreensão da agenda 2030 bem como o cumprimento do ODS 4 vem ao encontro da tentativa de erradicação do Analfabetismo no país, principalmente no cenário de estudo desta pesquisa, que se configura como uma população mais carente com extrema vulnerabilidade social, na qual se evidenciam às diferenças sociais, desigualdades, entre outros. O objetivo da ODS 4 é promover uma educação de qualidade a todos até o ano de 2030, em conjunto com seus outros objetivos que salientam estarem interligados, pois para se ter condições de aprender, de ler e de escrever as crianças devem ter o mínimo de condições de saúde, de higiene e de alimentação.

A agenda 2030 e no ODS 4, o analfabetismo e suas taxas se apresentam vinculados a questão da vulnerabilidade social, e torna-se evidente que as famílias mais pobres não têm condições de sustento e de manter internet e acesso a computadores para as crianças poderem assistir as aulas, principalmente no período em que o ensino foi totalmente remoto agravando assim a taxa de analfabetos nesses últimos nos com a presença efetiva da Pandemia.

A alfabetização nos primeiros anos de ensino no país é fortemente impactada pela desigualdade social, pela falta de recursos das famílias, escolas e pela precariedade em muitas comunidades na infraestrutura escolar, nas quais sem

condições mínimas de acesso ao ensino, torna-se extremamente difícil desenvolver a aprendizagem. O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (INEP, 2021), mostra por pesquisa indicadores dos níveis de aprendizagem dos estudantes na escola evidenciando que a pobreza, a vulnerabilidade social impacta nos resultados da educação. A própria ONU nos coloca que a pobreza não é apenas uma questão econômica, mas multidimensional envolvendo várias facetas, como falta de recursos, de oportunidades, de capacidade, de segurança, entre outros. A agenda 2030 criada pela ONU, interliga o ODS 4 as metas da ODS 1 que estabelece: “Até 2030, erradicar a pobreza extrema para todas as pessoas em todos os lugares, atualmente medida como pessoas vivendo com menos de US\$1,25 por dia.” (ONU, 2015).

A qualidade de ensino e a alfabetização das crianças delineadas nas metas do ODS 4, envolve as metas do ODS 1, uma vez que um ensino de qualidade, na maioria das vezes, só acontece se a criança tiver as mínimas condições para frequentar a escola, direito à alimentação, vestimenta e material escolar. Sob este aspecto, delimitamos a compreensão de vulnerabilidade social apoiada em Benatto (2016, p. 18):

A vulnerabilidade social é preocupação de diferentes áreas, desde a saúde a movimentos sociais e identificar grupos em situações de risco exige considerar diversos aspectos e variáveis, dentre elas variáveis sociais, culturais e psicológicas. A identificação de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade escolar possibilita a construção de estratégias para lidar com essa situação de conflito

A vulnerabilidade social provoca muitas lacunas no processo de ensino-aprendizagem de crianças em comunidades carentes, quilombolas e indígenas. Cabe as instituições escolares promoverem um olhar para esses sujeitos que se encontram em situação de risco, principalmente após a fragilidade imposta pela pandemia às famílias. Em vista de elaborar propostas de ensino e de recursos para recuperar as aprendizagens das crianças e garantir o direito à educação, ao ensino, e a uma alfabetização de qualidade é muito importante a urgência e dedicação de todos.

## 2.2 CONTEXTO GERAL DA ALFABETIZAÇÃO: HISTÓRIA, TEORIAS E LEGISLAÇÃO VIGENTE

O processo de alfabetização que acontece nos anos iniciais, objeto de estudo desta pesquisa, aliado com as tecnologias, pode representar um ganho significativo

para a Alfabetização na idade certa, de modo a proporcionar um enriquecimento na aprendizagem, leitura e escrita, ajudando a diminuir a defasagem na aprendizagem dos anos iniciais.

A não aprendizagem e defasagem no ciclo de alfabetização vão tornando-se imperceptíveis devido a progressão automática obrigatória nestas séries, primeiro e segundo ano do Ensino Fundamental, pois compreende-se que as crianças estão em um processo de construção da aprendizagem. Muitas vezes o ensino não proporciona uma aprendizagem efetiva, e a progressão então apenas atenua que o processo de ensino-aprendizagem não foi eficaz.

É por meio da alfabetização que a criança começa a decifrar o alfabeto, a conhecer o mundo das palavras e das sílabas, a elaborar frases, a construir conceitos, elaborar o pensamento próprio e crítico, refletindo e escrevendo sobre seus interesses e curiosidades. A prática da leitura remonta-se ao surgimento da prática da escrita, a qual tem seu início na antiga civilização mesopotâmia, com os primeiros traços de escrita cuneiforme com o uso de argila e cunha – ferramenta de metal ou madeira. O nosso tradicional conhecido alfabeto, vem de uma grande construção histórica passada entre civilizações e adaptações. O ato de alfabetizar também foi evoluindo com o passar do tempo, muitas técnicas iniciaram este processo, Rizo (2005 apud BARBOSA, p.16, 2016)

afirma que o ensino da leitura e da escrita enfatizava somente o domínio do alfabeto, nesse período ensinava-se ao indivíduo apenas o nome e as formas das letras. Esse processo iniciava-se pelo reconhecimento oral do nome de cada letra. Nesta época os alunos eram alfabetizados de modo em que aprendiam a ler algo escrito e depois copiavam ou somente transcreviam. Esse processo de leitura e cópia era considerado o segredo da Alfabetização.

Desta forma, no contexto brasileiro a história da alfabetização encontra-se vinculada aos métodos tradicionais de ensino desde o final do século XIX, entretanto ao surgir a teoria da aprendizagem construtivista para a alfabetização, desenvolvida por Ferreiro e Teberosky (1985) mudam-se algumas concepções.

Estar alfabetizado representa muito mais do que apenas ler e escrever, e sim fazer parte de um mundo letrado e poder interagir de forma consistente e reflexiva sobre as questões que nos cercam. Ler e escrever é mais do que decodificar símbolos, é estar em sintonia com a sociedade em que vivemos, é um passo para o êxito. No campo de mudança na compreensão da Alfabetização, são os trabalhos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky sobre a Psicogênese da Língua Escrita (FERREIRO e

TEBEROSKY, 1985; FERREIRO, 1985) que influenciam e impactam em pensar novas práticas para o processo de Alfabetização.

Segundo Ferreiro (1996, p.21)

Para aprender a ler e a escrever é preciso apropriar-se desse conhecimento, através da reconstrução do modo como ele é produzido. Isto é, é preciso reinventar a escrita. Os caminhos dessa reconstrução são os mesmos para todas as crianças, de qualquer classe social.

Por tanto, como afirma Ferreiro (1996), o processo de aprender a ler e escrever precisa ser ressignificado, sendo necessário uma releitura de metodologias, e as tecnologias podem contribuir para este processo de forma significativa e inovadora. Independentemente da classe social e da realidade vivenciada pelo aluno, é possível proporcionar novas possibilidades e intervenções que contribuam para a transformação do processo de alfabetização na idade certa, ultrapassando as vulnerabilidades e barreiras sociais.

Antes do pensar de Ferreiro (1996) o debate sobre a Alfabetização no Brasil, como salientado, girava em torno de métodos: analíticos, sintéticos ou fonéticos. O pensar era centralizado na análise de maturidade da criança, se ela tinha compreensão suficiente estava pronta para aprender. Conforme, descrito pelo Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), (2012, p.16).

Na década de 1980, as práticas de Alfabetização baseadas em métodos sintéticos e analíticos que culminavam na retenção, na 1ª série, de uma grande parcela da população que frequentava as redes públicas de ensino passaram a ser amplamente criticadas à luz de teorias construtivistas e interacionistas de ensino (em geral) e da língua (em particular).

O processo de alfabetização e conceituação no Brasil, nas décadas de 70 e 80 era através do uso das cartilhas, no qual o processo de ensino-aprendizagem era baseado em saber juntar as palavras, saber as letras e as instituições faziam uso do conhecido método sintético, em que se utilizavam da fonação e da soletração de palavras, sílabas. A alfabetização passa por mudanças, e em vista disso é importante conhecer esses métodos antes aplicados, e que agora não tem mais grande espaço no processo de alfabetizar. O método sintético era centrado no estudante decorar o alfabeto e relacionar as letras a objetos de seu conhecimento, como A, de Árvore, B de boneca, entre outros.

Na construção da alfabetização neste momento, temos o pensar teórico de Freire que criticava o uso das cartilhas e era contra o uso destes modelos prontos, propondo desta forma um novo método para alfabetizar. Para Freire (1979, p. 72):

A alfabetização não se pode fazer de cima para baixo, nem de fora para dentro, como uma doação ou uma exposição, mas de dentro para fora pelo próprio analfabeto, somente ajustado pelo educador. Esta é a razão pela qual procuramos um método que fosse capaz de fazer instrumento também do educando e não só do educador.

O pensar de Freire leva a um saber de leitura e escrita no qual o processo não deve ser dado, doado como nas cartilhas que levavam os alunos a repetição de palavras, e sim criado pelo próprio sujeito. Por sua vez, Ferreiro e Teberoski (1985) também juntamente com o pensar Freiriano, criticam as cartilhas, haja vista por trabalhar com palavras soltas, incentivar a decoreba, e não contextualizar o significado das palavras e estudar os conceitos, as frases. Nesta mesma linha, Soares (2003), nos diz que na época da cartilha havia método sem teoria, hoje temos a teoria sem método específico, cabendo a cada educador utilizar as melhores estratégias em suas salas de aula.

Percebe-se que o pensamento construtivista e interacionista abnegava a retenção das crianças na primeira série, hoje denominada primeiro ano do Ensino Fundamental, pois as crianças estariam em processo de Alfabetização, que não seria completado tão somente em apenas um ano letivo. Hoje podemos perceber o Ciclo de Alfabetização, centrado no primeiro e segundo ano do Ensino Fundamental, no qual as crianças estão em progressão automática.

A criança ao adentrar aos Anos Iniciais passa a ter novos compromissos com o ensino, o professor deve conseguir alfabetizar e letrar esta criança. Compreende-se que a alfabetização tem por propósito promover habilidades e competências de leitura e escrita. Por sua vez, os educadores devem fazer uso de ferramentas de escrita e leitura, para que a criança interaja com o mundo do letramento, das palavras, dos conceitos, das formas geográficas, dos números.

Como exposto sobre os métodos do processo de alfabetização e da contribuição de teóricos percebe-se que as definições e padrões de Alfabetização mudaram, tais métodos não são mais reproduzidos no século XXI, haja vista que posterior as décadas de 70 e 80, surgiu programas e legislações que vieram em defesa da Alfabetização e de novas propostas metodológicas para se aplicar em sala

de aula. Ressalta-se logo de início sobre a Alfabetização nos primeiros dois anos do Ensino fundamental, conforme BNCC (2017 p.59)

a ação pedagógica deve ter como foco a Alfabetização, a fim de garantir amplas oportunidades para que os alunos se apropriem do sistema de escrita alfabética de modo articulado ao desenvolvimento de outras habilidades de leitura e de escrita e ao seu envolvimento em práticas diversificadas de letramentos.

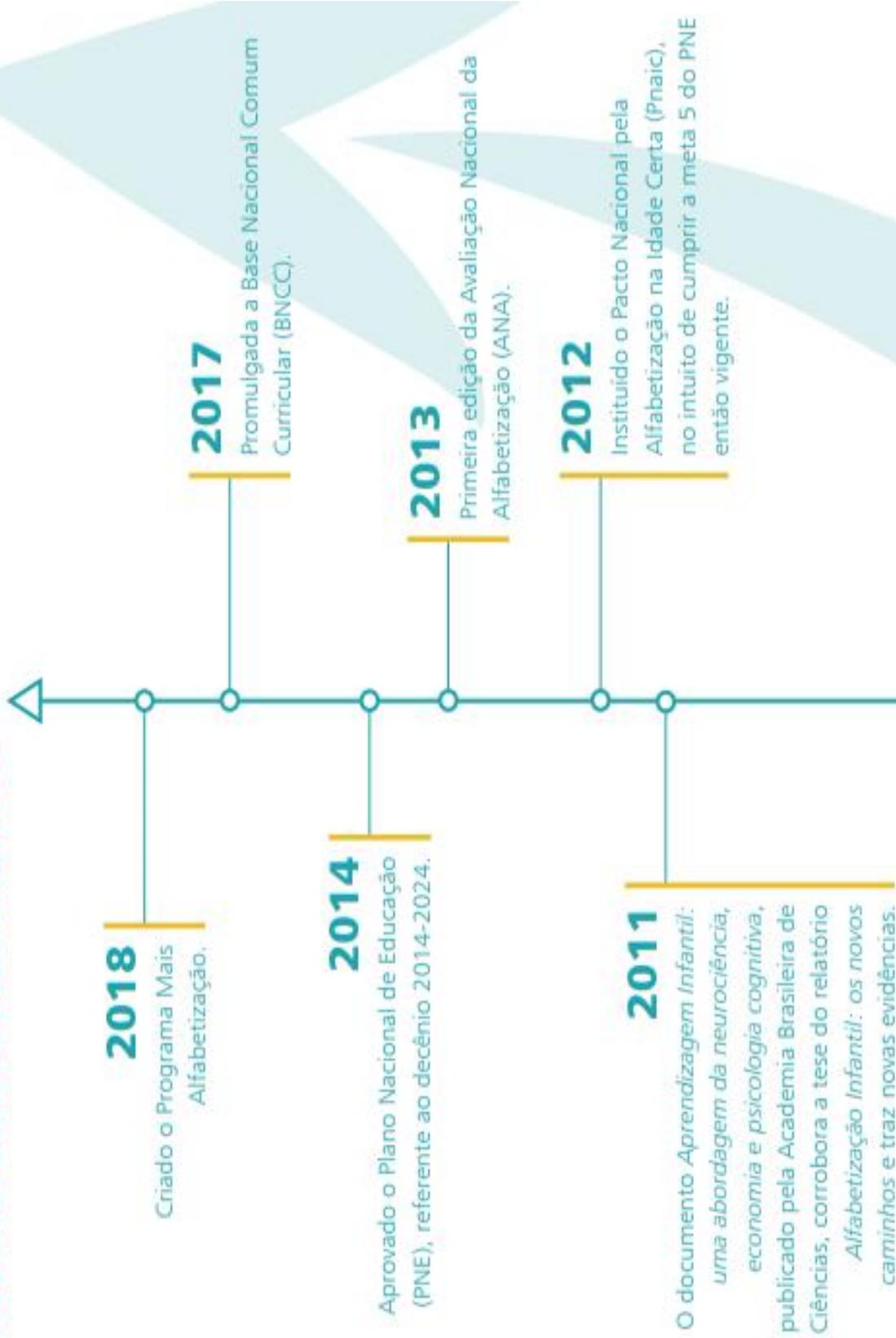
A partir disso é de suma importância adentrar ao conhecimento então das novas políticas e programas que asseguram a Alfabetização das crianças e estabelecem metas para melhorar a qualidade de ensino. Assim no contexto de compreensão legislativa e documentos sobre a presença e inserção da Alfabetização nas instituições de ensino, apresenta-se alguns documentos e leis, a saber: Constituição Federal de 1988, Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LEI nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996), Plano Nacional de Educação (PNE, 2014), Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), e por fim, a Política Nacional de Alfabetização (PNA, 2019). Segue figura, sobre linha do tempo da legislação sobre a alfabetização:

Figura 6 – Marcos históricos e normativos da alfabetização

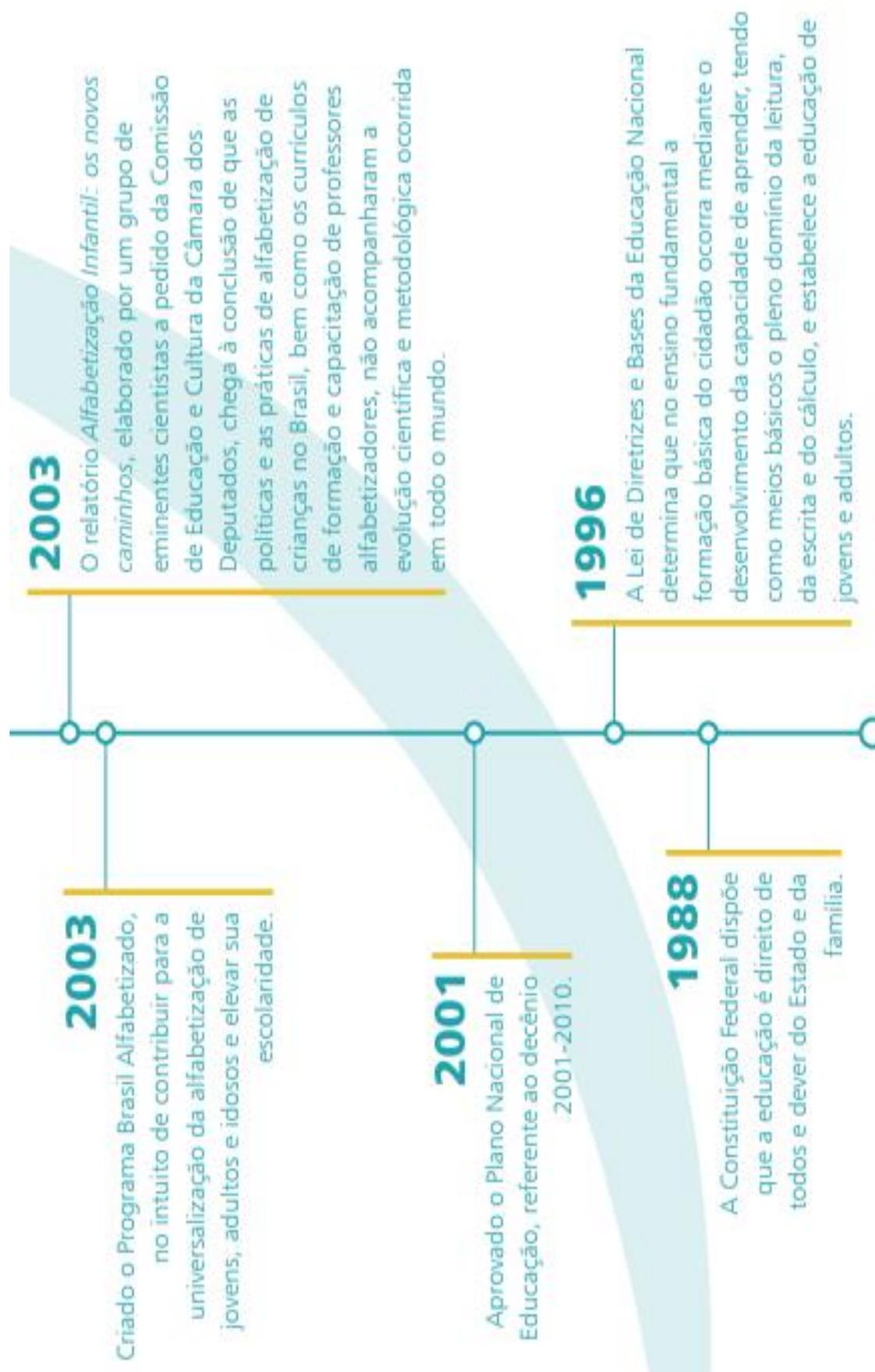
(Continua)

## LINHA DO TEMPO

### MARCOS HISTÓRICOS E NORMATIVOS



(Conclusão)



No ano de 1988, surge a Constituição Federal Brasileira (1988) que dispõe no seu art. 208: “O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: I- ensino fundamental obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria”. Logo após em 1996, surge a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996), salienta sobre a educação em seu art. 1º:

Art. 1º. A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

No que tange a afirmação da importância da alfabetização, na seção sobre Ensino Fundamental, em seu art. 32º a lei diz:

Art. 32. O ensino fundamental, com duração mínima de oito anos, obrigatório e gratuito na escola pública, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante:

I – O desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;

Isto discorre, a preocupação evidente já no século XX, em promover no ensino a alfabetização como um direito da criança e dever do país, já que os estudantes ao adentrar no ensino fundamental têm por dever aprender a ler, a escrever e desenvolver capacidades de raciocínio lógico e crítico.

No ano de 2003, pelo Ministério de Educação (MEC), surgiu o Programa Brasil Alfabetizado, em vigência até o momento, em vista de promover a superação do analfabetismo e contribuir para a universalização do ensino fundamental no Brasil, abrangendo o público de jovens com 15 anos ou mais, adultos e idosos analfabetos, priorizando-se as pessoas privadas de liberdade e as populações do campo e quilombolas.

Em 2011, surge O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), com o objetivo de propiciar melhorias e ensino da língua português e matemática a todas as crianças até o final do terceiro ano do ensino fundamental. E em vista de garantir a todas as crianças o direito de ler e escrever o PNAIC delineou os seguintes objetivos:

- Entender a concepção de alfabetização na perspectiva do letramento;

- Aprofundar a compreensão sobre currículo nos anos iniciais do Ensino Fundamental a perspectiva da Educação Inclusiva e das diferentes concepções de alfabetização;
- Compreender a importância da avaliação no ciclo de alfabetização, analisando e construindo instrumentos de avaliação e de registro de aprendizagem;
- Construir coletivamente o que se espera em relação aos direitos de aprendizagem e desenvolvimento no ciclo de alfabetização.

O cenário educacional em 2014, preocupado com as taxas de analfabetismo implanta o Plano Nacional de Educação do decênio no período de 2014-2024, o PNE traz em sua Meta 5: “Alfabetizar todas as crianças, no máximo, até o final do 3 (terceiro) ano do ensino fundamental. E destacam-se as estratégias e objetivos delineados em vista de atingir a meta nº5:

Quadro 3 - Estratégias e objetivos da Meta 5 do PNE

(Continua)

**5.1) estruturar os processos pedagógicos de Alfabetização nos anos iniciais do fundamental, junto com as estratégias desenvolvidas na pré-escola, a fim de garantir a Alfabetização plena de todas as crianças;**

**5.2)** instituir instrumentos de avaliação nacional para aferir a Alfabetização das crianças, bem como estimular os sistemas de ensino e as escolas a criarem os respectivos instrumentos de avaliação e monitoramento;

**5.3)** selecionar, certificar e divulgar tecnologias educacionais para a Alfabetização de crianças, assegurada a diversidade de métodos e propostas pedagógicas;

**5.4)** fomentar o desenvolvimento de tecnologias educacionais e de práticas pedagógicas inovadoras que assegurem a Alfabetização e favoreçam a melhoria do fluxo escolar e a aprendizagem dos estudantes;

**5.5)** apoiar a Alfabetização de crianças do campo, indígenas, quilombolas e de populações itinerantes, com a produção de materiais didáticos específicos, e desenvolver instrumentos de acompanhamento que considerem o uso da língua materna pelas comunidades indígenas e a identidade cultural das comunidades quilombolas;

(Conclusão)

**5.6)** promover e estimular a formação inicial e continuada de professores (as) para a Alfabetização de crianças, com o conhecimento de novas tecnologias educacionais e práticas pedagógicas inovadoras;

**5.7)** apoiar a Alfabetização das pessoas com deficiência, considerando as suas especificidades, inclusive a Alfabetização bilíngue de pessoas surdas, sem estabelecimento de terminalidade temporal.

Fonte: Autora adaptado do PNE, 2014.

As metas delineadas do Plano Nacional de Educação evidenciam a preocupação com a alfabetização de todos, principalmente em levar a educação aos locais de vulnerabilidade social e as populações mais carentes como crianças do campo, indígenas e quilombolas levando em consideração suas origens e língua materna. Em que por sua vez essas ações devem envolver a formação adequada e continuada dos profissionais da educação alinhada aos conhecimentos das tecnologias que surgem para auxiliar na educação.

Novas práticas pedagógicas e abordagens metodológicas são sugeridas como recurso para melhorar a alfabetização no país, mas os professores devem receber formação para isso, nas comunidades mais distantes e vulneráveis o acesso à internet torna-se difícil, logo novos materiais didáticos devem ser produzidos para conduzir o processo de alfabetização das crianças.

Essas metas do PNE são monitoradas e acompanhadas pelo INEP, que apresenta a cada dois anos os indicadores sobre a taxa de alfabetização no cenário do ensino, contudo estudos revelam a preocupação com níveis de desigualdade de leitura e escrita principalmente na rede pública de ensino em localidades de mais difícil acesso, zona rurais e comunidades em situação de vulnerabilidade social.

Haja vista a necessidade do cumprimento das metas e do Ministério da Educação buscar novas propostas de melhorar a qualidade do ensino, a alfabetização no Brasil no ano de 2019 passa por mudanças e a instauração de uma política, o decreto n<sup>o</sup> 9.765, de 11 de abril de 2019, institui a Política Nacional de Alfabetização (PNA).

Este novo decreto, surge com a finalidade de implementar programas e ações voltados à promoção da alfabetização baseada em evidências científicas, de melhorar a qualidade da alfabetização no território nacional e de combater o analfabetismo

absoluto e o analfabetismo funcional, no âmbito das diferentes etapas e modalidades da educação básica e da educação não formal.

No art. 4 apresenta-se os objetivos da PNA, ressaltando aqui a importância de dois:

I - Elevar a qualidade do ensino e da aprendizagem no âmbito da alfabetização, da literacia e da numeracia, sobretudo nos primeiros anos do ensino fundamental, por meio de abordagens cientificamente fundamentadas;

II - Assegurar o direito à alfabetização a fim de promover a cidadania e contribuir para o desenvolvimento social e econômico do País;

A partir do contexto de conhecer os programas e políticas de fomento a qualidade e processo de melhorar a Alfabetização no país, infelizmente a realidade ainda é insuficiente, logo se evidencia brevemente um estudo sobre o cenário atual da Alfabetização no País, haja vista o agravamento dos números no período da pandemia. Por sua vez, a PNA, de 2019, vem auxiliando com ações para tentar combater a crise imposta no processo de alfabetizar nas escolas, resalta-se para conhecimento que entre as ações da PNA no período de suspensão das aulas para minimizar o déficit no ensino da Alfabetização das crianças o surgimento das seguintes ações:

#### Quadro 4 - Ações Sealf/MEC

(Continua)

**Programa Conta para Mim:** Em substituição às ações presenciais previstas, foram desenvolvidos materiais *on-line* gratuitos voltados a incentivar e orientar pais, familiares e demais interessados a aplicarem, em casa, práticas de literacia familiar e experiências relacionadas com a linguagem, leitura e escrita

**Programa Tempo de Aprender:** É um programa de Alfabetização abrangente, destinado às crianças da pré-escola e do 1º e 2º ano do Ensino Fundamental das escolas públicas brasileiras. A iniciativa compreende um conjunto de dez ações organizadas em quatro eixos e já conta com a adesão de aproximadamente 80% dos entes federados

(Conclusão)

**Cursos para professores:** disponibilizados gratuitamente na plataforma Avamec: Curso Práticas de Alfabetização; Alfabetização Baseada na ciência; e práticas de produção de texto.

**PDDE Emergencial:** Em ação conjunta entre a Secretaria de Educação Básica (SEB) e a Sealf, foram direcionados recursos do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE) para que unidades escolares da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental preparem-se para o retorno às atividades presenciais

Fonte: Autora adaptado de Sealf, Ministério de Educação.

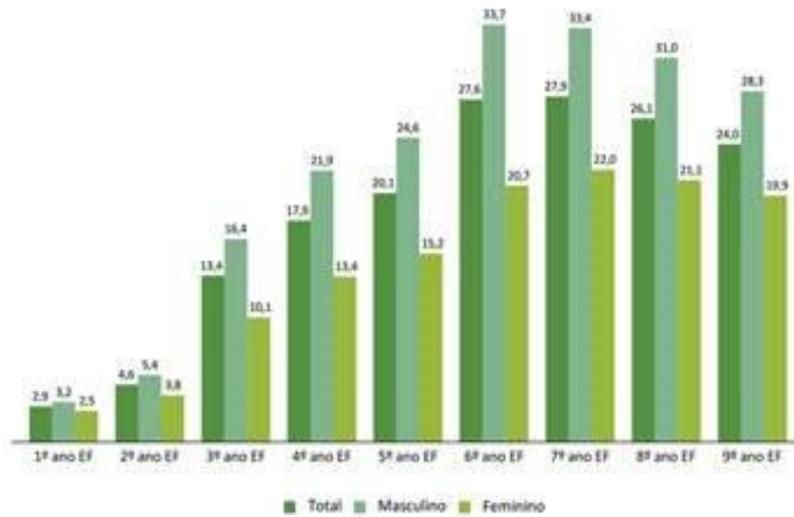
### 2.2.1 Cenário Vigente da Alfabetização no Brasil

A luta ao combate do analfabetismo no País não é recente e o órgãos governamentais vem investindo muito com a criação de leis e programas já citados. De acordo com dados do IBGE (2018), a taxa de analfabetismo vem reduzindo, com 6, 8%, para 2019 foi para 6,6%, contudo ainda há a realidade de 11 milhões de pessoas em situação de analfabetismo e a preocupação em como as crianças que estão nesse processo, no ensino fundamental, estão sendo ensinadas.

Em vista disso, percebe-se um diferencial da taxa de distorção da Rede Pública de educação para com Rede Privada, identificando as diferenças no processo de Alfabetização. E por fim, os dados mais atualizados de acordo com Indicador de Analfabetismo Funcional (INAF), no Brasil.

Gráfico 1 – Taxa de Distorção Idade – série na Rede Pública DE Ensino Fundamental Segundo sexo – Brasil – 2019

**TAXA DE DISTORÇÃO IDADE-SÉRIE NA REDE PÚBLICA POR SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL SEGUNDO SEXO - BRASIL - 2019**

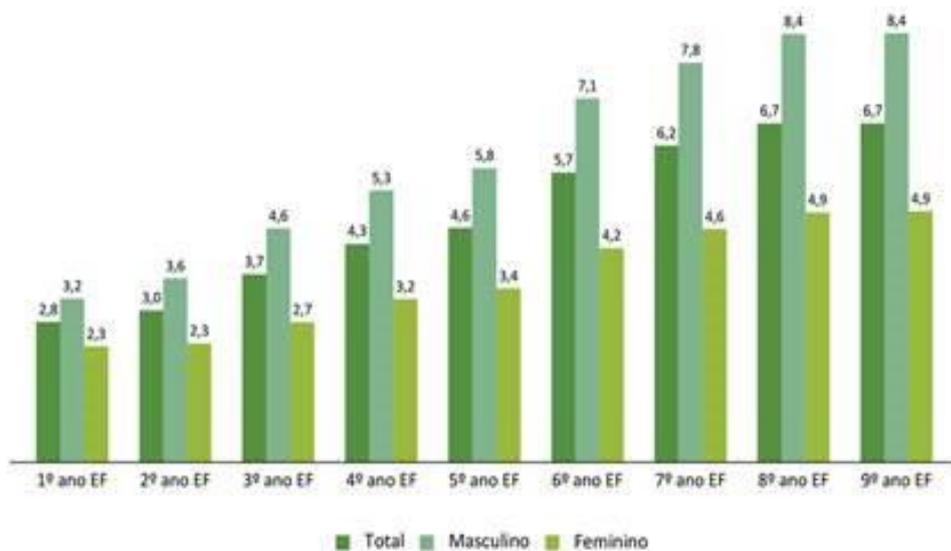


Fonte: Elaborado por DEED/Inep com base nos dados do Censo da Educação Básica.

Fonte: Deed/INEP

Gráfico 2 – Taxa de Distorção Idade – série na rede Privada por Série do Ensino Fundamental Segundo Sexo – Brasil-2019

**TAXA DE DISTORÇÃO IDADE-SÉRIE NA REDE PRIVADA POR SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL SEGUNDO SEXO - BRASIL - 2019**



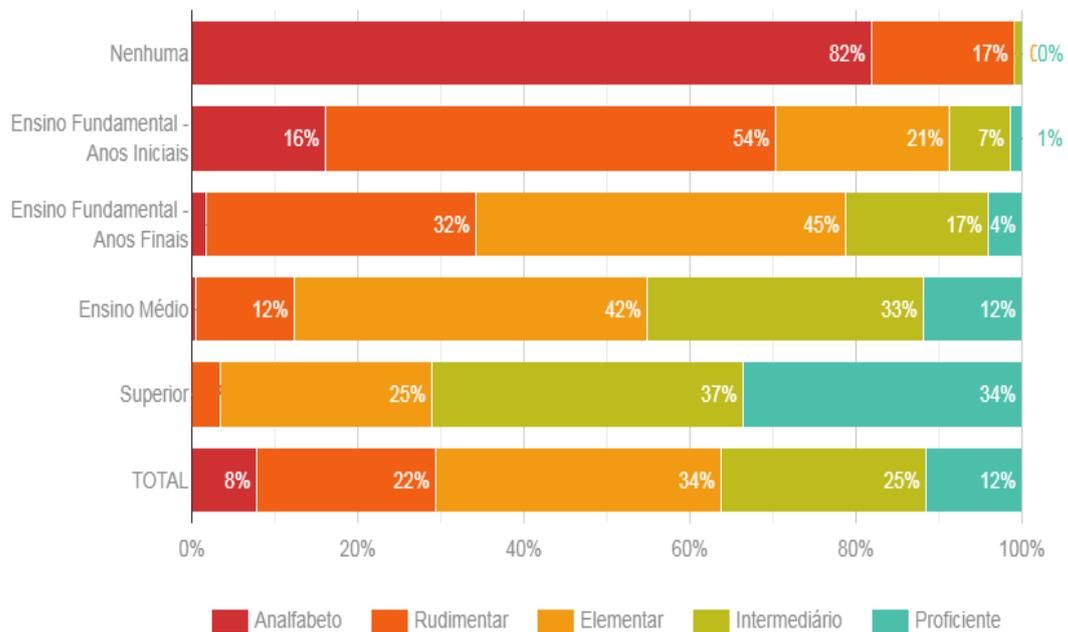
Fonte: Elaborado por DEED/Inep com base nos dados do Censo da Educação Básica.

Fonte: Deed/Inep

Os gráficos 1 e 2 mostram a realidade do ensino na escola privada e na escola pública, evidenciando o nível de atraso escolar em porcentagem, para o interesse desta pesquisa a análise concentra-se no percentual dos dois primeiros anos do Ensino Fundamental. Na Rede Pública o percentual do 1º ano fica em total 2,9% e na Privada 2,8%, pouca diferença, contudo no 2º ano do Ensino Fundamental, a diferença aumenta, de 4,6% na pública para 1% na Rede Privada, evidenciando as diferenças sociais e as vulnerabilidades e desigualdades presentes no ensino, pois crianças com melhores condições financeiras tem um acompanhamento e resultado melhor do que as crianças que estão em situação de carência na Rede Pública de Ensino.

Conforme o INAF, no ano de 2018, 71% da população Brasileira pode ser considerada funcionalmente alfabetizada, dois pontos percentuais abaixo do índice registrado em 2015. De acordo com os resultados do INAF, “Sete em cada dez que cursaram apenas os anos iniciais do Ensino Fundamental permanecem na condição de analfabetismo funcional e 21% chegam apenas ao nível elementar”. Para melhor compreensão, segue Gráfico do INAF, com alfabetismo por níveis de escolaridade:

Gráfico 3 – Alfabetismo por nível de escolaridade



Fonte: INAF, 2018 (Disponível em: <https://alfabetismofuncional.org.br/alfabetismo-no-brasil/>).

Haja vista este estudo focar no analfabetismo nos iniciais do ensino fundamental, e como pessoas em vulnerabilidade social são mais propensas a não

conseguir concluir seus estudos no país, o Gráfico 3 do INAF do ano de 2018 ressalta uma porcentagem de 16% de analfabetos nos anos iniciais uma porcentagem preocupante, pois já temos em implantação planos de ensino e a presença de novas tecnologias como suporte de auxílio aos educadores para tentar melhorar esse cenário agravante. A taxa de analfabetismo rudimentar se mostra ainda maior 54%, em que estes alunos conseguem ler e identificar o contexto mais mediante figuras e letra brasão do que apenas palavras.

O cenário econômico e social brasileiro é muito afetado, evidenciando comunidades e famílias muito carentes em todas as regiões brasileiras, isso gera múltiplas consequências no ensino desde cedo, pois as crianças são condicionadas ao mundo do trabalho, sem necessariamente ter a devida formação educacional, implicando assim nas porcentagens de alfabetismo que vimos, e por sua vez algumas profissões e habilidades de conhecimento não envolvem ter o conhecimento de letramento e numeração (INAF, 2021).

Essa comparação e dados aqui descrito, mostra o cenário educacional brasileiro e o quanto ainda estamos retrocessos frente a taxa de alfabetização no País. Este debate e estudo configura-se mais importante ainda quando o cenário do contexto da Pandemia em 2020, com o surgimento da COVID-19, o vírus SARS-COV-2, que promoveu o fechamento temporário das instituições escolares no País, aderindo-se assim o ensino remoto e deixando evidente a vulnerabilidade social de muitas famílias as quais não tinha acesso a nenhum tipo de dispositivo tecnológico para acessar as aulas para seus filhos.

Logo uma pesquisa realizada recentemente, pelo Todos pela Educação (2022), mostrou que a pandemia só agravou os desafios da alfabetização, subindo para 66% o número de crianças que não sabem ler e nem escrever no país. A fase da alfabetização é de extrema importância na faixa etária das crianças dos 5 a 7 anos, e o ensino remoto atrasou muito o desenvolvimento e a formação destes estudantes, que por sua vez o número de não alfabetizados subiu de 1,4 milhões em 2019, para 2,4 milhões no ano de 2021.

O contexto percentual evidenciado pelos gráficos é passível de mudança com o planejamento e aplicação das propostas já vistas pela Agenda 2030, bem como um olhar mais forte da secretaria educacional do país em investir na formação dos professores para com o uso das tecnologias da informação e da comunicação em sala de aula em trabalho em conjunto com as metodologias ativas, as quais podem ajudar

a melhorar o processo de alfabetização das crianças, promovendo uma conscientização que lugar da criança é na escola, e não como objeto de mão de obra.

### 2.3 PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: TECNOLOGIAS DIGITAIS E AS METODOLOGIAS ATIVAS COMO AUXILIADORAS

O uso e debate de tecnologias e recursos digitais na educação não é nenhum assunto novo; as tecnologias inserem-se como um dos elementos que constituem as ações dos sujeitos na sociedade contemporânea, os jovens ao se servirem dessa ferramenta trocam mensagens e outras formas de escrita, principalmente nas redes sociais, produzindo novos discursos. No processo de reflexão sobre o cenário das Tecnologias da Informação e da Comunicação na escola básica, faz-se necessário pensar os modos de subjetivação que ela constitui junto as crianças e aos jovens, e as demandas que ela produz no campo da educação escolar.

As tecnologias no âmbito escolar surgem desde o século XX, com a presença inicial de computadores de mesa nas instituições, bem como programas criados pelo governo, que dão início a essa transição da efetivação do uso das tecnologias nas escolas, por parte de educadores e de alunos. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 2000), ressaltam a necessidade de constituição de competências e habilidades na formação sobre o uso das TIC. Os PCNs são diretrizes norteadoras que já apresentavam discursos que possibilitavam o pensar e refletir sobre o ensino e uso das tecnologias em sala de aula. O documento aponta (2000, p.11-12):

1. Compreender como as novas tecnologias digitais impactam na atuação educacional, no cenário geral da vida social dos sujeitos do processo do ensino e aprendizagem;
2. Aplicar as tecnologias da informação e da comunicação nas instituições de ensino e em todos os contextos profissionais de atuação do estudante, sendo relevante para seu processo de produção estudantil e de crescimento na vida.

Por sua vez as tecnologias passaram a compor as instituições e conforme o avanço de inovação, novos dispositivos foram chegando a sala de aula, como smartphones, tablets, notebooks, e a rede de internet.

Contudo com a chegada da internet e desses dispositivos o educador precisou rever sua metodologia e o seu papel no processo de ensinar. O ensino tradicional, fundamentado no quadro negro, na leitura do livro impresso, passou a ser desestimulante ao aluno, uma vez que, o que atrai seu olhar é este mundo das realidades virtuais. Assim, foi necessário inserir na didática as tecnologias digitais, reformulando planejamento didáticos, modificando a metodologia de ensino, e o professor também precisou rever sua formação, buscando novos estudos para adequar-se a essa nova forma de ensinar.

Concorda-se com Lévy (2011, p.87 )

não há um impacto da tecnologia na educação. Há ferramentas que estão disponíveis e há educadores que podem usar essas ferramentas de um modo ou de outro. O modo como se usa essas ferramentas é que é importante e não as ferramentas em si. É possível criar várias estratégias de ensino fazendo uso dos mesmos instrumentos, mas não há um impacto que seja automático e universal. Cada um pode explorar essas ferramentas a partir de uma determinada estratégia pedagógica: e é essa forma de aplicação que realmente define a eficácia da utilização dos instrumentos.

Ou seja, o professor é o mediador do ensino entre o uso das TIC com o processo de conhecimento dos alunos. Em 2020 com a Pandemia da COVID-19, as instituições precisaram chegar ao virtual, digital, a distância, e o ensino passou a ser remoto.

O fechamento das escolas foi uma medida adotada por todos os países. A primeira manifestação do Ministério da Educação (MEC) sobre a questão ocorreu em 17 de março de 2020, por meio da Portaria nº 343, que dispôs sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durasse a situação de pandemia da COVID-19. Em 7 de dezembro, o MEC publicou em edição extra do Diário Oficial, a portaria 1.038 que altera a Portaria MEC no 544, de 16 de junho de 2020, que dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meio digitais, em cenário de pandemia do novo coronavírus – Covid- 19, e a Portaria MEC nº 1.030, de 1 de dezembro de 2020, que dispõe sobre o retorno às aulas presenciais e sobre caráter excepcional da utilização de recursos educacionais digitais para integralização da carga horária das atividades pedagógicas.

Esta situação do Ensino Remoto por meio digital, revelou dificuldades e desafios às instituições de ensino e aos educadores, mostrando a verdadeira realidade do ensino, o qual precisa de muitas melhorias, reorganização e

reformulação das matrizes curriculares, novas metodologias, didática, assim como uma formação continuada a muitos educadores que ainda não sabem trabalhar com as tecnologias.

Além disto, a dificuldade de ser professor no ensino remoto foi um ponto muito desgastante, já que para muitas famílias em extrema vulnerabilidade social, sem ter o mínimo acesso a nenhum tipo de recurso tecnológico, o ensino não chegava. Nesse cenário, os professores tiveram de trabalhar com os recursos disponíveis e se utilizar das metodologias ativas e de muita criatividade.

Como já se sabe, protagonista do ensino é, e sempre deve ser o aluno, e este cenário evidenciou extrema desigualdade social dentro das mesmas instituições e até dentro das mesmas séries, nas quais os professores tiveram que elaborar diferentes tipos de planos de aula para a mesma turma. A preocupação maior ficou a cargo de como ensinar para as crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, nesta fase essencial para seu crescimento e processo de aprendizagem e Alfabetização, na etapa de conhecer as palavras, da oralidade, da escrita, da compreensão dos significados.

Os professores com o auxílio das TIC puderam inovar nas atividades escolares e fazer uso das metodologias ativas, que reportamos o seu significado, segundo Bacich (2018):

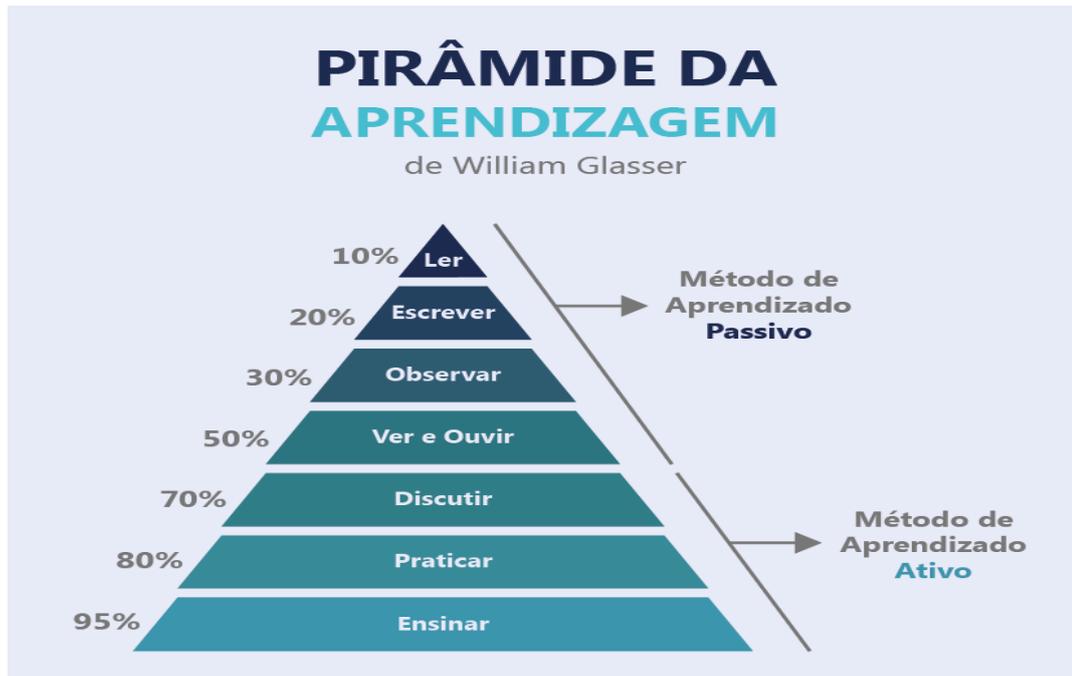
As Metodologias ativas, ao se apresentarem como estratégias de potencializar as ações de ensino e aprendizagem por meio do envolvimento dos estudantes como atores do processo e não apenas como espectadores, têm se configurado como formas de convergência de diferentes modelos de aprendizagem, incluindo, dessa forma, as tecnologias digitais para promover as ações de ensino e de aprendizagem, envolvendo um conjunto muito mais rico de estratégias ou dimensões de aprendizagem.

No ensino nos Anos Iniciais, fazer o aluno protagonista da construção do seu processo de aprendizagem é essencial para o desenvolvimento da criança. As metodologias ativas “priorizam o envolvimento maior do aluno, baseadas em atividades, desafios, problemas e jogos, pois cada aluno aprende em seu próprio ritmo, ressignificando com os outros e em grupos e/ou individualmente, com supervisão de professores” (MARTINS, 2020 p. 151 apud INÁCIO e CLEMENTE 2020, p. 147).

A metodologias ativas são importantes e devem ser usadas desde o início da aprendizagem com as crianças, pois elas promovem a ativação cerebral do aluno,

colocando-o em contato com maiores possibilidades de aprendizagem, incentivando o ato de pensar. Segue a pirâmide que evidencia a porcentagem que o aluno aprende passivamente e ativamente, ressaltando a importância das metodologias ativas no processo de ensino-aprendizagem.

Figura 7 – Pirâmide de Aprendizagem



Fonte: Saraiva Educação (2021).

No cenário de ensino em sala de aula, o esquema desta pirâmide nos evidencia os pontos aprendidos por porcentagem, logo promove aos educadores um olhar importante sobre a didática a ser planejada, conteúdos e as metodologias, em vista de desenvolver as habilidades de leitura e escrita dos alunos. O conteúdo pode ser melhor assimilado pelo aluno dependendo da metodologia a ser aplicada pelo educador em sala de aula.

Conforme análise da pirâmide, evidencia que muitos alunos assimilam apenas 10% na leitura e 20% na escrita, sendo um método passivo de aprendizagem em que por sua vez quase não participam desse cenário, logo ressalta a necessidade de fazer o aluno o sujeito protagonista dos seus atos, tornando-se mais ativo na construção do seu saber. Assim, uma nova abordagem educacional faz-se necessária, e nesse contexto entra as tecnologias digitais no processo de ensino e o uso de metodologias

ativas em sala de aula, em vista de melhorar os níveis de aprendizagem dos alunos e mudar as taxas atuais no cenário de analfabetismo que vivenciamos.

Entre as metodologias ativas conhecidas e salientadas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), destacam-se: “Sala de aula Invertida”, “Aprendizagem baseada em problemas”; “Aprendizagem baseada em projetos”; “Movimento Maker”; “Aprendizagem entre pares- Peer Instruction”; e a “Gamificação”.

A seguir, é possível entender individualmente o que significa cada uma das metodologias ativas e quais seus impactos no contexto de uso dos educadores nos anos iniciais, principalmente no processo de alfabetização das crianças. A sala de aula invertida define-se de acordo com Silveira et al. (2018, p.25):

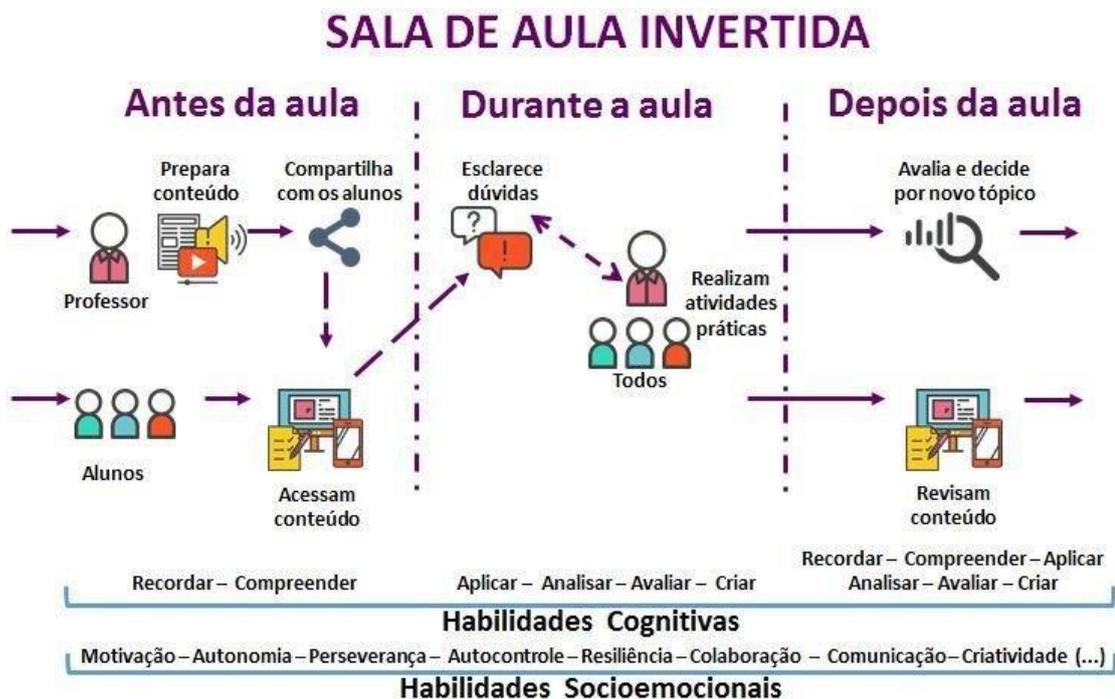
é uma metodologia ativa, que visa explorar menos aulas expositivas como ferramenta utilizada nos processos de ensino e de aprendizagem. Segundo essa metodologia, os alunos devem estudar os conteúdos em casa e ir à escola ou à universidade para encontrar professores e colegas para esclarecer dúvidas, fazer exercícios, trabalhos em grupo e avaliações.

A sala de aula invertida corrobora com o período de ensino remoto, com o isolamento social, em que os educadores passaram a elaborar materiais didáticos-digitais. Entre esses materiais digitais, aulas gravadas, videoaulas, com o uso de câmera de smartphones ou filmadoras, elaboração de slides, etc. E o acesso aos conteúdos era possível e viável mediante envio no WhatsApp dos pais e disponibilizados em uma plataforma virtual de acesso (MOODLE, GOOGLE SALA DE AULA), e em alguns casos os educadores disponibilizavam as aulas no Youtube enviando o link de acesso aos pais e/ou responsáveis.

No processo de ensino das crianças nos anos iniciais são muitos os recursos tecnológicos que podem auxiliar na sala de aula invertida, na aplicação dessa metodologia no processo de letramento do aluno o professor pode se valer das seguintes tecnologias ao favor do ensino: o uso da internet, videoaulas, simuladores de jogos, animações virtuais, entre outros. As tecnologias na sala de aula invertida vêm a contribuir não só com o processo de alfabetização, mas como um suporte pedagógico aos professores, otimização do tempo no preparo das aulas, e também fazendo com que os alunos participem de forma ativa no processo de aprendizagem. Na sala de aula invertida tanto os educadores quanto estudantes vem a necessidade de interagir com as tecnologias e aprender um com o outro no momento da troca de informações, e resolução posterior de dúvidas.

A prática da Sala de Aula Invertida é exatamente o processo que muitos professores fizeram durante o ensino remoto elaborando aulas mediante vídeos e disponibilizando online e posteriormente de forma semipresencial, ou ainda online se discutiam as dúvidas e resolução das atividades. O professor é apenas o mediador do conteúdo, mas o protagonista da ação é o aluno, a figura apresenta um esquema que apresenta bem a aplicação da “Sala de aula Invertida”.

Figura 8 – Esquema Básico de Sala de aula Invertida



Fonte: Schmitz e Reis (2018, p. 67).

Cita-se Valente (2014 apud SANTOS et al., p. 25, 2021) “destaca que a sala de aula invertida é uma modalidade de metodologia de educação, cujo estudante estuda o conteúdo on-line antecipadamente antes de entrar na sala de aula física ou virtual”.

Por sua vez, conclui-se que os recursos tecnológicos e a proposta da metodologia da Sala de aula Invertida vieram para ficar, e agora são mais presentes devido ao novo cenário de ensino ocasionado pela pandemia, a SAI, trouxe aos profissionais da educação, alunos e pais novas possibilidades inimagináveis de ensino, uma vez que o aluno pode realizar o estudo por si mesmo com suporte de responsáveis, buscando com a ajuda da internet novos conhecimentos e informações visuais, imagéticas, audiovisuais, escritas para melhorar o seu aprendizado. E no

contexto de aplicação dos anos iniciais esse mundo é aos olhos das crianças mais interativo e participativo.

Outro método de ensino é a Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP<sup>1</sup>), de acordo com Borochovicus e Tortella (2014, p. 263).

tem como propósito tornar o aluno capaz de construir o aprendizado conceitual, procedimental e atitudinal por meio de problemas propostos que o expõe a situações motivadoras e o prepara para o mundo do trabalho. Neste método, o aluno precisa desenvolver a capacidade de descobrir e usar informações, construir suas próprias habilidades para resolver problemas e aprender o conteúdo necessário.

A metodologia ABP<sup>1</sup>, por mais que seja abordada recentemente, sua história é antiga, pois começou a ser desenvolvida no final da década de 60, com fundamento em conceitos do pensador e filósofo John Dewey, em que tinha por ideia que a educação deveria colocar os estudantes em contato com problemas e incentivá-los a pesquisar e buscar a resolução dos mesmos. A ABP<sup>1</sup> é fundamentada sob alguns pilares:

- Organização temática em torno de problemas, e não de disciplinas;
- Integração interdisciplinar;
- Aplicação do conhecimento para a solução de problemas próprio.
- Ênfase no desenvolvimento cognitivo;
- Abordagem centrada no aluno, na qual ele deve aprender por si.

A metodologia ABP<sup>1</sup> centra-se no sujeito aluno, deixando de lado os métodos tradicionais de aprendizagem, de acordo com Leitinho et al (2013 apud MONTEIRO, 2011, p.11): “podemos afirmar que o ABP é uma alternativa para a superação de propostas pedagógicas consideradas tradicionais, propostas estas que enfatizam a reprodução do conhecimento de forma acrítica...”.

Como se sabe a ABP<sup>1</sup>, envolve problemas, criar, buscar soluções a apresentar resultados, logo no ensino dos anos iniciais os educadores podem apresentar problemas relacionados ao cotidiano dos alunos, as suas vivências e ao cenário da comunidade em que atuam. Por sua vez as tecnologias digitais podem potencializar a “Aprendizagem baseada em problemas”, pois a busca por soluções pode ser feita de modo cooperativo, e a proposta de trabalho em grupos nos Anos Iniciais pode ser interessante, evidenciando temáticas com problemas, para se estudar sobre rios,

poluição, meio ambiente, entre outros, em que como recurso de pesquisa os alunos vão direcionar-se as tecnologias digitais, a internet, ao computador.

Essa metodologia pode ser potencializada pelas tecnologias digitais, uma vez que se concorda Ferrarini, Saheb e Torres (2019 p. 13) com “a possibilidade de criação de bancos virtuais de cenários de problemas, os quais podem ser acessados, atualizados e alimentados periodicamente”. A própria instituição escolar, os alunos e professores podem deixar os problemas criados, registrados e com soluções apresentadas em um banco online disponível na biblioteca da escola, para futuras pesquisas das demais turmas.

Já a metodologia da Aprendizagem baseada em Projetos (ABP<sup>2</sup>), conforme a história remonta, a ABP<sup>2</sup> surge de dois desenvolvimentos dos últimos 25 anos: a revolução da Teoria da Aprendizagem e da Mudança no mundo. Pois nos séculos XIX e XX, passamos pelo crescimento do setor industrial e da inovação com o surgimento das tecnologias, que fez as escolas adaptarem-se a essa nova realidade. Define-se a ABP<sup>2</sup>, segundo Ferrarini, Saheb e Torres (2019, p.18):

Um método sistemático de ensino que envolve os alunos na aquisição de conhecimento e de habilidades por meio de um extenso processo de investigação estruturado em torno de questões complexas e autênticas e de produtos e tarefas cuidadosamente planejados.

No planejamento e execução de uma aula, a ABP<sup>2</sup> contribui com muitos benefícios aos educadores, entre esses cita-se Markham, Larmer e Ravitz, (2008, p. 50): “ABP pode ajudá-lo, como professor, a criar uma sala de aula de alto desempenho em que você e seus alunos formam uma comunidade de aprendizagem poderosa focada na realização, no autodomínio e na contribuição para a comunidade”.

Na construção das aulas e de atividades pedagógicas com alunos dos Anos Iniciais, os educadores podem aplicar essa metodologia na Alfabetização das crianças. Essa metodologia é centrada no aluno e ele mesmo toma suas decisões. O professor, como mediador, vai criar um projeto de Alfabetização com as crianças, em que os alunos vão ter que interagir, neste caso virtualmente, e que se propõem como um exemplo de atividade, com auxílio dos pais em casa, usar jornais, revistas em conjunto a turma escolher um tema, e pesquisa nesse material palavras que relacionam, recortando-as e explicando o porquê da escolha.

Assim, o aluno estará interagindo com um novo meio e tornando-se o principal sujeito da sua aprendizagem uma vez que ele tece relações com o material e com o mundo virtual, sendo o protagonista da pesquisa pelas palavras, e por pensar e expor para seus colegas o seu entendimento sobre o tema.

Enfim, o recurso da metodologia ativa baseada em projetos passou por modificações, haja vista a inserção das tecnologias digitais na educação. Adaptações no desenvolvimento dos projetos foram feitas ao longo do tempo de acordo com os recursos disponíveis, hoje com as tecnologias presentes a elaboração, criação e execução de projetos pode se valer de ferramentas virtuais, softwares, uso de impressos em 3 D, elaboração de maquetes virtuais para depois físicas, entre outros recursos tecnológicos.

Assim, de acordo com Ferrarini, Saheb e Torres (2019 p. 11), tal metodologia criada no século passado no ato de interligar-se as tecnologias digitais promove no ambiente educativo novos modelos de estudo, novos registros e compartilhamento de informações, novas habilidades e competências de aprendizagem por parte dos alunos.

Tratando-se de outra metodologia, o Movimento Maker, em tradução livre, “Faça você mesmo”, mostra às crianças que elas podem criar e inventar, que têm autonomia e capacidade lógica. Por exemplo, nos anos iniciais com o suporte tecnológico, noções de linguagem de programação que vem avançando, os alunos podem pesquisar, ouvir e construir textos e formas de linguagens na internet. Vale ressaltar que a aplicação da Cultura Maker exige o alinhamento com a presença de recursos tecnológicos nas instituições de ensino. Em síntese, delineia-se com Sponte (2019, p. 32):

O Movimento Maker é uma metodologia ativa de aprendizagem baseada no conceito de Faça Você Mesmo, ou seja, os alunos aprendem novos conhecimentos com atividades práticas que envolvem tentativas de acertos e erros, sendo uma importante maneira de desenvolver as suas habilidades de resolução de problemas.

No contexto de aplicar o Movimento Maker na sala de aula, se rompe com o tradicional, de aulas meramente expositivas e cansativas. O Movimento Maker é a cultura do faça você mesmo, uma atitude proativa do aluno ir em busca de informações e conhecimentos, desenvolver seus próprios objetos, criar e inovar. Cita-se Silveira (2016, p. 131 apud CORDEIRO 2019, p. 45):

A cultura tecnológica do “faça você mesmo” ou “pôr a mão na massa”, estimula as pessoas comuns a construir, modificarem, consertarem e fabricarem os próprios objetos, com as próprias mãos, isso gera uma mudança na forma de pensar e incentiva uma abordagem criativa, interativa e proativa de aprendizagem em adultos, jovens e crianças, gerando um modelo mental de resolução de problemas do cotidiano.

Os pilares do movimento Maker, são: a criatividade, a colaboratividade, sustentabilidade e escalabilidade. De acordo com Cordeiro (2019, p.1) “o Movimento Maker envolve propostas que mesclam robótica e automação, programação e fabricação digital com marcenaria, mecânica e outras experiências produtivas e inovadoras”. Logo o movimento Maker, aplicado em sala de aula promove o uso de recursos integrados as tecnologias em prol do ensino e aprendizagem dos estudantes.

Outra conhecida MA, é a metodologia Ativa de Aprendizagem por Pares (Peer Instruction), que se trata da formação de duplas na turma para que o aprendizado seja construído conjuntamente e haja o compartilhamento de ideias, a realização do debate sobre o conteúdo da aula em conjunto. Para implantar a Metodologia Aprendizagem por Pares é necessário seguir 5 processos, Andrade (2020):

1º *Objetivo da atividade* – O educador precisa definir qual o objetivo do estudo a ser trabalhado em sala de aula, com o uso desta metodologia e os resultados que pretende esperar ao fim da atividade.

2º *Apresentação das questões* – o docente organiza a turma em duplas ou grupos maiores, identificando simultaneamente as habilidades e conhecimentos individuais de cada sujeito, posteriormente apresenta as questões para eles resolverem;

3º *Troca de conhecimentos* – nesta etapa os alunos passam a aprender uns com os outros, trocando ideias e habilidades, acontecendo a troca de aprendizagem. O aluno da dupla ou do grupo que apresentar dificuldades será ensinado pelo outro mediante explicações. Acontece assim um trabalho de comunicação, de aprendizagem, de confiança e de troca;

4º *Supervisão* – mesmo os alunos realizando a troca de conhecimentos, o professor precisa fazer a mediação e acompanhamento entre os grupos, em vista de que todos tenham o direito e espaço de fala para expor sua opinião, e por sua vez também tirar alguma dúvida que tenha ficado para os alunos;

5º *Apresentação dos trabalhos* – após a resolução das atividades, os alunos vão entregar ao professor e apresentar para os demais colegas.

A aplicação da metodologia ativa nas aulas traz como benefício promover entre os alunos o espírito de equipe, o reforço da aprendizagem, o desenvolvimento de novas habilidades pessoais e interpessoais e a personalização do aprendizado, uma vez que não se foca no professor e sim no aluno sendo protagonista de seu saber e contribuindo para a aprendizagem dos seus colegas. No cenário de aplicação, a metodologia ativa por pares nos Anos Iniciais possibilita ao professor unir grupos de crianças, desenvolvendo um tema de pesquisa, ou um problema a ser solucionado no qual eles vão aprender mais sobre o trabalho em equipe, um colaborando com o outro, transformando-se em protagonistas pela busca do seu próprio conhecimento.

A metodologia de aprendizagem por pares pode se valer de tecnologias digitais para a sua aplicação em sala de aula, haja vista a questão de criação de questões, porcentagem de acertos, revisão de conceitos, análise das questões e propostas para novas questões serem avaliadas, tais etapas consumiriam muito tempo por parte dos professores, logo um sistema computacional ajudaria, mas precisariam ter à disposição uma sala de informática com acesso à internet. Assim concorda-se com Ferrarini, Saheb e Torres (2019, p.18)

Centrada no uso de questões objetivas para aplicação prática de conceitos, visualiza-se que, sem as tecnologias digitais, os processos manuais de testagem e cômputo de acertos para questões objetivas são morosos para o professor e consomem tempo precioso que poderia ser revertido para a ocupação com a aprendizagem dos alunos.

A Metodologia ativa “Gamificação” é muito conhecida e usada pelos educadores, devido a sua forma dinâmica e atrativa para os alunos, pois envolve jogos e brincadeiras. Para Deterding et al. (2011 apud SILVA, 2020, p. 402) definem a gamificação como o uso de elementos de design de game em contextos fora dos games para motivar, aumentar a atividade e reter a atenção do usuário.

Concorda-se com Silva e Souza (2021, p. 232):

O uso de games na educação possibilita não somente a modernização do processo de ensino aprendizagem, mas atrair cada vez mais os alunos a buscar e a participar da construção do seu conhecimento. Dar a estes a oportunidade de serem elementos ativos no processo confere maior autonomia e maior motivação para alcançarem os objetivos propostos a respeito da docência em tempos de educação a distância.

No ensino dos anos iniciais, realizar uma proposta de aulas com Gamificação torna aos alunos a aula mais divertida. A proposta fundamentada em gamificação visa motivar mais os alunos, lhes engajar no processo de aprendizagem e aprender de maneira divertida e criativa, tornando o espaço de troca de saber e a sala de aula uma prática metodologia diferenciada. De acordo com VIGOTSKY (1984, P. 29),

As crianças desafiam seus próprios limites, ações e pensamentos e é através do jogo que a criança aprende a agir, sua curiosidade é estimulada, adquire iniciativa e autoconfiança, proporciona o desenvolvimento da linguagem, pensamento, interação e da concentração.

A metodologia ativa gamificação como proposta pedagógica em sala de aula, vem no contexto de uso de recursos tecnológicos aplicados para a aprendizagem da criança, na qual a gamificação envolve jogos, e a criança pode se desenvolver de uma forma lúdica. O professor com a gamificação possibilita um outro universo de estudo aos alunos, uma vez que recorre ao universo digital e abre um espaço de criação enorme à criança, podendo criar cenários de estudo e aprendizagem, criar seus avatares, promover jogos de ensino com disputa de rankings e desafios as crianças com uma premiação a um único vencedor ou a equipe vencedora.

Ao trabalhar com a alfabetização temos por intuito que as crianças, ao final da proposta sejam capazes de: Avançar na alfabetização, desenvolvendo habilidades e competências de formar e reconhecer palavras e seus significados; por sua vez o uso de propostas de aula com uso de elementos com jogos promove na criança maior participação e estímulo de pensamento, de agilidade e de raciocínio lógico.

Portanto, conforme o exposto sobre as metodologias ativas, conclui-se que estas por meio das tecnologias digitais mostram-se como recurso de ensino essencial para o desenvolvimento educacional das crianças nos anos iniciais, e no processo de alfabetização, haja vista que melhora as habilidades físicas, cognitivas e as competências dos alunos. Os avanços tecnológicos e sua aplicação na construção do conhecimento, propicia aos educadores novas formas de entendimento, interação, e de estímulo para a criança, além de maior participação no espaço escolar.

## 2.4 REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA

Neste processo foi elaborada uma revisão integrativa de literatura com a contextualização das produções científicas relacionados à temática desta pesquisa em dois repositórios, Scielo e Base de Dados da Capes.

A pesquisa no repositório Scielo teve suas etapas consistidas em: (i) Identificação do tema e construção da questão de pesquisa; (ii) Delimitação dos critérios de inclusão e exclusão; (iii) Levantamento das publicações nas bases de dados; (iv) Categorização e análise das informações encontradas nas publicações; (v) Interpretação e análise crítica dos achados e apresentação/síntese da revisão (SILVA; MENEZES, 2005).

O mapeamento da produção foi realizado de acordo com dados encontrados no portal Scielo e na Internet em geral, compreendendo o período de publicações do ano de 2017-2021. Priorizou-se, como critério de inclusão, identificar nos textos quais evidenciam o tema sobre a agenda 2030 e as problematização sobre o uso das tecnologias no processo de alfabetização das crianças dos anos iniciais em situação de vulnerabilidade. Em vista de delimitar ainda mais a busca, como critérios de inclusão, foram utilizados alguns descritores, a saber: “Agenda 2030”, “Tecnologias da Informação e da Comunicação”, “Processo de Alfabetização”.

Quadro 5 – Síntese dos trabalhos analisados para a pesquisa

(Continua)

	Ano	Autor	Título	Idioma original da Publicação
1	2021	Fernanda Nunes Deitos Rosane Aragón	<b>O processo de Alfabetização com o uso das tecnologias digitais: uma revisão sistemática</b>	Português

(Conclusão)

2	2021	<b>Alcione Aparecida de Azevedo</b>	<b>A Alfabetização de crianças no Brasil e o ods4: alguns apontamentos</b>	<b>Português</b>
3	2019	Wagner Rodrigues Silva	<b>Polêmica da Alfabetização no Brasil de Paulo Freire</b>	Português
4	2018	Verônica Gomes dos Santos Sandra Estefânia de Almeida	<b>A sala de aula como um ambiente equipado tecnologicamente: reflexões sobre</b>	Português

		Marcelo Zanotello	<b>formação docente, ensino e aprendizagem nas séries iniciais da educação básica</b>	
5	2017	Maria do Socorro Alencar Nunes Macedo Ana Caroline de Almeida Ana Paula do Amaral Tibúrcio	<b>Práticas de Alfabetização com crianças de seis anos no ensino fundamental: diferentes estratégias, diferentes concepções</b>	Português

Fonte: Autora (Adaptado do Portal Scielo).

Deitos e Aragon (2021) desenvolveram um estudo fundamentando em uma revisão sistemática, em que debatem sobre a presença das tecnologias digitais no processo de Alfabetização dos anos iniciais do ensino fundamental. Seus estudos resultaram na seleção e análise de quatro dissertações e sete artigos em que por sua vez em uma síntese os trabalhos apontam que as tecnologias digitais são capazes de favorecer o interesse dos alunos, enfatizando a utilização através de jogos digitais, por exemplo.

As autoras concluem que envolvendo a presença da tecnologia digital no processo de alfabetização, entende-se a importância de propostas que estejam inseridas no planejamento do professor, apresentando objetivos a serem alcançados e que estejam relacionadas com as demais atividades utilizadas no processo de alfabetização, para que sejam um elemento que compõe o processo de aprendizagem, pensando no atual cenário e contemplando também o ensino remoto a partir de uma alfabetização digital.

Azevedo (2021 p. 3) traz em evidência um debate sobre avanços e retrocessos para o alcance do Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 4 - ODS4, em que sua fonte metodológica partiu de uma pesquisa documental no acervo da Unesco e do Relatório Luz, identificando ações do governo em relação a Alfabetização das crianças no período de 2018 a 2020. Com o objetivo de compreender as ações do governo brasileiro para o alcance da ODS4, de 2018 a 2020, início da pandemia de Covid-19 no Brasil.

A autora aponta conforme já citado pela autora da pesquisa, a questão atual de taxa de Alfabetização e a agenda 2030. Cita, Azevedo (2021 p. 07) “Em relação à Alfabetização de crianças, os dados são ainda mais alarmantes. Em 2019, a meta de Alfabetização prevista para 2015 no PNE (93,5%) ainda não havia sido alcançada e

por isso 11 milhões de pessoas ainda estavam analfabetas (GT Agenda 2030, 2020)”. Ela problematiza a situação atual que se configura que é o contexto da Pandemia e os níveis de dificuldade com a Alfabetização das crianças, principalmente as mais vulneráveis, evidenciando os déficits e desigualdades do País.

Azevedo (2021) conclui que os avanços mais recentes do ODS4 têm sido lentos e permeados de politização, ou seja, o contexto político do Brasil, com a ascensão de Michel Temer e, posteriormente, de Jair Bolsonaro, tiveram impactos negativos na Alfabetização de crianças. A retomada do ensino presencial e da Alfabetização de crianças será, portanto, um desafio a ser encarado, juntamente com os objetivos e metas do ODS4.

Silva (2019), apresenta uma revisão bibliográfica desenvolvendo seu pensar em cima do posicionamento de alguns autores, mais especificamente com as contribuições de Freire sobre a Alfabetização. Cita-se Freire (2014, p. 164 apud SILVA, 2019, p.234):

o processo de Alfabetização válido [...] é aquele que não se satisfaz apenas [...] com a leitura da palavra, mas que se dedica também a estabelecer uma relação dialética entre a leitura da palavra e a leitura do mundo, a leitura da realidade. A prática de Alfabetização tem que partir exatamente dos níveis de leitura do mundo, de como os alfabetizados estão lendo sua realidade, porque toda leitura do mundo está grávida de um certo saber. Não há leitura do mundo que não emprenhada pelo saber, por certo saber.

Santos, Almeida e Zanotello (2018) em seu artigo “A sala de aula como um ambiente equipado tecnologicamente: reflexões sobre formação docente, ensino e aprendizagem nas séries iniciais da educação básica” traz por objetivo identificar as contribuições de um ambiente tecnologicamente estruturado no processo de Alfabetização de uma turma do 1º ano do ensino fundamental I de uma escola municipal da rede pública paulista, analisando as produções decorrentes de uma atividade relacionada à fabricação de massinha caseira pelas crianças.

Os autores trabalham em cima de dois aspectos problematizando e fundamentando seu pensar, a saber: à formação de professores com o intuito de integrar as TIC ao cotidiano escolar pelo desenvolvimento de novos saberes docentes relacionados ao TPCK; e a possíveis práticas educativas realizadas em sala de aula e suas implicações para o ensino e a aprendizagem.

No pensar dos autores (2018, p. 336), contribui-se que:

Um desafio que se impõe é tornar o uso das TIC na escola tão significativo quanto o uso cotidiano que se faz desses recursos. Dessa forma, não se trata de criar laboratórios de informática com horários estanques e pontuais, mas de incorporar as tecnologias na rotina da sala de aula, como recursos à disposição de alunos e professores.

Este pensar corrobora com esta pesquisa, ao evidenciar a temática de utilizar das tecnologias nos anos iniciais no processo de Alfabetização, e que por sua vez as instituições devem dispor dos aportes em tecnologias, dos recursos necessários, mas também os educadores devem estar orientados e com uma formação para saber trabalhar com as tecnologias em vista de elas desempenharem o papel de auxiliar no ensino-aprendizagem das crianças.

Neste aspecto, reporta-se a Valente (2014 apud SANTOS, 2021, p.11) que nos diz que a tecnologia pode enriquecer as propostas de atividades, deixando as utilizações pontuais, muitas vezes voltadas apenas para o consumo de jogos de Alfabetização e pequenas produções, para promover oportunidades de aprendizagem mais diversificadas, interessantes e desafiadoras “do que simplesmente a de transmitir informação ao aprendiz”,

O autor conclui (2018, p.346,):

Ao associar Alfabetização a um ambiente estruturado com tecnologias familiares aos alunos, além de tornar o processo de aquisição da escrita mais dinâmico, implicitamente colabora-se com a inclusão digital, no sentido de orientar os alunos e apresentar-lhes, desde cedo, objetivos reais e segurança virtual para utilização de qualquer recurso de modo consciente e ético.

Macedo, Almeida e Tibúrcio (2017), no seu artigo “práticas de alfabetização com crianças de seis anos no ensino fundamental: diferentes estratégias, diferentes concepções”, tem por objetivo apresentar e discutir sobre as práticas de Alfabetização dessas crianças, seguindo por um metodologia etnográfica de estudo de letramento, em que trabalha em cima de dois resultados: “A Letra do alfabeto como ponto de partida para o ensino da leitura e da escrita”; e o “Texto e contexto como pontos de partida para o ensino da leitura e da escrita”. Sua pesquisa partiu da análise de trabalhos de professores em instituições de ensino analisando a forma de Alfabetização que os docentes utilizavam e o materiais. Por sua vez os autores constataram na primeira instituição (2017, 153):

Outra consideração importante refere-se aos textos utilizados pela professora. Ainda que em um dado momento ela mencione os gêneros

textuais trava-línguas e parlendas, durante as aulas, observamos poucas situações nas quais textos dessa natureza apareceram, predominando os que têm sido considerados “acartilhados”, com pouco ou nenhum significado para as crianças. A opção por cruzadinhas e caça-palavras, que poderia indicar um trabalho com textos de circulação social, está vinculada à ideia de aquisição do sistema de escrita, ao trabalho com as unidades menores da palavra escrita. Em nenhum momento a professora dá indícios de que se utilizava desses textos para uma aproximação com práticas reais de uso da leitura e da escrita.

Na segunda escola a realidade mostra-se diferente, pois faz uso de mais recursos, do livro didático, da prática de se preocupar com o processo de Alfabetização da criança, além de usar de diversos suportes, como poemas, textos, recursos imagéticos, e tecnológicos. Os autores constataram mediante observação e entrevista com as professoras do ensino fundamental:

que a Professora aproveitou diferentes situações para desenvolver sua prática de Alfabetização, explorando distintos contextos e recursos presentes na escola, como livros literários, poemas e atividades propostas nos livros didáticos para, a partir deles, desenvolver atividades relacionadas à apropriação do sistema de escrita alfabética. [...]A professora ainda apresentou outro livro literário sobre o tema, tanto na versão impressa quanto na digital[...] Para trabalhar com o sistema de escrita, a professora utilizou a escrita dos nomes dos personagens, dos objetos das coleções da história e das coleções apresentadas pelas crianças. Enfatizava todas as formações silábicas da palavra e não apenas a sílaba inicial, explorando as sílabas canônicas e não canônicas e também as “dificuldades ortográficas”. (2017, p. 226-229).

Em suma, a realidade discursada pela experiência da professora evidenciou a necessidade no processo de alfabetização do professor estar familiarizado, e conhecer diversas metodologias e recursos para usar com as crianças, e como é importante interligar outros objetos e a realidade familiar ao contexto do ensino, pois a formação da escrita e da leitura não se processa apenas pela relação de uma letra a um nome, mas de todo um estudo do significado, do contexto, da semântica, da formação das sílabas e da pronúncia.

A pesquisa na base de dados da capes foi realizada com os seguintes descritores como termos de inclusão: “Agenda 2030”; “Tecnologias e processo de Alfabetização”. “Alfabetização de Crianças”. No contexto de busca, delimitando as produções de dissertações que abordassem a temática dentro do Programa de Pós-graduação em Tecnologias em rede, como critério de inclusão, identificou-se no período de 2017 a 2021, 88 trabalhos de dissertação de mestrado, sendo que para a

relevância da nossa pesquisa, apenas duas produções foram relevantes, pois apenas elas continham os descritores acima citados.

Quadro 6 - Pesquisa com base nos descritores: “Tecnologias e Processo de Alfabetização”

<p>Título: <b>Padrões de Competência em TIC para Professores</b>          Autor: <b>Diane Santos de Almeida</b>          Instituição: <b>Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).</b>          Tipo de Trabalho: <b>Tese</b>          Programa: <b>Tecnologias Educacionais em Rede</b>          Ano: <b>2021</b></p>
<p>Título: <b>Integração de atividades lúdico pedagógicas mediadas pelas tecnologias educacionais em rede (ter) na Alfabetização.</b>          Autor: <b>Lucia margarete santos da costa</b>          Instituição: <b>Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).</b>          Tipo de Trabalho: <b>Tese</b>          Programa: <b>Tecnologias Educacionais em Rede</b>          Ano: <b>2017</b></p>

Fonte: Autora (Adaptado da busca no portal da Scielo).

Na dissertação produzida por Almeida (2021), da UFSM, “Padrões de Competência TIC para Professores”, apresentou por objetivo geral “investigar o nível de conhecimento e utilização de Tecnologias da Informação e Comunicação dos professores na sua atuação profissional para a capacitação dos estudantes em atendimento às demandas da sociedade contemporânea”. A autora salienta (2021 p.09): “a integração das TIC nos processos de ensino e aprendizagem auxiliam a orientar o currículo para a aquisição de competências básicas, formar cidadãos ativos e responsáveis, garantir a conexão da educação com os desejos dos jovens e alcançar sua participação ativa”.

A autora conclui que:

que a realização do diagnóstico do nível de padrão de competências em Tecnologias da Informação e Comunicação dos docentes permite mapear as potencialidades e limitações encontradas, em termos de conhecimento e utilização das tecnologias, no contexto de sala de aula e aponta para a necessidade de realização de um plano de ação que contemple a inclusão de disciplinas de tecnologias em cursos de formação de professores, assim como a oferta de cursos de formação continuada àqueles docentes que ainda apresentam limitações de conhecimento nessa temática. (ALMEIDA, 2021, p. 55)

A tese produzida por Costa (2017), da UFSM, “Integração de atividades lúdico pedagógicas mediadas pelas tecnologias em rede (ter) na Alfabetização” apresentou

como objetivo geral “Integração de atividades lúdico pedagógicas mediadas pelas tecnologias educacionais em rede (ter) na Alfabetização”.

Em sua interpretação, a autora expõe:

a integração de atividades lúdico-pedagógicas mediadas pelas TER contribuiu com o avanço na Alfabetização das crianças, enriquecendo vocabulário com a formação de novas palavras, trazendo situações desafiadoras que permitiram o conhecimento de diferentes portadores de textos, jogos e ferramentas dinâmicas que vieram a contribuir com a socialização, a autonomia, a colaboração/cooperação e o desenvolvimento de habilidades motoras, fatores indispensáveis para a ampliação das linguagens oral e escrita.

Seu estudo nos apresenta a metodologia da gamificação, que no processo de alfabetização pode se utilizar de recursos tecnológicos, tornando-se essencial, pois mediante jogos digitais como o “Jogo liga das palavras”, “Interface do jogo ditado”, entre outros, acontece uma aprendizagem online e tecnológica, na qual a criança ao interagir com as tecnologias de forma autônoma, torna-se protagonista de seu crescimento. Assim, muitas crianças superam dificuldades de interpretação, de leitura e na formação de frases com a integração das tecnologias, mostrando mais interesse e participação nas aulas e no processo de aprendizagem.

Desta forma, podemos perceber que a produção acadêmica sobre a temática da alfabetização é bastante extensa e com diversos enfoques, porém quando são adicionados alguns outros termos de inclusão referentes às metodologias ativas, agenda 2030, ou tecnologias na alfabetização, esta produção torna-se muito reduzida. Isto evidencia que a alfabetização utilizando as metodologias ativas, de acordo com políticas internacionais, focadas em crianças em situação de vulnerabilidade ainda é pouco exploradas e pesquisada, necessitando de mais estudos e enfoque, já que estas crianças estão saindo do ciclo de alfabetização com grande defasagem em seu processo de aprendizagem.

### **3 METODOLOGIA DE PESQUISA**

#### **3.1 MÉTODO**

Para entender como se poderia enriquecer o processo de alfabetização de crianças em situação de vulnerabilidade através da agenda 2030, das metodologias ativas e tecnologias, esta pesquisa caracterizou-se como de natureza aplicada, com caráter exploratório. Segundo Gil (1999) a pesquisa exploratória em relação aos seus objetivos busca esclarecer, desenvolver e modificar ideias, tendo como ponto de partida hipóteses possíveis de estudos posteriores.

Em relação à abordagem, podemos classifica-la em qualitativa, que de acordo com Mynaio (2000, p. 21 e 22):

[...] responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização das variáveis.

Para dar continuidade, o delineamento adotado foi o da pesquisa participante, que tem como característica a interação entre pesquisador e os sujeitos da pesquisa. Para Brandão (1981, p.43), a pesquisa participante é definida como sendo a metodologia que incentiva o desenvolvimento autônomo tendo como ponto de partida as bases e uma independência relativa do exterior. Desta forma, este delineamento mostra-se apropriado para a pesquisa, dando andamento ao estudo e fornecendo resultados satisfatórios.

### 3.2 PÚBLICO – ALVO

O público alvo da pesquisa foram quatro professoras do ciclo de Alfabetização e uma gestora de uma escola localizada na periferia da zona leste da cidade de Santa Maria. A escola em questão, loco da pesquisa, é pública, municipal e de ensino fundamental; é atuante nos seguintes níveis: Anos Iniciais, Anos Finais e EJA. O critério de escolha dos sujeitos da pesquisa se deu ao fato das professoras atuarem nos primeiros e segundos anos, que fazem parte do ciclo de alfabetização. A participação na pesquisa se deu por aceite voluntário, através da assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido.

### 3.3 INSTRUMENTOS

O Instrumento para a coleta e produção dos dados foi uma entrevista semiestruturada aplicada às professoras dos primeiros e segundos anos dos anos iniciais do ensino fundamental, e a gestora da instituição. Esta entrevista composta por 12 perguntas abertas, foi capaz de organizar e sistematizar as respostas dos sujeitos principais da pesquisa de uma melhor coerente e coesa.

Segundo Gil (1999, p. 120) na entrevista semiestruturada “o entrevistador permite ao entrevistado falar livremente sobre o assunto, mas, quando este se desvia do tema original, esforça-se para a sua retomada”. O objetivo de perguntas abertas é obter respostas mais completas para análise, estas perguntas possibilitam aos entrevistados mais possibilidade de respostas, não se limitando a um “sim” ou “não”.

E também, para Triviños (2008) a entrevista pode dar conta do que se propõe e precisa estruturar-se em tópicos apoiados em teorias e hipóteses que interessem à pesquisa, ou seja, a entrevista dará suporte para os dados e a veracidade da pesquisa, pois auxiliará na troca de informações e no diálogo, já que sendo semiestruturada possibilitará acrescentar novas perguntas em um roteiro já existente.

Em suma, a pesquisa qualitativa descritivo-exploratória visa buscar mediante as respostas dos entrevistados o máximo de informações possíveis, mediante uma análise mais aprofundada das respostas coletadas, assim, para obter opiniões mais fundamentadas das professoras participantes da pesquisa.

### 3.4 ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados foi realizada através da busca, organização e reflexão das informações coletadas, com fundamento nas respostas obtidas pela aplicação da entrevista semiestruturada com a gestora da escola e as quatro professoras que atuam nas turmas pertencentes ao ciclo de alfabetização da instituição. A partir disso foram analisadas as categorias que surgiram por meio da análise das respostas das educadoras.

Segundo Orlandi (2003, p. 62-63):

A análise do discurso introduz, através da noção de sujeito, a de ideologia e a de situação social e histórica. Ao introduzir a noção de história vai trazer a reflexão às questões de poder e das relações sociais. O discurso é definido não como transmissor de informação, mas como efeito de sentido entre locutores. Assim, se considera que o que se diz não resulta só da intenção de um indivíduo em informar outro, mas da relação de sentidos estabelecidos por eles num contexto social e histórico.

Ao se analisar as categorias, estaremos não apenas descrevendo fatos e interpretando respostas, mas sim conhecendo a realidade e o contexto histórico na qual está inserida a escola e a comunidade em situação de vulnerabilidade.

Desta forma, a partir da produção de dados, emergiram cinco categorias para a análise, que foi realizada utilizando-se da categorização de Bardin (2011, p.147) que consiste em uma classificação de elementos que formam um conjunto pela sua diferenciação, que surgem através da análise categorial e recebem um título genérico em razão a este agrupamento.

Quadro 7 - Categorias emergentes para análise de conteúdo

(Continua)

<b>CATEGORIAS</b>	<b>PERGUNTAS DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA</b>
<b>Alfabetização</b>	1. Como você entende o processo de Alfabetização? 2. Na sua opinião, por que muitas crianças não conseguem estar alfabetizadas ao sair do ciclo de Alfabetização? 3. Na escola em que atua, quais as metodologias adotadas no processo de Alfabetização?
<b>Políticas Internacionais</b>	4. Você compreende a existência de políticas internacionais sobre educação? Se sim poderia citar alguma que conhece. 5. Como as políticas internacionais têm impacto na educação desenvolvida na escola em sua opinião?

(Conclusão)

<b>Vulnerabilidade Social</b>	6. Você conhece a realidade de vulnerabilidade social na qual a escola está inserida? 7. Essas crianças, em vulnerabilidade social, possuem acesso às tecnologias em suas casas?
-------------------------------	---

<b>Tecnologias</b>	<p>8. Quais as tecnologias disponíveis na escola para uso do professor em sala de aula com os alunos?</p> <p>9. Como a escola proporciona estas tecnologias para o uso do professor?</p> <p>10.Em relação as tecnologias, você acredita ter formação adequada para fazer o uso correto delas em sala com os alunos?</p>
<b>Metodologias Ativas</b>	<p>11. Você utiliza ou já utilizou metodologias ativas em sua prática dentro da sala de aula com os alunos?</p> <p>12. Você acredita que as tecnologias aliadas às metodologias ativas podem contribuir na aprendizagem dos alunos?</p>

Fonte: Autora.

Desta forma, mediante a coleta de dados e discursos analisados foi possível identificar os seguintes resultados:

A primeira categoria denominada alfabetização trouxe pontos importantes podem ser elencados sobre a concepção das professoras pesquisadas referentes ao assunto. Assim, alfabetização é vista como um processo que é relativo às experiências vividas, acesso à tecnologia, cultura e informação. Essa bagagem necessária para a alfabetização é relatada pela maioria das professoras entrevistadas como algo crucial para o sucesso neste processo, e também é citada como um dos fatores responsáveis pela não alfabetização.

Apenas uma professora levantou a hipótese da não aprendizagem acontecer por falta da tentativa do professor em mesclar metodologias, as demais partiram da premissa que o meio e as experiências anteriores seriam fundamentais e remeteriam a uma não alfabetização caso faltassem. Uma das professoras reiterou uma consideração muito importante quando relatou que, apesar da bagagem cultural e das vivências fazerem diferença no processo de alfabetização, elas não são fatores que sentenciam o sucesso ou insucesso da criança na aquisição da leitura e escrita; a criança que não teve muitas experiências e acesso à cultura, ao chegar na escola, teria de ser apresentada aos estímulos que lhe foram privados anteriormente, e esse movimento possibilitaria assim a sua alfabetização, mais lenta que os demais, mas com grande índice de sucesso.

Já a segunda categoria, denominada de políticas internacionais, possibilitou compreender que as professoras entrevistadas em sua maioria ainda não compreendem essas políticas, bem como não possuem interesse para buscar mais conhecimento sobre este tema, contribuindo de forma rasa para as questões referentes a pesquisa neste âmbito.

Na terceira categoria, sobre vulnerabilidade social, percebeu-se que a comunidade aos arredores da escola está realmente em situação de vulnerabilidade social, apesar do crescente desenvolvimento ocorrido nos últimos anos, ainda se percebe que o assistencialismo está presente, de modo a garantir alguns direitos básicos de qualidade de vida para as crianças. E assim, ao mesmo tempo, a inserção tecnológica é presente na maioria das casas através do celular com internet e televisão, de forma não linear, democratizando o acesso à informação, mas não garantindo a qualidade desta informação que chega até estas crianças e famílias.

A quarta categoria, em relação às tecnologias, deixa explícita a premissa de que a escola possui tecnologias disponíveis para o uso das professoras, e o acesso é organizado através de horários por tratar-se de uma escola relativamente grande mas com recursos tecnológicos em número insuficiente para atender a todas as turmas em livre demanda; também fica nítido que o uso das plataformas de ensino nos horários designados para o uso das tecnologias varia de professora para professora, e isso pode acontecer devido às concepções metodológicas que são adotadas no planejamento e plano de ensino de cada uma delas; e para uma melhor organização que contemple as necessidades de todas, uma reunião com a gestão seria necessária. Em relação a formação das professoras é possível perceber que o aperfeiçoamento para usar as tecnologias depende muito mais da iniciativa própria das professoras, já que a secretaria tem disponibilizado cursos e o ensino remoto democratizado mais o uso da tecnologia e diversas ferramentas.

A quinta e última categoria, denominada de metodologias ativas, deixou claro que a maioria das professoras faz uso das metodologias ativas em sua sala de aula, ou já fez em algum momento, compreendendo que estas metodologias tem a tecnologia como um grande apoio, mas que podem ser realizadas diariamente em sala de aula também sem ela. Quando combinada com as tecnologias, estas metodologias tornam o processo de ensino-aprendizagem mais atrativo e proporcionam uma aprendizagem mais dinâmica e autônoma, colocando as crianças como centro no processo de ensino-aprendizagem.

Portanto, após as análises dos dados e resultados obtidos a partir de cada categoria, elaborou-se um produto técnico específico, pautado na necessidade de ajudar os professores em seu cotidiano, elucidando questões referentes às políticas internacionais, alfabetização, vulnerabilidade social, tecnologias e metodologias ativas a partir de um podcast denominado Tecnologias em Rede: Práticas possíveis em sala de aula, com cinco episódios de curta duração.

### 3.5 ASPECTOS ÉTICOS

Esta pesquisa está registrada no Gabinete de Projetos e no Comitê de Ética e Pesquisa da UFSM, sob nº 3.805.495. Os sujeitos que aceitaram participar da pesquisa assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que permite que o participante fique ciente e de acordo ao se tratar de uma pesquisa científica, assegurando-lhe o sigilo e o anonimato, além dos cuidados para a não manipulação dos dados (BRASIL, 2012).

## 4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

### 4.1 CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO

A pesquisa foi desenvolvida no município de Santa Maria, no centro do estado do Rio Grande do Sul, em uma instituição de ensino municipal, na zona leste da cidade dentro de uma comunidade bastante carente, corroborando para a presente pesquisa.

A instituição de ensino encontra-se localizada dentro da Vila Maringá, na qual a realidade das famílias evidencia grande vulnerabilidade, ou seja, a comunidade é composta por pessoas com grande carência socioeconômica, cultural e social; parte expressiva da comunidade é analfabeta ou analfabetos funcionais, alguns apenas com o antigo ensino primário como nível de escolarização. A situação profissional mostra que há uma grande parcela de pais desempregados ou subempregados, tendo no emprego informal ou na coleta de lixo reciclável sua principal fonte de renda, alguns deles também exercem outras profissões como: autônomos, domésticos, pedreiros, serviços gerais e serventes (PPP, 2022).

Em relação aos estudantes, em sua grande maioria possuem baixo desempenho, principalmente no processo de alfabetização, na escrita, na leitura e na compreensão de textos, e evidencia-se dificuldades quanto ao comprometimento com as tarefas escolares e do acompanhamento familiar. Entre os problemas sociais que atingem essa comunidade estão: saneamento básico precário, violência doméstica, negligência familiar, falta de perspectiva para o futuro, acomodação com a condição social, agressividade, alcoolismo, drogas, apenados e alguns cumprindo pena através da prestação de serviços comunitários, prostituição, gravidez na adolescência, entre outros (PPP, 2022).

#### 4.2 CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS

O público-alvo desta pesquisa são as professoras que estão atuando nas turmas que fazem parte do ciclo de alfabetização, primeiros e segundos anos, e também a diretora geral da escola.

Na instituição loco da pesquisa existem 3 turmas de primeiro ano no turno da tarde e duas turmas de segundo ano, sendo uma no turno da manhã e outra na tarde. Cada professora atua em uma destas turmas, sendo que a turma de segundo ano possui a mesma professora nos dois turnos.

Todas as professoras pesquisadas são formadas em pedagogia, a gestora é formada em educação especial, todas possuem pós-graduação na área da educação, uma com mestrado em fase final e a gestora com mestrado finalizado. A maioria das professoras estão na escola há mais de três anos, e esse tempo sempre pertenceram às turmas do ciclo de alfabetização.

Para manter a idoneidade da pesquisa e também a identidade das professoras participantes desta pesquisa de acordo com fins éticos, serão identificadas como professora 1, professora 2, professora 3, professora 4 e professora 5; e a seguir os resultados da pesquisa, bem como trechos importantes das entrevistas semiestruturadas transcritas.

#### 4.3 RESULTADOS

Após a aplicação das entrevistas semiestruturadas com a professoras participantes desta pesquisa, pode-se observar que emergiram cinco categorias

distintas, que através da análise do discurso, de acordo com Orlandi (2003, p. 63) se considera que o que se diz não resulta só da intenção de um indivíduo em informar outro, mas da relação estabelecida por eles num contexto social e histórico. Desta forma analisaram-se o que foi dito dentro do contexto e da relação estabelecida entre todos os envolvidos no loco de pesquisa.

A primeira categoria emergente observada foi a alfabetização, na qual as três primeiras perguntas da entrevista puderam trazer à luz a concepção das entrevistadas sobre este tema. A pergunta de número 1 era: *Como você entende o processo de Alfabetização?*

As professoras responderam da seguinte forma:

*Assim, como eu sou da educação infantil esse ano eu comecei nos anos iniciais, mas para mim tá sendo um novo desafio, mas assim, eu tô sempre procurando né. Tô em busca de novas atividades para fazer com que as crianças aprendam as letrinhas, para que elas aprendam de uma maneira lúdica, procuro fazer atividades mais lúdicas, brincadeiras e trabalho o alfabeto também né, tudo lúdico, assim, né. Porque eu sei que a maioria não foi numa escola e tem dificuldade de sair de casa, bem dizer entraram na escola agora, então eu sinto muita dificuldade na questão deles conhecerem as letrinhas também, e em casa também eu sinto dificuldade dos pais, de ajudar na alfabetização das crianças.(PROFESSORA 1)*

*Bom eu acho que o processo de alfabetização ele vai além de decodificar letras e palavras, eu acho que envolve um todo da criança, no caso criança porque eu tenho primeiro ano, que não é só aquele, aquela coisa de aprender a letra, e que fazia escrever a letra. Esse processo vai muito além, que é toda a bagagem que a criança traz junto, que é esse tempo pré-escolar, não só escolar assim falando, mas o tempo da vida toda que ela teve anterior aos seis anos. O contato com o livro, passeios, vivências, tudo isso vai culminar nesse processo de alfabetização, que é colocar em palavras tudo aquilo que tu escuta, que tu vê, que tu convive. Eu acho que esse processo, assim, é o processo de aquisição da linguagem, da escrita, da leitura, e como diz a palavra é um processo, não é só uma simples decodificação, mas todo um sistema que vai refletir ali naquela aprendizagem, naquela aprendizagem alfabética digamos assim, que parte de um processo. Esse processo faz parte do todo que vem antes, do folhear um livro, de entender da onde que vem a escrita, saber que a configuração espacial da palavra é de uma letra do lado da outra. Tudo isso se reflete, assim, na alfabetização, quem traz essa bagagem e quem não traz. (PROFESSORA 2)*

*Eu vejo que é um processo que inicia muito cedo na vida da criança, desde que eles tenham possibilidades de acesso, manuseio de objetos, de livros, de jogos. E esse processo começa muito cedo na vida da criança, na minha opinião. Só que aqui, na comunidade, né, as famílias tem acesso a essas coisas? Não, não tem, e isso dificulta bastante. (PROFESSORA 3)*

*Olha o processo de alfabetização, para mim, em primeiro lugar ele é um desafio. E esse desafio tem as coisas boas e as coisas não tão boas, né. A criança vai aprendendo no seu tempo, eu concordo com isso, mas a gente tem que enxergar essa criança e ofertar o além, porque se você der o mínimo, por experiência própria, a resposta dessa criança vai ser o mínimo. Na alfabetização é assim, quanto mais eu ofertar para a criança, melhor ela vai entender e melhor vai ser a compreensão dela da leitura de mundo, e ela vai fazer a leitura que ela tem para aquele momento, com aquela maturidade. (PROFESSORA 4)*

*Eu acredito que o processo de alfabetização é uma leitura de mundo. É onde a criança traz as suas experiências e tudo que ela carrega de bagagem cultural, ela traz para escola, para então começar a iniciar seus primeiros passos na leitura e escrita. (PROFESSORA 5)*

Nas respostas podemos perceber que a concepção sobre a alfabetização de cada professora tem semelhanças e algumas particularidades, percebe-se também pela fala, que uma delas está em seu primeiro ano como alfabetizadora, a professora 1. Na sua fala vemos uma preocupação com seus alunos em aprender as letras, em aprender o alfabeto, mas de uma forma lúdica. Ela está em constante busca de atividades e materiais, mas também se preocupa com os alunos que chegam até ela sem nenhuma bagagem anterior vivida, assim como as outras professoras.

A professora 2 traz a concepção de alfabetização como um processo que vai além da decodificação dos símbolos e letras, mas como um todo da criança, que é refletido através da bagagem que a criança traz ao vir para a escola, como o folhear de um livro, um passeio, uma viagem, isto tudo culminando numa série de experiências que tornam possível a maturidade para o processo da alfabetização acontecer, de forma que até a orientação espacial é algo que depende das vivências e experiências vividas anteriormente a escola. Nesta mesma linha de pensamento a professora 3 traz a sua concepção, de que a alfabetização é um processo que se inicia muito cedo na vida das crianças, através de suas experiências e vivências, mas já relata que na comunidade as famílias não possuem acesso a atividades culturais que permitam a criança de enriquecer o processo anterior necessário para a alfabetização em sua concepção.

Ferreiro e Teberosky (1985) com uma abordagem construtivista corroboram para a ideia que a alfabetização é mais do que decodificar símbolos, mas fazer parte de um mundo letrado, apropriando-se do conhecimento e o resignificando.

A professora 4 em sua concepção de alfabetização, acredita que esta pode ser um grande desafio, que possui coisas boas e ruins. Ela parte do pressuposto que a

criança tem seu tempo de aprendizagem, mas relata que apesar de respeitar este tempo sempre busca ofertar o além para seus alunos, pois por experiência própria, acredita que se o mínimo for dado, eles respondem de forma mínima também. Aqui podemos perceber uma concepção diferenciada das demais, na qual a preocupação da professora está mais próxima da quantidade do que será ofertado, do que a própria qualidade e finalidade, mas ao mesmo tempo traz um conceito de leitura de mundo, onde ressalta que a criança fará a leitura de acordo com sua maturidade para o momento.

Para Freire (1979) o processo de alfabetização não pode ser algo que vem de cima, unilateral, mas ser significativo para a criança, um método que seja instrumento tanto do educador quanto do educando, ou seja, é preciso que todos os envolvidos estejam em sintonia, e a criança seja considerada como sujeito de seu processo de aquisição da leitura e escrita.

Em relação a alfabetização a professora 5 também traz aspectos relativos a uma leitura de mundo, na qual cita que a criança traz suas experiências e bagagem cultural para a escola, e desta forma inicia seus primeiros passos na leitura e escrita, corroborando com as concepções das professoras 2 e 3.

A segunda pergunta desta categoria é relativa ao ciclo de alfabetização, interrogando sobre possíveis causas da não alfabetização ao fim deste período: *Na sua opinião, por quê muitas crianças não conseguem estar alfabetizadas ao sair do ciclo de Alfabetização?*

*Eu acho assim, que em casa é a base de tudo, né, que a família tem que ajudar muito nessa parte, né, porque eu sei, porque eu também tenho filhos, eu sei que se a gente não tiver junto assim puxando por eles, eles não conseguem mesmo. A professora fazendo, ajudando, eu sei, aqui na escola a gente vê quando as mães pegam junto, quando a família ajuda a gente conhece a criança, aí a criança vai bem, quando a gente também vê que os pais não acompanham, aí a criança não vai bem. E também não tem como ela ir bem né. (PROFESSORA 1)*

*Então, mas eu acho que é isso, como processo, o nome já diz, ele é um processo e é o ciclo, tem crianças que já vem com a metade pronta que é essa parte da vivência, das construções que já vão fazendo, que já vão criando hipóteses, já vão vendo uma placa na rua, já vão num passeio, assistindo vídeos; essas coisas assim, e aí tem crianças que não tem essas vivências, têm crianças que não vem de casa com bagagem, não trazem nada e acaba que a alfabetização é o pontapé inicial do processo, sendo que para outras já é o meio, pois já fizeram uma caminhada e algumas que chegam na escola ali é o início é o começo de tudo. Então se deparam com atividades que não contemplam isso, aí não conseguem completar o ciclo de*

*alfabetização, é a minha opinião. É que eu acho que parte do processo, na minha cabeça, o processo de alfabetização ele não começa no primeiro ano até o terceiro, tu vem vindo, tu já conhece o próprio nome, tu já sabe fazer uma letra, tu já sabe qual é a letra do nome da mãe, já ganhou um gibi no outro dia, sabe que aqui em cima tem um título, que tem o nome do livro, já sabe que aqui nessas coisas são palavras, que tem alguma coisa escrita aqui; então nisso já iniciou o processo de alfabetização. Com 3 ou 4 anos já tá quase na metade do processo, essas crianças, né, mas ao contraponto tem outras que não estão nem no início do processo, e é no primeiro ano que então a criança chega, e é a primeira vez que pegou um lápis na mão, significa que estão no início do processo, mas não quer dizer que tem algum problema, apenas que começaram depois, e tudo precisa ser mais trabalhado. (PROFESSORA 2)*

*Eu acredito que pela falta de condições das próprias famílias, de frequentar alguns lugares, pela falta de cultura deles, da dificuldade em comprar materiais que incentivem, dificuldade de pagar uma internet que eles possam acessar os joguinhos, e desenhos. Eles não têm bagagem e isso dificulta o processo. A comunidade aqui é bem carente, então, né, eles priorizam as necessidades básicas, e acaba que não sobra para essas necessidades que também seriam importantes para as crianças. (PROFESSORA 3)*

*Eu acredito que talvez seja o método que a gente, o professor, está utilizando que não conseguiu encaixar com essa criança. Eu vou te dar um exemplo, eu faço planejamentos diferenciados, porque eu faço a testagem, eu vejo que têm níveis diferenciados dentro da turma, e conforme os níveis, eu vou acertando as atividades, mas mesmo assim tem crianças que não compreendem o processo da alfabetização, eles não têm maturidade; por que foram privados de estímulos, o meio onde eles vivem não tem acesso ao material que é oferecido para alfabetização, como livros revistas, enfim. As famílias em não valorizar a educação, e quando não prioriza, também acha que no tempo deles, esperando o tempo deles é o suficiente para eles aprenderem, e hoje eu não concordo, eu acho que a gente, profissional responsável, e eu me acho competente, eu acho que nós temos que provocar esses desafios e fazer de alguma forma acontecer. Se não dá de um jeito, por uma metodologia, vamos por outra, e um parênteses, também hoje se usa muitas mídias, a tecnologia, mas temos alunos e famílias que não têm acesso a um celular para receber uma mensagem no grupo de WhatsApp da turma, um comunicado importante, então é muito difícil. (PROFESSORA 4)*

*Eu acho que as crianças elas estão cada vez mais imaturas, e essa imaturidade ela reflete no processo de alfabetização, por que o interesse das crianças está cada vez mais voltado para o brincar então a alfabetização vai ficando de lado porque não é um processo interessante, digamos assim, mediante ao que o mundo oferece, principalmente as tecnologias. E também, a gente pode perceber que as metodologias, né, que a gente utiliza para fazer alfabetização dessas crianças, elas estão muitas vezes ultrapassadas, fazendo com que o interesse da criança não esteja na aprendizagem. (PROFESSORA 5)*

O porquê da saída do ciclo de alfabetização sem a criança estar alfabetizada trouxe concepções convergentes para a maioria das professoras, elas concordam que

a bagagem cultural que a criança traz de suas vivências é algo de extrema importância para o processo de alfabetização que acontece na escola. As condições de vida da comunidade, a luta pela subsistência e a necessidade da escolha pelos itens básicos para a sobrevivência privam estas crianças do acesso ao que é importante também, mas que lado a lado com a questão do necessário para viver, fica para trás, como livros, passeios, jogos didáticos, vídeos interativos etc.

A fala da professora 2 traz uma visão divergente das demais quando diz que a bagagem da criança faz a diferença para alfabetização, mas ressalta que esta criança que chega até a escola sem bagagem não tem nenhum problema, apenas que começou seu processo depois, e por consequência, há necessidade de que tudo seja mais trabalhado. Essa fala traz uma grande virada de chave, pois nela não há um conformismo de que as crianças que não possuem condições não irão aprender, mas que elas apenas necessitarão de estímulos maiores e de abordagens que possibilitem a sua ampliação de mundo e experiências. Mostrando que a escola pode e deve ser um local no qual as crianças são apresentadas a diferentes experiências e vivências, e o professor o mediador deste processo, provocando estes espaços e momentos diferenciados.

Segundo Ferreiro (1996, p.21) para ler e escrever é preciso apropriar-se do conhecimento, necessitando reinventar a escrita e resignificá-la, sendo este processo o mesmo para todas as crianças independentemente da classe social. Essa apropriação é o contato com o mundo letrado, com as experiências e vivências.

A ajuda da família, o incentivo, o acompanhamento das crianças na escola e das tarefas, a importância que dão para a educação também é citado como um dos fatores decisivos para esta não alfabetização ao final do ciclo. Segundo as professoras 1 e 4, é perceptível quando a família acompanha o aluno, e dá a importância necessária ao processo de alfabetização, é presente e não espera apenas pelo tempo de maturação da criança, mas participa do processo ativamente e proporciona condições de aprendizagem através da presença constante e valorização da educação e dos profissionais de educação.

Em relação ao método que é utilizado em sala de aula para a alfabetização a professora 4 acredita que o insucesso possa estar atrelado a isto. Para ela o método é muito importante e em sua sala de aula ela realiza diversos planejamentos, de modo a contemplar os diferentes níveis de aprendizagem da sua turma. A professora 5 também traz a discussão sobre o método utilizado, de modo que em sua opinião, o

processo de alfabetização não tem sido algo interessante para as crianças devido ao modo tradicional que ainda é realizado, ao passo que as tecnologias, jogos e internet são mais atrativos e dinâmicos. De fato, as metodologias que são utilizadas para alfabetizar as crianças em muitas escolas ainda são extremamente tradicionais e desatualizadas, como o método tradicional do ensino fragmentado por letra, sílabas. Não se existe apenas um método para ensinar, é preciso encontrar o melhor caminho para cada aluno.

Ainda sobre a fala da professora 5, percebemos que ela traz uma grande discussão à tona, quando trata da imaturidade das crianças e a preferência pela brincadeira ao invés da alfabetização. Nesse ponto podemos pensar que, a transição entre a educação infantil e os anos iniciais pode estar sendo problemática para estas crianças, já que a brincadeira que era a principal forma de aprendizagem agora na maioria das escolas é realizada somente no recreio, e o lúdico muito presente anteriormente agora dá lugar a uma alfabetização tradicional. É sempre preciso trabalhar esta transição, o que a escola tem feito para amenizar este impacto nas crianças, como o ensino fundamental de nove anos e o ciclo de alfabetização podem ser usados nesse processo para transformar essa lacuna em uma passagem linear e saudável para às crianças. Cada escola precisa se perguntar sobre isso, como tem feito, como deveria ser e de que forma podem melhorar esta transição, formações adequadas aos professores, estudos sobre, podem ajudar a compreender melhor e por consequência, ajudar mais crianças e professores.

A última pergunta desta categoria é: Na escola em que atua, quais as metodologias adotadas no processo de Alfabetização? As respostas das professoras foram:

*Então, com as crianças de primeiro ano a gente usa as coisas bem diferentes, nessas atividades, né, a gente começa sempre com textinho, e a partir desse texto a gente desenvolve as atividades, trabalha número, trabalha as letras, mas sempre envolvendo as crianças, assim, uma maneira integrada. Essa maneira que a gente trabalha também é usando jogos e atividades lúdicas. (PROFESSORA 1)*

*O primeiro ano ainda utiliza de metodologias muito presas à folha, até porque nós estamos num sistema, então, não tem como se desvincular de uma vez só desse sistema. Eu, por mim, a gente daria jogos a tarde inteira e aí eles já sairiam lendo e escrevendo, e pronto, e no final do ano estaria sendo resolvido isso. Eles veriam que estariam lendo e escrevendo, só que tem os pais na porta cobrando pelas atividades no caderno, tem as colegas que também não entendem esse sistema. Tu tem toda uma questão burocrática, porque eu não posso ficar subindo foto de jogo no Google Drive, não posso*

*ficar dizendo que a gente tem um sistema, e eu acredito nesse processo, também do quanto ser professor e assimilar como são as práticas. Eu vejo que logo quando eu comecei a trabalhar aqui era muito mais forte, a gente não via jogos, a gente não via atividades diferentes, mas hoje as coisas estão mudando, a gente já percebe mais atividades diferenciadas, já se vê uma mudança, então é uma coisa que vai indo devagar. Assim como não tinha folha, xerox, e antes era só quadro e giz, quadro de giz. Foi uma coisa que foi mudando, de certa forma então, no sentido de metodologia ainda estamos no tradicional, mas também é isso, é uma sociedade, a gente vive em sociedade, a gente não pode romper com tudo assim de uma vez só, por que as crianças também estão na sociedade, que não é só os professores e eles, também têm as famílias, também têm os pais.*

*Também tem aquilo: Ah mas eles não tem nada a ver com que a gente faz em sala, mas a gente precisa do apoio dos pais, eu preciso que as famílias caminhem comigo, se eu passo uma tarde inteira só fazendo jogos, como ontem a gente passou a tarde inteira só fazendo jogos de trocar as letras e criar novas palavras. Se eu passo à tarde inteira nisso, a criança chega em casa e não tem o registro, vamos dizer assim, e o professor diz, sou eu que sei o que é melhor para elas aprenderem, mas vem um pai que faça um comentário ruim que a professora não ensinou nada, em casa, já vai me prejudicar na aprendizagem da criança. Então eu acho que tudo é um ciclo, eu já fui muito radical no início, eu dizia, eu que sei vai ser assim e vai dar certo, e dava mesmo; mas a que preço que eu pagava, né, era aquele preço de ouvir tanto de colegas, quanto de famílias que diziam: Ah mas o que você vai colocar no caderno de chamada, mas o que que você vai registrar no caderno da criança. Então tudo é um ciclo, tudo é uma coisa que você larga de um lado, mas perde de outro, tudo você tem que ir aos poucos para também não romper com tudo de uma vez só, como desfazer os hábitos de uma sociedade, não tem como eu fazer a mudança na educação sozinha, eu aguardo os ciclos acontecerem e quando eles acontecerem, a gente vai junto.(PROFESSORA 2)*

*Aqui é bem variado né, conforme a gente percebe o desenvolvimento deles a gente vai e volta, alguns aprendem melhor com métodos silábicos, outros com métodos fônicos. Conforme a necessidade da criança, e o nível em que eles estão na aprendizagem, e evolução, vamos planejando e realizando as atividades com eles.(PROFESSORA 3)*

*Ah, eu uso os trabalhos em grupo, uso também a plataforma aprimora, a sala de informática, trabalhos em grupo, trabalhos com sequências didáticas. Então é por aí, uso também a sala de aula invertida com circuito de jogos. (PROFESSORA 4)*

*Bom, aqui na escola as metodologias são variadas, de acordo com a necessidade da turma, as professoras vão fazer o seu planejamento, e são orientadas de forma que consigam alcançar aquelas crianças. É tudo como se fosse um caminho, não posso dizer que é uma metodologia só, elas vão sendo utilizadas de acordo com a resposta das crianças, e através da metodologia que vai surtindo mais efeito para aquela turma. (PROFESSORA 5)*

Através das respostas para a pergunta de número três, percebemos a noção de unidade metodológica adotada pela escola através da opinião das professoras pesquisadas. A professora 1 relata que utiliza de materiais diversos e lúdicos, mas que as sequências didáticas sempre partem de um texto inicial, retratando certo engessamento no que vem a ser trabalhado em sala de aula.

A professoras 1, 2 e 4 relatam que fazem o uso de jogos didático-pedagógicos em suas práticas em sala de aula, destacando-se a fala da professora 2, na qual percebe-se que esta gostaria de fazer com que a aprendizagem em sua turma acontecesse usando apenas jogos e atividades diferenciadas, mas que encontra barreiras no uso desse tipo de metodologia.

A professora 2 traz uma importante reflexão em sua fala, ela considera que a escola também deve acolher e ouvir os pais dos estudantes, grifando que mesmo sabendo que sua metodologia de jogos proporcionaria sucesso no processo de alfabetização, talvez não seria compreendida pelos pais e nem pelas colegas mais tradicionais da escola. Utilizando do argumento que faz parte de um sistema, e este é lento em relação às mudanças, a professora 2 abre mão de uma concepção em que acredita para que o apoio das famílias esteja ao lado da sua prática.

A BNCC (2017) traz concepções sobre a alfabetização e metodologias utilizadas, tento em seu discurso a necessidade da ação pedagógica se focar no processo de alfabetização de forma articulada com outras habilidades e práticas diversificadas, visando um desenvolvimento pleno da criança e conseqüentemente da sua leitura e escrita.

As professoras 3 e 5 também fazem relato de suas práticas estarem pautadas nas necessidades de aprendizagem das crianças, que ao perceberem o desenvolvimento deles vão planejando e realizando atividades, e de acordo com a fala da professora 3, mesclando os métodos de alfabetização fônico e silábico. Já a professora 4 salienta o uso da plataforma de ensino Aprimora, que é disponibilizada pela secretaria de educação do município, o uso da sala de informática e de trabalhos em grupo e por sequências didáticas, além das metodologias ativas como a sala de aula invertida e circuito de jogos. É visível que a preocupação das professoras é centrada nos alunos, em suas necessidades de aprendizagem e também interesses, destacando uma abordagem pedagógica não diretiva.

De certa forma, ainda é perceptível que há uma variedade metodológica utilizada nas turmas do ciclo de alfabetização na escola loco da pesquisa, as

professoras compreendem a necessidade do ensino estar centrado no aluno, mas as práticas utilizadas possuem em sua grande maioria enfoques tradicionais e mais estáticos.

Ao finalizar esta categoria sobre a alfabetização pontos importantes podem ser elencados sobre a concepção das professoras pesquisadas referentes ao assunto. A alfabetização é vista como um processo que é relativo às experiências vividas, acesso a tecnologia, cultura e informação. Essa bagagem necessária para a alfabetização é relatada pela maioria das professoras entrevistadas como algo crucial para o sucesso neste processo, e também é citada como um dos fatores responsáveis pela não alfabetização. Apenas uma professora levantou a hipótese da não aprendizagem acontecer por falta da tentativa do professor em mesclar metodologias e encontrar a forma de alcançar aquele aluno que ainda não aprendeu ou se alfabetizou, as demais partiram da premissa que o meio e as experiências anteriores seriam fundamentais e remeteriam a uma não alfabetização caso faltassem.

A professora 2 nos trouxe uma consideração muito importante quando relatou que apesar da bagagem cultural e das vivências fazerem diferença no processo de alfabetização, elas não são fatores que sentenciam o sucesso ou insucesso da criança na aquisição da leitura e escrita; a criança que não teve muitas experiências e acesso à cultura, ao chegar na escola, teria de ser apresentada aos estímulos que lhe foram privados anteriormente, e esse movimento possibilitaria assim a sua alfabetização, mais lenta que os demais, mas com grande índice de sucesso.

Na segunda categoria emergente, referente às políticas internacionais, foram elencadas duas perguntas, que mostraram as concepções das professoras entrevistadas sobre este tema, a pergunta de número 4 era: Você compreende a existência de políticas internacionais sobre educação? Se sim poderia citar alguma que conhece.

*Sim, conheço agenda 2030, a gente já recebeu aqui na escola. Gostei bastante desse projeto, da gente estar usando um documento internacional na nossa prática. (PROFESSORA 1)*

*Olha eu compreendo que existe e tem muita coisa boa mas é uma coisa minha e particular, que eu não tenho muita paciência nem para tabela, nem para regras, nem para burocracias, enfim, eu tenho esse problema. Eu não sei te citar alguma que eu conheço, mas o que eu vejo, então, as mudanças vêm, elas acontecem, e se eu acho bom e acredito eu vou junto. Por exemplo que nem teve o PROMLA lá, todo mundo criticou o fato da pré-escola estar fazendo junto com os anos iniciais 1º e 2º ano, pois diziam não ter nada a ver, que estavam escolarizando a pré-escola, mas eu não vi assim, eu via como*

*uma proximidade onde o primeiro e segundo ano tiveram que ouvir que a pré-escola não ia preparar para alfabetização, e que estava preparando para o que eles estavam vivendo agora. Isso é uma política pública, se ela vem ao encontro daquilo que eu acredito, eu vou com ela, mas se ela vai contra eu não acompanho. (PROFESSORA 2)*

*Não, eu acho que não me recordo de nenhuma política internacional agora no momento. Nunca ouvi falar da Agenda 2030, não li sobre e não sei te dizer bem sobre o que se trata. (PROFESSORA 3)*

*Bom eu conheço agenda 2030, E pelo que eu li não foi ao encontro das minhas ideias, como se tivesse colocando uma nova modalidade de ensino do jeito que eles querem e eu não senti que é o que a nossa educação precisa que é uma mudança de pensamento que não vai de acordo com esse nível de ensino que é implementando filosofias. (PROFESSORA 4)*

*Compreendo a existência das políticas internacionais, de forma que toda mudança na educação, toda a reestruturação que acontece na educação Brasileira, ela vem das políticas internacionais que vão trazendo a mudança que é necessária, desde metodologias até novos parâmetros e diretrizes. A própria política de Educação Especial ela é uma política que é pautada nas políticas internacionais, no que, no que vem sendo pensado em âmbito global e que vem sendo atualizado, e que chega até nós. Temos a Agenda 2030 que é um documento que traz metas para o ano de 2030, trazendo mudanças globais que são muito importantes para pautar a educação que é feita na escola e os cidadãos que queremos, e o mundo que queremos. (PROFESSORA 5)*

Na fala da professora 1 podemos compreender que a escola loco de pesquisa já disponibilizou para seus professores em algum momento o estudo da Agenda 2030, e que este acesso permitiu o conhecimento sobre as questões abordadas neste documento internacional. Já a professora 2 relata que compreende a existência e importância desses documentos internacionais, mas que não tem muita paciência para questões mais burocráticas; ela entende que as mudanças existem, e salienta que analisa se é uma mudança boa ou não, e se for de acordo com seus preceitos, ela acompanha e começa a fazer parte. A professora 3 não se recorda da existência de nenhuma política internacional.

As professoras 4 e 5 conhecem a existência das políticas internacionais, mais especificamente da Agenda 2030; a professora 4 relata que após fazer a leitura da Agenda 2030, entendeu que ela não vai ao encontro dos seus ideais de educação, não sendo o que a educação do nosso país precisa, de um documento pautado em ideologias. Já a professora 5 traz uma concepção de que as políticas internacionais pautam o que chega até nós, como um vetor da mudança que é necessária, assim como a Agenda 2030, que nos proporciona noções globais importantes, para formar cidadãos do mundo, conscientes e agentes da mudança.

A pergunta de número 5: Como as políticas internacionais têm impacto na educação desenvolvida na escola em sua opinião, proporcionou os seguintes relatos:

*Eu acho que sim né, porque elas ajudam muito na integração, e aí as crianças vão conhecendo o contexto global, que existem mais coisas que a escola, que estão num micro espaço e que elas podem se expandir para um macroespaço, de um jeito que elas conheçam o mundo e o que ele tem para oferecer. (PROFESSORA 1)*

*Olha eu não sei te dizer, eu não conheço agenda 2030, mas eu acho que de certa forma sim, acredito que seja muito individual de cada um. Depende muito do que o professor se propõe, aqui é uma escola que tem muita resistência ao novo, muita resistência ao novo mesmo, pelo fato de ser uma escola que tem difícil acesso, isso faz com que tu não queira sair daqui, e acaba que os professores ficam muito tempo aqui na escola, e conseqüentemente professores que tem mais caminhada na Rede e mais influência acabam vindo para cá, e os novos acabam indo para outros lugares. Esse ano tem mais professores novos, a coisa tá um pouco diferente, mas também não vejo essa força nesses professores novos, de pensar: “Cheguei e quero fazer a diferença.” Posso ver que esses professores novos entram e já vão andando conforme o barco vai, não tem essa coisa de o novo chegou, ficam fazendo o básico e acabou, entrando no ritmo de como já estava na escola. (PROFESSORA 2)*

*Ah, eu não tenho conhecimento assim, não sei te dizer (PROFESSORA 3)*

*Sim, eu acredito que tem por que existe o saeb que são as provas que fazem a medição de nível de aprendizagem por escolas, eu não tenho dúvida que sim. (PROFESSORA 4)*

*Acredito que a gente vive num ambiente que ele é pautado pelas políticas internacionais, que todo movimento de mudança na educação, ele chega até nós porque ele já está acontecendo em âmbito global, e assim ele vem vindo para o nosso país, para o nosso Estado, até chegar na nossa cidade. São as políticas internacionais que impulsionam a mudança, que trazem as novas tendências de educação, e que pautam o que vem para fazer a diferença dentro da escola. (PROFESSORA 5)*

Sobre a compreensão do impacto das políticas internacionais no trabalho desenvolvido na escola, as professoras 1 e 5 relatam que é uma relação entre o macro espaço e o micro espaço, ou seja, as políticas internacionais são importantes pois elas trazem o que vem acontecendo no mundo de forma global, e que vão chegando até a nossa realidade, demonstrando as mudanças, novas tendências educacionais, e ampliando a visão de mundo das crianças.

A professora 2 diz que realmente não conhece a política internacional da Agenda 2030, mas traz para a discussão uma premissa importante, na qual ela fala sobre o posicionamento do professor, relatando que seria algo muito pessoal. De acordo com a professora 2, a escola loco de pesquisa possui muita resistência ao novo, e os docentes que trabalham neste local parecem fazer o básico, sem

demonstrar muito vontade poder proporcionar a mudança na vida das crianças através da educação. A professora 3 não soube opinar, e a professora 4 diz que as políticas internacionais possuem impacto na educação, tanto que existem provas nacionais para medir e avaliar o desempenho dos estudantes, como o SAEB.

Deste modo, ao fim da segunda categoria referente às políticas internacionais sobre educação, foi possível verificar que as professoras entrevistadas em sua maioria ainda não compreendem essas políticas, bem como não possuem interesse para buscar mais conhecimento sobre este tema, contribuindo de forma rasa para as questões referentes a pesquisa nesta categoria.

A terceira categoria emergente é referente à vulnerabilidade social, e se inicia na pergunta de número 6: Você conhece a realidade de vulnerabilidade social na qual a escola está inserida? Obtendo as seguintes respostas:

*Sim conheço, a gente tem acompanhado todos os dias, eles vêm para a escola, a gente conversa, a gente vê a dificuldade de cada criança. As profes da gestão vão visitar e fazem o acompanhamento das crianças que mais precisam. Eu acho que é bem trabalhada essa questão da vulnerabilidade aqui na escola. (e a sua turma que em especial tem bastante crianças em vulnerabilidade, a maioria das crianças que ficaram sem vagas nas outras duas turmas e então conseqüentemente aquelas famílias que basicamente não correram atrás das vagas em tempo hábil e que ficaram sem vagas, e conseqüentemente são as famílias mais vulneráveis). É eu sinto até pelo andar da turma né, cada vez que chega uma criança nossa turma para um pouquinho para tentar inserir essa criança, porque ela vem geralmente sem nunca ter ido para escola, e nós podemos ver como elas têm problemas, chegam sem bagagem sem nunca ter ido para escola, isso é bem difícil, então o trabalho vem sendo fragmentado né, tem crianças que nunca foram para a escola e deveriam estar no terceiro ano, bem complicado, mas sei que esse ponto também é reflexo da pandemia, foram ficando em casa e os pais não matricularam e assim essas crianças não estudaram no ensino remoto. (PROFESSORA 1)*

*Sim tem muita vulnerabilidade, eu posso dizer porque eu moro aqui. Eu acho que é uma comunidade que já sofreu uma transformação muito grande de 30 anos para trás que eu moro aqui, mais ou menos, um pouco menos, mas é uma realidade bem diferente. Assim, antigamente eles vinham para a escola porque tinham que vir, não em busca de um futuro, e hoje eu já vejo diferente, antes eles vinham sem nada, não tinha um material, não tinha roupa, não tinha nada, e foi até o crescimento da comunidade mesmo, que hoje eles têm material. Hoje não ter mais roupa é difícil, assim, a gente tem alunos bem carentes, tem, mas ao mesmo tempo a gente entende o porquê de cada um, a gente conhece a história de cada um. Antes era geral, antes eram todos em muita situação de vulnerabilidade. Então tem um crescimento da comunidade, inclusive de segurança, antigamente os professores para dar aula aqui tinha que vir todos no mesmo horário, se encontravam lá na via de*

*acesso, e todos os carros vinham juntos, porque tinham medo de ser assaltados. Era um pouco descabido? Era, mas era o que se tinha. Mas hoje em dia, eu vejo diferente, vejo que as pessoas não tem medo de estar aqui, não tem medo de estar dentro do colégio, que vai acontecer alguma coisa. Mudou muito até o entendimento dessas famílias, assim puxando para tecnologia, hoje em dia todos eles têm celular, todos eles têm acesso à informação. Se é verídico ou não, se buscam a informação correta é outra história, mas já é o mínimo de caminhada ao que se tinha antes, antes quando os pais eram a grande maioria totalmente analfabetos. (PROFESSORA 2)*

*Sim, bastante. Faz algum tempo que eu trabalho aqui, eu conheço bastante a realidade da comunidade. Algumas famílias têm trabalho, outras não tem, outras trabalham com faxina, algumas fazem reciclagem. A gente conhece a maioria deles, e sabe como é a realidade em que eles vivem, a comunidade é bem carente e as crianças não tem muita estrutura em casa. (PROFESSORA 3)*

*Eu já passei pela comunidade, conversei bastante com os alunos e com as famílias, e é uma comunidade bem difícil e bem carente. É bem desestruturada em todos os sentidos, seja social, familiar, profissional, financeiro, é bem carente. (PROFESSORA 4)*

*A escola, ela está inserida numa comunidade que é bem carente, a gente conhece todas as famílias praticamente, e sabe da vulnerabilidade social da comunidade, da necessidade que eles têm, e do assistencialismo que a escola tem que fazer muitas vezes para garantir para essas famílias e crianças um pouco mais de qualidade de vida e acesso à educação. (PROFESSORA 5)*

Na fala da professora 1 percebe-se que ela conhece a situação de vulnerabilidade na qual a comunidade escolar está inserida, acompanhando diariamente os alunos e relatando que a gestão também faz este acompanhamento de perto, inclusive com visitas nas casas das famílias. A turma desta professora iniciou tardiamente o ano letivo, devido a necessidade de mais vagas para crianças na idade de alfabetização na comunidade; e em relação a isso a professora entende os alunos que chegam são crianças que estavam fora da escola, conseqüentemente de famílias em grande situação de vulnerabilidade, e este fato tem tornado seu trabalho fragmentado, pois as crianças vem sem uma vivência de educação infantil, e muitas vezes com grande defasagem em relação a idade esperada para o ano em questão. Além disso, alguns alunos tem idade avançada para a série em que estão, revelando que muitas famílias que chegaram na escola este ano haviam abandonado os estudos das crianças durante a pandemia, nos anos de 2020 e 2021.

A professora 2 fala que conhece a realidade de vulnerabilidade da escola, pois mora na comunidade, e com propriedade de quem já tem quase 30 anos morando na vizinhança, diz que houve uma grande transformação neste tempo. De acordo com ela anteriormente as crianças iam a escola apenas por obrigação, e isso hoje já é diferente, pois as famílias já almejam um futuro através da educação para seus filhos; e a falta de roupas, materiais escolares e de condições era generalizada, e hoje são casos mais isolados, que são acompanhados e se compreende e acompanha a situação dessas famílias. Sobre a questão de segurança também, antigamente conta que os professores se reuniam para chegarem todos juntos na escola, com medo de assalto, hoje não, todos já se sentem bem na escola e não tem medo de ficarem dentro da escola ou na comunidade. Ela acredita que o crescimento da comunidade foi muito significativo neste tempo desde que mora na vizinhança, que agora eles têm celular, acesso á informação, de qualidade ou não, mas que é um processo muito importante já que a anos atrás a maior parte dos adultos da comunidade não era nem alfabetizada ainda.

Na fala da professora 2 podemos perceber uma grande evolução da comunidade, no que diz respeito ao crescimento pessoal, econômico e também sobre a importância da educação na vida das crianças, nota-se que a família hoje tem mais consciência sobre o papel da escola e sua contribuição para o desenvolvimento pleno de todos os alunos. Para uma comunidade que apesar da caminhada crescente que vem realizando, ainda possui muitas famílias em situação de vulnerabilidade, a informação, o acesso a educação de qualidade e modos de vida dignos fazem a diferença para o agora e principalmente para o futuro de todos.

O relato da professora 3 corrobora com o da professora 4, ambas conhecem a realidade de vulnerabilidade na qual a escola está inserida, tem estreita relação com as famílias, conversam e sabem da realidade de vida das crianças. Os empregos dos pais muitas vezes são informais e autônomos. Falam também da carência e desestrutura da comunidade em todos os sentindo, sejam eles emocionais, profissionais, econômicos e psicológicos. A professora 5 também fala sobre a carência da comunidade, e que a escola conhece praticamente todas as famílias e sabe das dificuldades mais latentes de cada uma, sendo o assistencialismo uma prática bastante realizada para que as famílias tenham mais acesso a educação e qualidade de vida.

De acordo com Carmo e Guizardi (2018) as pessoas em situação de vulnerabilidade são aquelas que estão mais suscetíveis aos danos e desvantagens sociais, não conseguindo alcançar melhor qualidade de vida devido a possuir sua cidadania fragilizada; desta forma a vulnerabilidade não se limita apenas a falta material, mas também a dificuldade de se perceber como um cidadão de direitos e almejar crescimento.

É perceptível que a comunidade aos arredores da escola loco de pesquisa está em situação de vulnerabilidade social, apesar do desenvolvimento relatado nos últimos anos, ainda se percebe que o assistencialismo está presente, de modo a garantir alguns direitos básicos de vida para às crianças. A escola busca acompanhar estas famílias e proporcionar na medida em que conseguem, alimentos e outras necessidades essenciais. A escola pública é lugar de educação, acolimento e refúgio para as famílias que precisam, e muitas vezes para que se possa garantir o direito básico de educação para as crianças o assistencialismo é prática diária e necessária.

A pergunta de número 7, “Essas crianças, em vulnerabilidade social, possuem acesso às tecnologias em suas casas?” Suscitou as respostas:

*Eu acho que não, a gente vê quando vem aqui né, quando a gente vai no laboratório a felicidade deles né, em poder tocar em poder mexer no computador e fazer as atividades. (e celular professora, tu acha que eles têm acesso) Sim, celular eu acho que eles tem, tem internet também. A gente vê que as mães falam, e eles falam que acessam a internet. (PROFESSORA 1)*

*Eu acho que depende do que tu julga por tecnologia, né. Se é internet e celular, a maioria tem, televisão a maioria tem, antes não. E para isso tem que saber ler e escrever o mínimo do básico. Lógico que comparado há 10 anos atrás, 12 anos atrás, teve essa mudança. Eu acho que a comunidade evoluiu, caminhou para frente. (PROFESSORA 2)*

*Muito pouco né, quem sabe alguns. E se tem acesso é raramente, e quando acessa é sem qualidade ou conteúdo. Eles também mudam muito de número de telefone, trocam de aparelho, vendem por necessidade e, às vezes a gente não consegue ligar para a família da criança quando precisa, aqui mesmo, tem umas quantas famílias que não tem nem telefone, nem nada. (PROFESSORA 3)*

*Minimamente, e se tem, é dois ou três dias no mês e depois eles não têm mais acesso, porque geralmente eles têm celular, mas é celular pré-pago, e é só o tempo que dura os créditos. (PROFESSORA 4)*

*A gente percebe que a maioria das famílias, elas têm acesso à telefone celular, televisão, e até internet. Mas como eles têm esse acesso eles já não têm mais, é tudo muito dinâmico, geralmente o telefone é pré-pago, tem internet por poucos dias, a televisão pega poucos canais. A gente percebe*

*que a tecnologia está presente nas casas, o que é uma realidade da Comunidade, mas a constância com que essa tecnologia está presente, é mais fragmentada. (PROFESSORA 5)*

Nesta pergunta a resposta as professoras foi unanime, as famílias e crianças tem acesso às tecnologias, mais especificamente eles possuem acesso aos celulares com internet, alguns canais de televisão, e alguma minoria à computadores com internet. A professora 2 relata um crescimento da comunidade em relação ao acesso às tecnologias e celulares quando comparada a uma década atrás. Já a professora 3 relata que a minoria possui e quando tem é por pouco período de tempo, pois na comunidade eles trocam muito de aparelho de celular, número de telefone, dificultando até o contato com as famílias quando a escola necessita.

A professora 4 relata que as famílias tem acesso minimamente, e quando tem é por um curto período de tempo no mês, geralmente os primeiros dias, pois a maioria dos celulares são pré-pagos e a internet dura a validade curta dos créditos. A professora 5 já acredita que a maioria das famílias tem acesso à celular, televisão e internet, mas relata que na comunidade tudo é muito dinâmico, uns dias eles têm acesso e no outro já não tem mais. Mas a presença da tecnologia nas casas é perceptível.

Ao final desta categoria relacionada à vulnerabilidade social percebe-se que a comunidade aos arredores da escola está em situação de vulnerabilidade social, apesar do desenvolvimento nos últimos anos, ainda se percebe que o assistencialismo está presente, de modo a garantir alguns direitos básicos de vida para as crianças. E ao mesmo tempo, a inserção tecnológica está presente na maioria das casas através do celular com internet e televisão, democratizando o acesso a informação, mas não garantindo qualidade no que chega até estas crianças e famílias.

A quarta categoria que é denominada como tecnologias se inicia pela pergunta de número oito, que diz: “Quais as tecnologias disponíveis na escola para uso do professor em sala de aula com os alunos?” E as seguintes respostas foram dadas:

*A escola aqui é muito boa né, tem bastante acessórios disponíveis. Tem a sala do laboratório, e os computadores, têm o retroprojeter aqueles que usam para ver os filmes. Nossa, tem toda a estrutura do laboratório que a gente pode usar. (PROFESSORA 1)*

*O datashow, aí o laboratório de informática, que eu vejo como um trabalho muito engessado, um trabalho que não é bem desenvolvido, por que eu não tenho acesso a pegar os computadores, de usar. Mesmo que a escola diga*

*que tem, a gente sabe que tem outras barreiras que não são visíveis, que não são táteis assim, mas que impedem, que é desconforto entre colegas, é que eu vou lá pegar e aí, “Ah mas não é o teu horário”, é tudo muito com o horário, tudo muito engessado com o uso de plataformas. Esse uso de plataformas impostas de forma impositiva, que não me deixam criar outra coisa que eu acho que vai ser boa para o meu aluno. Agora a gente recebeu o Chromebook, né, eu venho usando na aula com alguma coisa para eles, às vezes, Então é uma coisa que eu acho que é o Datashow, a máquina de xerox, que é uma novidade que não se tinha, mas acho que é uma coisa que é o básico do básico, mas que não sei se conta, mas fora isso não vejo outra que me venha agora assim de cabeça, acho que são essas. (PROFESSORA 2)*

*A gente tem os notebooks, a gente faz o uso da plataforma aprimora que eu achei bem importante, uma boa aquisição da prefeitura, porque se não for aqui muitos não têm nem acesso, desde os pequenos até os maiores. Eu vejo que nos anos finais e nos anos iniciais eles têm acesso nesse notebook só aqui na escola.(PROFESSORA 3)*

*Ah, tem os computadores, a gente pode usar o celular da gente, tem o data show. Ao menos são esses que utilizo, que eu mais uso. (PROFESSORA 4)*

*A escola possui laboratório de informática, Datashow, televisores, notebooks, caixas de som, plastificadora, impressoras coloridas para uso dos professores, e agora também os professores receberam da rede os Chromebooks.(PROFESSORA 5)*

Nesta pergunta percebe-se uma unidade na resposta das professoras, ambas listam as tecnologias disponíveis e a maioria cita o Datashow, laboratório de informática, notebooks e etc. A professora 2 além de enumerar as tecnologias disponíveis, relata sobre o uso delas, sendo necessário horários específicos e alguns tramites para a retirada dos notebooks para uso, além das plataformas de aprendizagem com uso impositivo. Já a professora 3 cita o uso da plataforma aprimora como sendo algo que lhe parece bastante significativo, relevante para a aprendizagem, além de levantar uma questão relevante, que os alunos tem geralmente o contato com os notebooks somente na escola.

Para Lévy (2011), não há impacto da tecnologia diretamente na educação, mas sim de acordo como o professor usa a ferramenta em sua ação pedagógica; segundo ele é possível usar a mesma intervenção e não receber o mesmo resultado devido a prática do professor que está utilizando esta tecnologia. Para além da tecnologia, é necessário considerar as práticas que a utilizam.

Através dessa pergunta ficou perceptível que a escola possui tecnologias disponíveis para o uso das professoras, e o acesso é organizado através de horários, talvez por tratar-se de uma escola relativamente grande mas com recursos

tecnológicos em menos número do que o suficiente para atender a todas as turmas em livre demanda; também percebe-se que o uso das plataformas de ensino nos horários designados para o uso das tecnologias varia de professora para professora, e isso pode acontecer devido às concepções metodológicas que são adotadas no planejamento e plano de ensino de cada uma delas.

A pergunta de número nove: “Como a escola proporciona estas tecnologias para o uso do professor?” Obteve as respostas a seguir:

*Sim, a gente tem acesso, a gente tem horário, como a escola é grande né, cada um tem o seu horário, e daí a gente vai lá e acessa. O acesso é fácil, se solicita quando precisa e tem esse acesso, a gente tem ajuda até para pegar e guardar, e para marcar se precisa fora do nosso horário, né porque às vezes os professores acabam precisando no mesmo horário.(PROFESSORA 1)*

*Através de horários pré-determinados que a gente não tem direito a escolher, que não tem direito de dizer qual o horário que beneficia a aprendizagem do meu aluno, é aquele horário ali, e acabou. E assim, é somente para uma coisa que é um tecnicismo muito grande, só apertar botões, nem entrar na plataforma eles não entram sozinhos, então alguém vai ali coloca o programa para eles, e eles só ficam apertando a resposta. Isso não é o uso da tecnologia enquanto busca do aprendizado, é apertar botões nas plataformas para saber se acertou, se sim ou se não naquela atividade, é como se fosse um livro didático digital, nada mais nada menos do que isso, é a plataforma que está em uso na alfabetização. É o uso do estímulo resposta, e isso não é o uso da tecnologia, ao invés de usar o livro didático para escrever as respostas tu vai ali e digita as respostas. Não tem um pensamento tecnológico, não tem o desenvolvimento do pensar por exemplo, assim dentro do buscar no Google para aprender o que que é, de jogar um jogo diferente a cada semana, de usar um programa hoje, outro programa amanhã, E é um trabalho que eu sei que é desenvolvido em outras escolas, no mais, assim, é só apertar botões que se assemelha ao livro didático. Eu vejo a plataforma em uso na alfabetização como um livro didático digital. (PROFESSORA 2)*

*A gente aqui na escola tem um laboratório de informática, tem internet, tem horário organizado para os alunos e sempre que possível eles são levados ao laboratório ou então os notebooks vão até a sala de aula. Como a escola é grande, tudo depende de horário, né, até para ficar organizado. Tem também o Datashow que a gente pode utilizar, tem televisão, nosso celular, as caixas de som, tudo disponível para a gente fazer esse uso. (PROFESSORA 3)*

*A gente tem um tempo determinado por turma semanalmente, e fora isso a gente pode agendar e fazer o uso no próprio espaço da sala de aula, além do laboratório de informática. Eu acho que quanto a isso a escola nos oferta muito bem.(PROFESSORA 4)*

*As tecnologias geralmente são disponibilizadas para uso do professor através de horários pré-determinados, né, porque a escola é grande e para dar o*

*acesso a todos é feito nesse sistema. Os professores também podem marcar horário de acordo com a necessidade, e do que vem sendo trabalhado no seu planejamento.(PROFESSORA 5)*

Nesta pergunta, a maioria das professoras respondeu que a disponibilização das tecnologias é realizada através dos horários preestabelecidos e dos agendamentos com antecedência, devido ao fato da escola ser grande e desta forma ser possível proporcionar acesso à todos de uma forma democrática. A professora 1 em sua fala diz que recebe ajuda para buscar e guardar os equipamentos; a professora 4 relata que neste critério acredita que a escola esteja assessorando bem os professores.

A professora 2 em sua resposta a esta pergunta relata que ao usar o laboratório de informática acredita que o trabalho seja muito estático, e que os horários são estabelecidos em desacordo com os professores, sem a possibilidade da escolha de um horário que pudesse ser melhor para a aprendizagem dos alunos. Sobre as plataformas utilizadas, ela relata que há um tecnicismo muito grande, onde os alunos só precisam apertar botões ao estilo estímulo-resposta, e que na verdade a tecnologia da plataforma mais parece um livro didático digital e não uma nova metodologia mais atrativa para às crianças.

Assim, fica explícito que as tecnologias são disponibilizadas através de horários específicos, e estes são organizados para ampliar o acesso de forma justa e democrática para todos os professores e alunos; em relação a organização dos horários e como seria a melhor organização levando em consideração as particularidades de cada turma, podem ser resolvidos através de um diálogo entre professores e gestão para uma reorganização dos tempos e espaços mais personalizada. Já o uso das plataformas disponibilizadas pela rede municipal, que estão gerando atrito, poderiam ser repensadas através de uma reunião com a secretaria de educação do município, fazendo um balanço entre os pontos positivos e negativos, e a necessidade do uso paulatinamente.

Já a pergunta de número dez: “Em relação as tecnologias, você acredita ter formação adequada para fazer o uso correto delas em sala com os alunos? As respostas obtidas foram:

*Não, eu acho que não, né. A gente tem que estar sempre buscando, sempre procurando para melhorar, e assim como a gente que trabalha junto nos*

*primeiros anos se troca as atividades, mas dá para ver que falta muito para o professor nessa parte da informática. (PROFESSORA 1)*

*Sim, tenho. Tenho formação porque eu sou ponto focal na outra escola onde é a minha outra matrícula. Ponto focal é um cargo que foi criado a partir de um programa do governo federal que é o da educação Gaúcha conectada. O programa originalmente se destina a instrumentalizar o professor em sala de aula, para que ele consiga fazer o uso da internet, enfim, de computadores, da tecnologia em sala de aula. Só que pensando nessa barreira de que os professores não sabem utilizar, ou não tem tempo de estar indo buscar programas, de fazer a manutenção dos computadores, existe esse cargo do ponto focal que é essa parte, do cuidado material com as coisas, e do aprendizado de como fazer. Mas também de ajudar o professor a usar a tecnologia dentro da sua sala de aula. Então essas metodologias ativas que é onde o professor e os alunos constroem o conhecimento, o aluno vai construir o conhecimento, ele vai pesquisar, ele vai procurar. E aí nessa outra Escola onde sou ponto focal, o foco não é a realização da atividade em si, isso fica sempre presente, eles não precisam nem concluir atividade, eles precisam é do processo; sempre usar programas diferentes, Word ou Excel, às vezes, dependendo do que eles querem fazer, jogos da internet ou as plataformas que município oferece. Sempre uma coisa diferente, ah, uma coisa que a gente tem usado bastante também é programa de edição de fotos, de imagem, coisas que instrumentalizem eles para a vida, principalmente que eles fazem muito que é a parte de procurar respostas a partir da pesquisa, a professora organiza a aula de acordo com perguntas geradoras e eles vão lá para buscar essas respostas, então eles vão aprender a mexer no Google, a procurar aonde que a informação é relevante, aonde que não é. Essa discussão de seleção, isso tudo a gente trabalha com eles eles, então eles já sabem quais são os sites que nem adianta clicar, que a Prof não vai aceitar, que esse site não é legal, então essa instrumentalização é importante. A gente trabalha também muito com eles o lugar-comum na internet, que é os memes, essas coisas, procuramos trabalhar com aquilo que eles trazem, No início eles achavam que o que eles traziam a Profe não podia saber, não podia ver, então eles entravam nos sites escondidos para olhar um meme, para olhar o Facebook, para olhar vídeo de YouTube. Então eu dizia: Não é a cultura de vocês, é cultura da idade de vocês não tem problema. A gente tem mania de achar que a nossa cultura prevalece sobre a deles, só que eles estão naquela fase, e aquilo para eles é interessante, então a gente tem que traduzir o conhecimento através do que eles trazem. E aí é muito legal esse trabalho no ponto focal lá na outra escola.(PROFESSORA 2)*

*Sim, a prefeitura ofereceu para todo mundo, a formação desde a época da pandemia a gente teve o acesso, foi oferecido às formações, então eu acredito que eu tenho uma formação para usar estes equipamentos. (PROFESSORA 3)*

*Eu acredito que não, com a pandemia eu tive que aprender bastante coisa, estudei fora todos os cursos que foram oferecidos via prefeitura e também procurei outros né, online, para conseguir me virar, mas não me acho uma Expert nas tecnologias. Busquei pela necessidade que tive, as formações e cursos. (PROFESSORA 4)*

*Olha, eu acredito que a gente nunca saiba tudo, né, mas a formação Inicial, básica para fazer o uso, acredito que sim. A rede também disponibiliza frequentemente cursos e formações para o profissional que queira aprender,*

*que queira buscar conhecimento. Isso é bem importante, ter o acesso a formação, e é do profissional, tá interessado, e ele pode aprender a fazer o uso cada vez melhor dessas tecnologias e do que vem sendo ofertado para as escolas. (PROFESSORA 5)*

Nas respostas das professoras 1 e 4 podemos ver que elas não se sentem preparadas para fazer o uso das tecnologias em sala de aula, acreditando que a formação que possuem é insuficiente em relação ao que seria necessário; porém a professora 4 relata que apesar de ter aprendido muitas coisas novas com o período de pandemia devido ao ensino remoto, não se sente preparada, mas buscou aprender realizando as formações disponibilizadas pela rede municipal de ensino e outros particulares.

As professoras 3 e 5 em suas falas relatam que se sentem preparadas para o uso das tecnologias, pois assim como a professora 4, elas enfatizam que a prefeitura municipal disponibilizou formações sobre as tecnologias para qualificar os profissionais durante a pandemia e o ensino remoto; e o fato de buscar, querer aprender e saber utilizar é uma qualidade importante de um bom profissional.

A professora 2 diz com propriedade que tem formação para usar as tecnologias, ainda relata que na sua outra escola ela possui o cargo de ponto focal, que faz parte do programa educação gaúcha conectada criado pelo governo federal. Relata que em suas práticas nesse cargo na outra escola ela faz a manutenção básica dos recursos tecnológicos e assessora os professores no uso destes materiais; ainda diz que o ensino lá é pautado por metodologias ativas e com o aluno no centro do processo, no qual ele busca o conhecimento e é o responsável pela realização desde as tarefas mais básicas até mais complexas no computador, usando programas do pacote Office, editores de fotos, internet e linguagens jovens como o uso de memes na comunicação.

Através das respostas das professoras é possível perceber que a formação adequada para usar as tecnologias tem dependido muito mais da iniciativa própria do professor, já que a secretaria tem disponibilizado cursos e o ensino remoto democratizado mais o uso da tecnologia e diversas ferramentas. A postura do profissional em buscar conhecimento quando sente que precisa é muito importante, ainda mais quando esta está disponibilizado de forma gratuita na rede de trabalho em que atua.

Ao final desta quarta categoria, percebe-se que a escola possui tecnologias disponíveis para o uso das professoras, e o acesso é organizado através de horários por tratar-se de uma escola relativamente grande mas com recursos tecnológicos em número insuficiente para atender a todas as turmas em livre demanda; também fica nítido que o uso das plataformas de ensino nos horários designados para o uso das tecnologias varia de professora para professora, e isso pode acontecer devido às concepções metodológicas que são adotadas no planejamento e plano de ensino de cada uma delas; em relação a organização dos horários e como seria a melhor ordem em um cronograma levando em consideração as particularidades de cada turma, é possível uma resolução através de um diálogo entre professoras e gestão para uma reorganização dos tempos e espaços de forma mais personalizada.

Já o uso das plataformas disponibilizadas pela rede municipal, que estão gerando atrito, poderiam ser repensadas através de uma reunião com a secretaria de educação do município, fazendo um balanço entre os pontos positivos e negativos, e a necessidade do uso paulatinamente. Em relação a formação das professoras é possível perceber que o aperfeiçoamento para usar as tecnologias depende muito mais da iniciativa própria do professor, já que a secretaria tem disponibilizado cursos e o ensino remoto democratizado mais o uso da tecnologia e diversas ferramentas.

A quinta e última categoria que diz respeito às metodologias ativas inicia na pergunta de número 11: “Você utiliza ou já utilizou metodologias ativas em sua prática dentro da sala de aula com os alunos?” E esta proporcionou os seguintes relatos:

*Na minha sala não, eu acredito que usei lá no laboratório, sempre faço uso das metodologias ativas lá no laboratório com meus alunos. (PROFESSORA 1)*

*Aqui eu uso, só que assim, fora do planejamento oficial, o planejamento oficial é um o que eu trabalho é outro. Por exemplo, agora essa semana mesmo eles usaram no meu celular uma roleta com objetos, e aí eles apertaram a roleta no meu celular, porque eu não tenho acesso aos computadores, e aí ali saía a palavra que eles tinham que escrever dentro do conteúdo. Primeiro que a roleta eu fiz em casa e depois trouxe para sala para usar com eles, eu uso muito o celular tanto para as coisas que é para eles mexerem, né. O ano passado eu tinha baixado o aplicativo que se chama Edu Edu, que tu coloca o perfil de cada aluno, e aí tu coloca e eles vão fazendo as atividades no celular, e ele vai proporcionando outras atividades parecidas com aquelas, tanto para trabalhar ali, é como se fossem atividades gamificadas. Mas esse app também manda para o e-mail cadastrado atividades impressas para aquele aluno conforme a dificuldade que ele tem, a partir das atividades que ele vai fazendo no app. Então eu imprimia em casa e trazia para eles fazerem*

*na aula as atividades, ou seja, eles geravam as próprias atividades impressas. Esse ano eu não tenho trazido tanto, mas o notebook tem coisas para eles fazerem pensando na tecnologia em si. Mas o planejamento ele é todo pensado para que os alunos façam, usando o movimento mão na massa né, até tem folha e tudo, mas tudo para eles fazerem, pensarem e interagirem. Porque é diferente quando ele vai lá e faz determinada coisa e descobre o resultado, do que quando digo e aí ele não descobriu. A gente nota essa diferença, então no que eu estou construindo é maior a aprendizagem no que aquilo que alguém construiu e me falou. (PROFESSORA 2)*

*Já utilizei, foi bem produtivo, eu faço uso bastante da rotação por Estações e das estações de jogos com eles, e eles vão passando por elas, e eles gostam bastante. além das outras metodologias ativas que a gente usa no laboratório de informática dentro da plataforma aprimora, eu acho que é isso. (PROFESSORA 3)*

*Sim, a gente faz os grupos por interesse, a sala de aula invertida, a rotação por Estações, e é bem interessante, bem significativo dentro da sala de aula. As crianças têm uma resposta bem positiva quando eu faço uso dessas metodologias. (PROFESSORA 4)*

*Sim as metodologias ativas elas ajudam bastante na prática dentro da sala de aula quando o professor percebe que não é só o método tradicional que vai fazer com que as crianças aprendam, mas que é preciso uma metodologia mais atual e que envolva as tecnologias para que esse aluno que já está inserido nesse mundo tecnológico possa aprender e também se sinta interessado nesse processo. O uso da gamificação, da sala de aula invertida, rotação por Estações, são práticas que já utilizei em sala de aula e que proporcionam aos alunos uma aprendizagem ativa e autônoma. (PROFESSORA 5)*

Na fala da professora 1, fica entendido que para ela, as metodologias ativas são práticas que dependem totalmente da tecnologia para serem realizadas, tanto que ressalta que em sala de aula nunca fez uso das metodologias ativas, mas no laboratório de informática sim. A professora 3 também relata em sua fala o uso das metodologias ativas quando utiliza o laboratório de informática, dentro da plataforma de ensino aprimora.

De acordo com Bacich (2018), as metodologias ativas potencializam a aprendizagem e fazem dos estudantes não apenas expectadores, mas sujeitos ativos na construção do seu próprio conhecimento. É importante ressaltar a importância do caminho construtivo no processo de aprendizagem, para ser mais significativo e atrativo.

As professoras 2, 3, 4 e 5 relatam o uso das metodologias ativas dentro de suas salas de aula, citam a gamificação, grupos de trabalho, rotação por estações, sala de aula invertida e atividades mão na massa entre as mais usadas. Todas elas concordam que as crianças gostam bastante deste tipo de metodologia, e que quando usadas tem um retorno muito positivo, proporcionando uma aprendizagem

ativa e mais autônoma. A professora 2 diz que o uso das metodologias ativas é feito fora do planejamento oficial, usando celular e computador como apoio tecnológico, mas reitera que o planejamento semanal é pensado para que crianças participem e sejam ativas no seu conhecimento; ela diz que o que é aprendido através das próprias constatações tem mais valor e o caminho de aprendizagem é mais significativo do que quando apenas é mostrado o resultado final e a criança não participa do processo.

Percebe-se assim que a maioria das professoras faz uso das metodologias ativas em sua sala de aula, ou já fez em algum momento, compreendendo que estas metodologias tem a tecnologia como um grande apoio, mas que podem ser realizadas diariamente em sala de aula. Além disso, compreendem que esta abordagem pautada nas metodologias ativas proporciona uma aprendizagem mais dinâmica e autônoma, colocando as crianças como centro no processo de ensino-aprendizagem.

A última pergunta, de número 12: “Você acredita que as tecnologias aliadas às metodologias ativas podem contribuir na aprendizagem dos alunos?” Elucidou as seguintes respostas das professoras:

*Sim, eu acho que sim, né. Porque a gente vê que eles tentam pegar no mouse, eles tentam fazer as letrinhas e eles tem bastante acesso, de uma maneira bem lúdica. Eu acho bem importante essa vivência deles com as tecnologias e metodologias ativas, porque vão fazer a diferença na trajetória deles, né. (PROFESSORA 1)*

*Eu acho que tem que ver o que é aprendizagem né, a metodologia ativa ela faz a aprendizagem partir do aluno, ele que tem que buscar, ele que tem que fazer de acordo com o interesse dele, ele vai buscar aquilo que ele tá pronto naquele momento. Ele não vai buscar uma coisa que ele não está pronto, ele vai ter questionamentos, ele vai aprender de acordo com aquilo que ele consegue, eu acho que essa é a grande sacada das metodologias ativas, né. Essa aprendizagem significativa, não adianta memorizar, memorizar para depois na esquina esquecer. Aquilo que tu constrói não esquece. Isso é fácil, é comprovado cientificamente. Porque foi tu que andou, não foi alguém que andou e disse que essa palavra é balão, se eu nunca vi na vida. Chega em casa, nem me lembro que estudei a palavra balão, agora se eu construir um balão, e depois com aquele balão fazer um registro daquela atividade e tudo mais daquilo, aí construiu, teve um caminho, fui fazendo podia levar para minha casa, trouxe alguma coisa de casa também né, esse tipo de coisa. Ah agora eu entendi o que é um balão agora eu sei como se escreve balão. Fazer o processo ser significativo para criança né. (PROFESSORA 2)*

*Ah, com certeza. Fica bem mais interessante o aprendizado, a rotação por Estações né, que eu uso bastante e eles gostam, facilita o processo de*

*aprendizagem das crianças e até mesmo o ensino, né, para gente que é professora em sala de aula geralmente com muitos alunos essa é uma metodologia que você consegue tá perto deles, assim, dentro das estações, né. Então, com certeza essas metodologias ativas contribuem para a aprendizagem. (PROFESSORA 3)*

*Ajudar, ajudam né. Mas não são o todo e, para mim, elas são um abrir de olhos, um brilhar de olhos, para dizer: Nossa se eu não consegui no papel, ou na conversa, ou no manuseio, né, junto com a máquina eu posso fazer dar esse Click diferenciado, né. Mas tem uns que nunca tiveram acesso às tecnologias e ficam curiosos, mas não sabem por onde começar. Eu tenho alunos até hoje, por exemplo, que no momento recém estão conseguindo mexer no notebook, mexer no mouse com firmeza e intenção. (PROFESSORA 4)*

*Claro, eu acredito que as tecnologias aliadas às metodologias ativas podem sim contribuir na aprendizagem dos alunos, porque esses alunos que nós temos hoje já estão inseridos no mundo tecnológico, e para ter uma aprendizagem significativa eles precisam, né, dessas metodologias. Então elas fazem a diferença no processo de ensino-aprendizagem, e tornam a aprendizagem mais significativa e atrativa. (PROFESSORA 5)*

Nas falas das professoras 1 e 4 entende-se que suas concepções de metodologias ativas e como elas contribuem para a aprendizagem dos alunos, partem exclusivamente do uso das tecnologias, mais especificamente do computador. Elas relatam da dificuldade que as crianças tem para fazer o uso desses equipamentos, que muito recém estão aprendendo a fazer o uso do mouse de forma correta, que são curiosos, e que essa vivência pode fazer a diferença. A professora 4 traz uma compreensão que fala da importância das metodologias ativas como uma ajuda, um suporte, uma alternativa diferenciada para que aquela criança que ainda necessite de algumas conexões em seu processo de aprendizagem as possa realizar.

As metodologias ativas fazem com que os estudantes estejam no centro de sua aprendizagem, de acordo com Bacich (2018), quando se inclui as tecnologias nas metodologias ativas, o processo de ensino -aprendizagem se torna mais rico, envolvendo um conjunto mais amplo de possibilidades e intervenções pedagógicas.

A professora 2 acredita que as metodologias ativas aliadas as tecnologias são importantes, pois fazem com que a aprendizagem venha do aluno, que ele seja autônomo e faça esse processo de busca do conhecimento; uma aprendizagem significativa sem memorizações vazias, mas com uma construção do conhecimento, fazendo este processo ser dotado de significado.

As professoras 3 e 5 acreditam nas metodologias ativas juntamente com as tecnologias são importantes e tornam o processo de ensino-aprendizagem mais interessante e atual, já que as crianças hoje são tecnológicas, e uma educação que entenda esta premissa valoriza a crianças e o contexto na qual ela está inserida, visando uma aprendizagem mais significativa.

As professoras em consonância acreditam que as metodologias ativas aliadas as tecnologias contribuem de forma significativa para a aprendizagem dos alunos, e que a esta metodologias colocam os alunos no centro do processo de ensino-aprendizagem, como sujeitos ativos e autônomos.

Ao final desta última categoria denominada metodologias ativas ficou perceptível que a maioria das professoras faz uso das metodologias ativas em sua sala de aula, ou já fez em algum momento, compreendendo que estas metodologias tem a tecnologia como um grande apoio, mas que podem ser realizadas diariamente em sala de aula. Quando combinada com as tecnologias, estas metodologias tornam o processo de ensino-aprendizagem mais atrativo e proporcionam uma aprendizagem mais dinâmica e autônoma, colocando as crianças como centro no processo de ensino-aprendizagem.

## 5 PRODUTO TÉCNICO ELABORADO

### 5.1 TIPO DE PRODUTO TÉCNICO ELABORADO



Arte do Podcast Tecnologias Educacionais em Rede: Práticas possíveis em sala de aula  
Fonte: Produzido pela autora

O produto técnico elaborado através desta pesquisa é um Podcast, denominado: “Tecnologias Educacionais em Rede: Práticas possíveis em sala de aula, classificado como um conteúdo do tipo monólogo, com enfoque educacional.

O Podcast é um conteúdo em áudio que pode ser disponibilizado através de um arquivo ou plataforma de streaming, no qual o usuário poder ouvir em livre demanda, onde e quando quiser, quantas vezes desejar. Por ser um conteúdo de livre acesso e demanda ele ganha popularidade e abrange um público bem alto, devido a sua facilidade e disponibilidade.

Existem alguns tipos de Podcast, e o desenvolvido como produto técnico elaborado desta pesquisa poder ser classificado como educacional, que é quando o seu conteúdo tem a finalidade de trazer novos conhecimentos aos ouvintes. Além desta classificação, podemos alinhá-lo como monólogo, pois é neste tipo de podcast

que o podcaster ( responsável por produzir o Podcast) se utiliza de seus conhecimentos sobre determinado tema para repassar conteúdo de qualidade, às vezes, podendo receber também convidados para entrevista e até responder perguntas dos ouvintes que fazem parte de sua audiência.

Para que o Podcast estivesse ainda mais completo, juntamente com ele foi elaborado um mural de Padlet, para que seja incorporado nele vídeos, imagens, textos, e materiais de referência sobre o assunto tratado em cada episódio. Desta forma, os educadores que farão parte da audiência do Podcast poderão também ter acesso a mais conteúdo sobre o que estão ouvindo, para que possam ter melhor compreensão e referências sólidas, caso queiram replicar as práticas em suas salas de aula.

O Padlet é uma ferramenta que permite criar quadros e murais virtuais, seja para a rotina pessoal, trabalho, projetos ou estudos, de forma colaborativa. Nele você pode anexar arquivos de diferentes formatos, como texto, fotos, vídeos, links, etc; organizando um mural da forma que preferir. Este aplicativo possui a versão paga e também a gratuita, que possibilita ao usuário possuir 3 murais e fazer upload de arquivos com tamanho máximo de 25 MB. É importante ressaltar que no Padlet você também pode incorporar conteúdos de outras plataformas como Instagram, YouTube, entre outros.

## 5.2 OBJETIVO DO PRODUTO TÉCNICO ELABORADO

Imagem 1 – Arte do Podcast Tecnologias Educacionais em Rede: Práticas possíveis em sala de aula



Fonte: Autora

O objetivo do Podcast “Tecnologias Educacionais em Rede: Práticas possíveis em sala de aula”, é proporcionar conhecimento sobre as tecnologias e metodologias ativas aos professores em geral, mostrando a possibilidade de colocá-las em prática na sala de aula, sem a necessidade de recursos muito elaborados ou grandes tecnologias.

A proposta do Podcast surge a partir da vivência da autora como professora, na qual pode perceber que a rotina da docência muitas vezes não possibilita tempo para investir em formação continuada, com leituras e tempo dedicado a novas especializações e cursos. Desta forma o Podcast nasce como uma alternativa de implementar novos conhecimentos para os professores, através de arquivos de áudio de curta duração, para que sejam ouvidos no caminho para casa, intervalos e antes de dormir, possibilitando que sejam ouvidos sobre a livre demanda do ouvinte.

### 5.3 PODCAST TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS EM REDE: PRÁTICAS POSSÍVEIS EM SALA DE AULA

Imagem 2 - Arte do Podcast Tecnologias Educacionais em Rede: Práticas possíveis em sala de aula



Fonte: Produzido pela autora

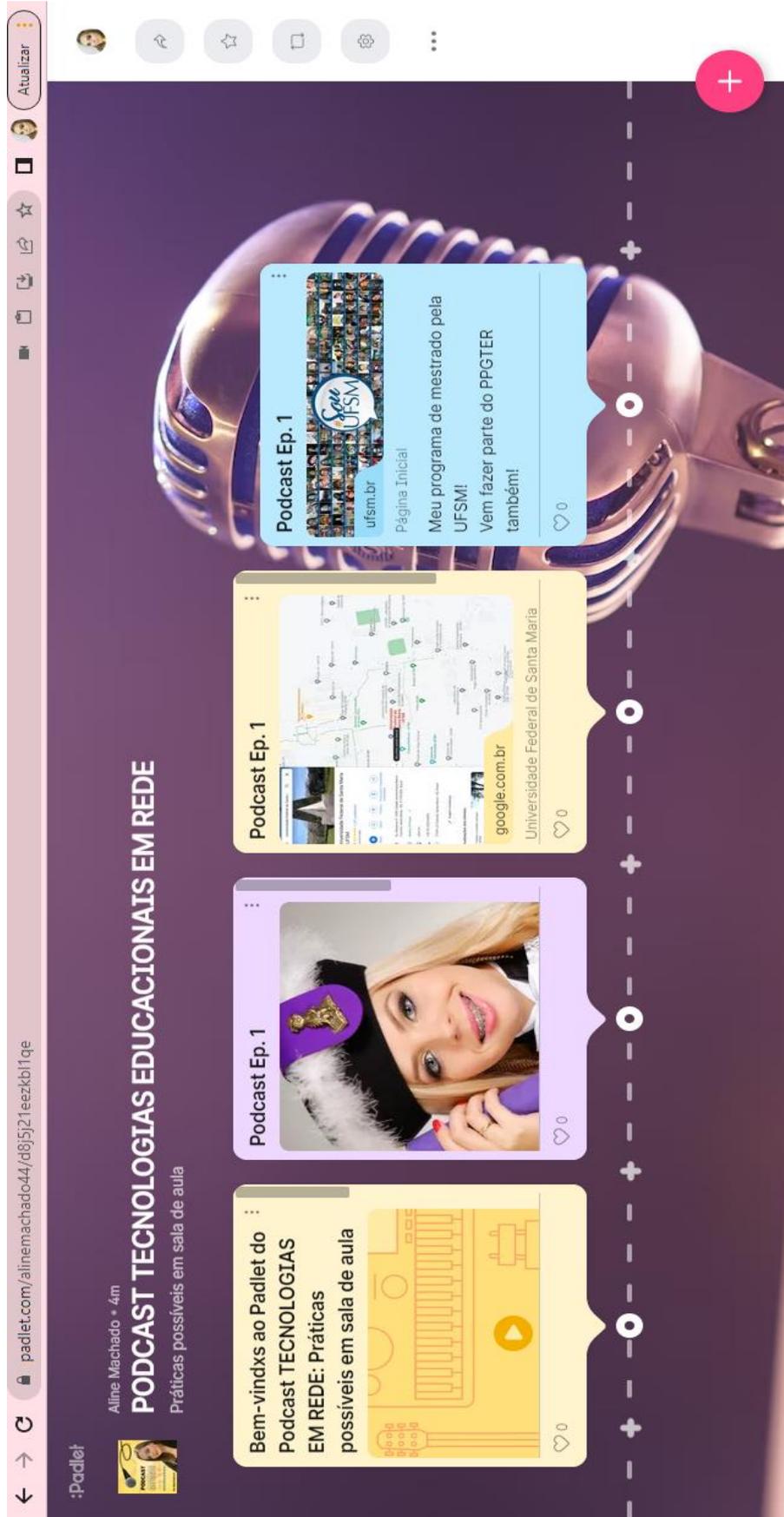
**Título:** Podcast TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS EM REDE: Práticas possíveis em sala de aula

**Episódio 1:** Apresentação

**Sinopse:** Neste episódio a autora faz a sua apresentação para os ouvintes, sobre sua formação acadêmica e sua trajetória até culminar na presente pesquisa e produto técnico elaborado. Perpassa por suas raízes, histórias que fizeram parte da sua constituição de caráter e de ser humano, bem como pelos percalços que já passou até o presente momento. De uma forma explicativa e bem humorada, os ouvintes estabelecem vínculos e conhecem um pouco mais sobre a apresentadora do podcast.

**Anexos ao Padlet:** Enumerados como episódio 1 estão no padlet do podcast uma fotografia da autora na sua formatura na graduação de pedagogia, o site do programa de pós-graduação em tecnologias educacionais em rede da UFSM, e o link para a UFSM direto do Google Maps.

Imagem 3 - Imagem do Padlet referente ao episódio 1 do podcast.



Fonte: autora

Imagem 4 – Arte do Podcast Tecnologias Educacionais em Rede: Práticas possíveis em sala de aula



Fonte: autora

**Título:** Podcast TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS EM REDE: Práticas possíveis em sala de aula

**Episódio 2:** A Agenda 2030

**Sinopse:** Neste episódio a autora faz a sua apresentação para os ouvintes da Agenda 2030, este importante documento que é uma política internacional elaborada pelos 193 países que fazem parte da Organização da Nações Unidas, a ONU. Vamos descobrir mais sobre sua origem, trajetória até os dias atuais e a importância dos seus Objetivos de Desenvolvimento Sustentáveis para o mundo todo, e como este documento impacta na educação que realizamos em nossas escolas.

**Anexos ao Padlet:** Enumerados como episódio 2 estão no padlet do podcast anexados os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030, link para o site do grupo de trabalho da Sociedade Civil para a Agenda 2030, o link para download da Agenda 2030 e o link para práticas possíveis na escola com a Agenda 2030.

Imagem 5 - Imagem do Padlet referente ao episódio 2 do podcast.

padlet.com/alinemachado44/d8j5j21eezkb11qe

Atualizar

Aline Machado • 4m

## PODCAST TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS EM REDE

Práticas possíveis em sala de aula

Podcast Ep. 2



AGENDA 2030 / 17 ODS

Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030 da ONU.

Podcast Ep. 2



GTSC A2030

Podcast Ep. 2



Transformando Nossa Matéria: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável

PDF

agenda2030-pt-br

Podcast Ep. 2



Podcast Ep. 2

Podcast Ep. 2



Podcast Ep. 2

Fonte: autora

Imagem 6 – Arte do Podcast Tecnologias Educacionais em Rede: Práticas possíveis em sala de aula



Fonte: autora

**Título: Podcast:** TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS EM REDE: Práticas possíveis em sala de aula

**Episódio 3:** Metodologias Ativas

**Sinopse:** Neste episódio a autora traz algumas metodologias ativas e suas definições, bem como as tecnologias necessárias para colocá-las em prática. Pode-se perceber também que estas metodologias ativas são possíveis de se realizarem na sala de aula, até nas comunidades e escolas mais carentes, pois o posicionamento e comprometimento do professor nesses casos é uma das peças mais importantes para que a educação esteja de acordo com essas tendências.

**Anexos ao Padlet:** Enumerados como episódio 1 estão no padlet do podcast anexados a pirâmide de aprendizagem das metodologias ativas, a Base Nacional Comum Curricular em PDF, vídeo sobre a sequência didática do Pato pateta relatada pelo professora Giana Friedrich, e o documento de word dos marcadores de livro confeccionados pelos alunos sob a orientação da professora Giana Friedrich.

Imagem 7 – Imagem do mural do Padlet referente ao episódio 3

padlet.com/alinemachado44/d8j5j21eezkb11qe

Aline Machado • 4m

### PODCAST TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS EM REDE

Práticas possíveis em sala de aula

Podcast Ep. 3

PDF

BNCC\_ELEF\_T10518\_versaofinal\_site

Base Nacional Comum Curricular

- BNCC Completa em PDF

Podcast Ep. 3

PIRÂMIDE DA APRENDIZAGEM de William Glasser

Porcentagem	Metodologia
10%	Método de Aprendizagem Passivo
20%	Exercício
30%	Observar
50%	Ver e Ouvir
70%	Discutir
80%	Praticar
95%	Ensinar

Podcast Ep. 3

DOCX

Montados 5 ano

Material complementar ao relato

Podcast Ep. 3

facebook

Vídeo elaborado pelas crianças do 2º ano da Escola Edson Figueiredo fazendo uma releitura da canção O PATO de Vinícius de Moraes.

Fonte: autora

Imagem 8 - Arte do Podcast Tecnologias Educacionais em Rede: Práticas possíveis em sala de aula



Fonte: autora

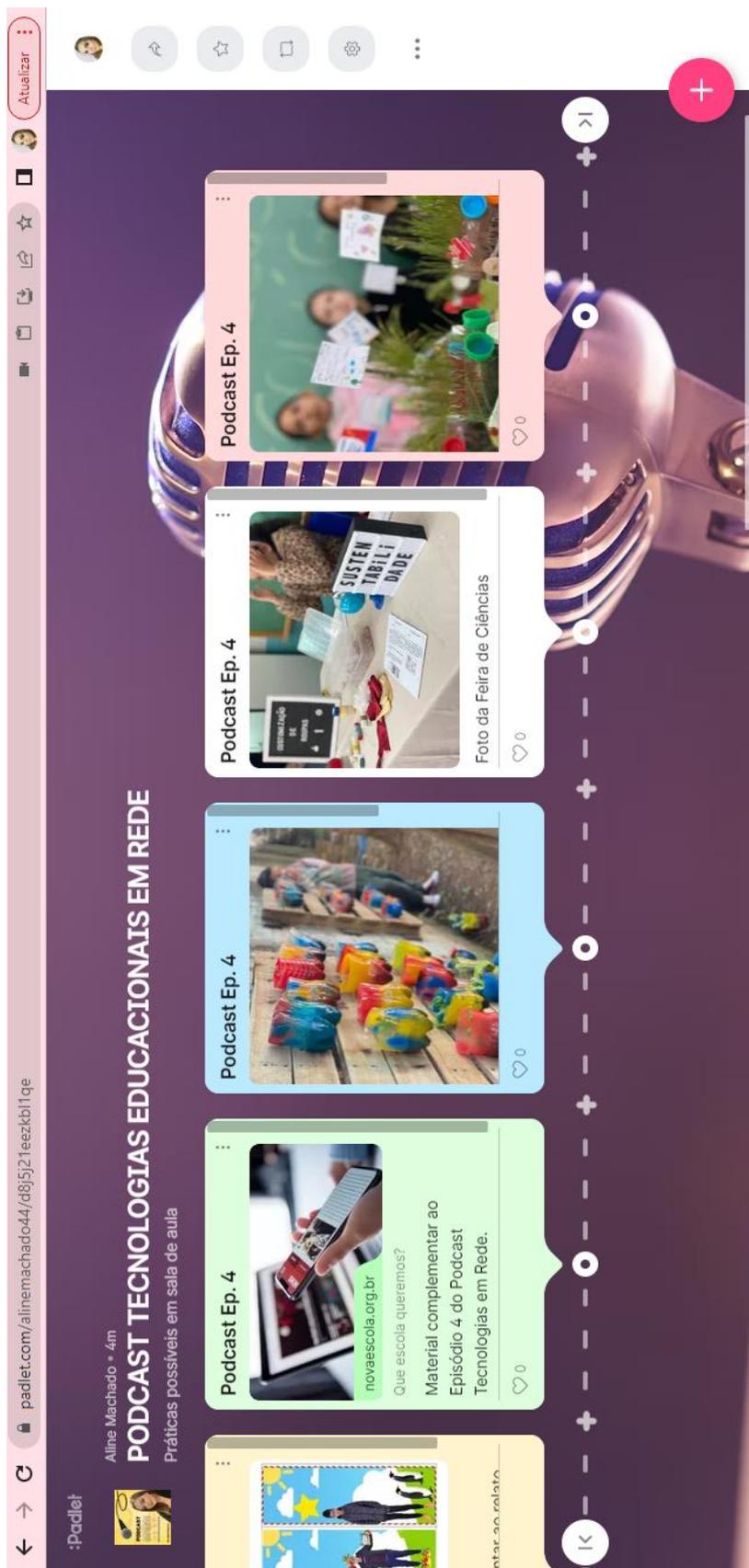
**Título:** Podcast TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS EM REDE: Práticas possíveis em sala de aula

**Episódio 4:** Ser professor na escola pública

**Sinopse:** Neste episódio a autora traz para os ouvintes vivências, rotinas, desafios e experiências da docência na escola pública e como isso afeta diretamente a vida pessoal do professor. Ser professor e estar em uma comunidade com alto índice de vulnerabilidade social é um ato de amor e resistência.

**Anexos ao Padlet:** Enumerados como episódio 4 estão no padlet do podcast anexados estão um link para uma reportagem sobre a escola que queremos, e três imagens da Feira de Ciências citada no episódio 4.

Imagem 9 – Imagem do mural do Padlet referente ao episódio 4



Fonte: autora

Imagem 10 – Arte do Podcast Tecnologias Educacionais em Rede: Práticas possíveis em sala de aula



Fonte: Produzido pela autora

**Título:** Podcast TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS EM REDE: Práticas possíveis em sala de aula

**Episódio 5:** O poder da educação

**Sinopse:** Neste episódio final do primeiro bloco do podcast, a autora traz para seus ouvintes um balanço de todos os episódios anteriores e reflexões sobre o poder da educação e do professor. Através de um apanhado geral das falas mais importantes dos outros quatro episódios, é possível encontrar um fator comum em todos eles: o poder da educação, e não ela por si só, mas a diferença e mudança que o professor proporciona na vida de seus alunos, quando está de fato comprometido com a educação.

**Anexos ao Padlet:** Enumerados como episódio 4 estão no padlet do podcast anexados uma sugestão de leitura, um link para o vídeo do Youtube sobre o poder da educação, uma leitura complementar e uma imagem final de agradecimento.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa sociedade contemporânea moderna é marcada por processos de evolução em todos os cenários, nos quais se estruturam relações em todas as esferas, e em vista da inovação e da criação de novos mecanismos tecnológicos rapidamente, os quais se inserem em todos os lugares, inclusive nas instituições escolares, foi de extrema importância que estes pudessem ser usados para o enriquecimento dos processos de aprendizagem nas escolas

No ano de 2020, a pandemia da COVID-19, mudou completamente o cenário educacional mundial. O isolamento social e o fechamento de todos os setores foram necessários, inclusive das instituições escolares, o que desencadeou a implementação e elaboração de aulas remotas, majoritariamente no formato online, recorrendo aos suportes tecnológicos para prosseguir com o processo de ensino-aprendizagem das crianças.

O ensino remoto foi implementado às pressas aos diferentes níveis de escolarização, o que pôde ressaltar o nível de dificuldade e desigualdade existente entre as crianças e seus modos de vida, pois muitas famílias não tinham acesso a computadores, smartphones e internet. Assim, a aprendizagem que já possuía muitas barreiras, tornou-se ainda mais difícil para algumas crianças, sobretudo para as que se encontravam em situação de vulnerabilidade social. Já para os educadores, o cenário do ensino remoto ocasionou também grandes dificuldades, tornou-se uma tarefa ainda mais difícil ensinar.

Assim, este estudo vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Tecnologias Educacionais em Rede (PPGTER), da UFSM, apresentou uma proposta referente a formas de como a tecnologia contribuiu para a alfabetização de crianças em situação de vulnerabilidade social, em uma instituição de ensino pública e municipal localizada na zona periférica da cidade Santa maria.

A partir de uma inserção no loco de pesquisa buscou-se identificar as alternativas tecnológicas existentes na escola, que poderiam enriquecer o processo de Alfabetização de crianças em situação de vulnerabilidade social, além de descrever o papel das políticas internacionais na busca de uma educação de qualidade, compreender a legislação que ampara o processo de alfabetização e analisar o uso das tecnologias, com enfoque nas metodologias ativas, pelos professores.

Pode-se destacar que a presente pesquisa se revelou como um estudo de suma importância para o cenário atual, pós ensino remoto ocasionado pela pandemia, de caráter inovador e com enfoque no processo de alfabetização de crianças em situação de vulnerabilidade, suscitando importantes reflexões.

Os objetivos desta pesquisa foram sendo alcançados a partir da sistematização das referências, construção da base e estado da arte, conduzindo assim para a próxima fase do estudo, no qual a pesquisa qualitativa através do método participante permitiu uma coleta de dados através de uma entrevista semiestruturada que garantiu material de qualidade para a análise do discurso e obtenção dos resultados.

Assim, apresentam-se as considerações relacionadas à análise dos dados obtidos através da entrevista semiestruturada realizada com as professoras pesquisadas, organização das categorias emergentes e organização do produto técnico elaborado a partir dos resultados da pesquisa.

A análise dos dados obtidos evidenciou cinco categorias emergentes, que permitiram dar significado ao resultado da pesquisa, foram elas: Alfabetização; Políticas internacionais; Vulnerabilidade social; Tecnologias; Metodologias ativas. Relacionado à alfabetização houve pontos importantes que podem ser elencados sobre a concepção das professoras pesquisadas referentes ao assunto. A alfabetização é vista como um processo que é relativo às experiências vividas, acesso à tecnologia, cultura e informação. Essa bagagem necessária para este processo é relatada pela maioria das professoras entrevistadas como algo crucial para o sucesso na alfabetização, e também é citada como um dos fatores responsáveis pela não alfabetização. Apenas uma professora levantou a hipótese da não aprendizagem acontecer por falta da tentativa do professor em mesclar metodologias.

Uma das professoras fez uma consideração muito importante quando relatou que, apesar da bagagem cultural e das vivências fazerem diferença no processo de alfabetização, elas não são fatores que sentenciam o sucesso ou insucesso da criança na aquisição da leitura e escrita; a criança que não teve muitas experiências e acesso à cultura, ao chegar na escola, teria de ser apresentada aos estímulos que lhe foram privados anteriormente, e esse movimento possibilitaria assim a sua alfabetização, mais lenta que os demais, mas com o mesmo sucesso.

Nas políticas internacionais, entendeu-se que as professoras entrevistadas em sua maioria ainda não compreendem essas políticas, bem como não possuem

interesse para buscar mais conhecimento sobre este tema, contribuindo de forma rasa para as questões referentes a pesquisa neste âmbito.

Em relação à vulnerabilidade social, percebeu-se que a comunidade aos arredores da escola está realmente em situação de vulnerabilidade social, apesar do crescente desenvolvimento ocorrido nos últimos anos, ainda se percebe que o assistencialismo está presente, de modo a garantir alguns direitos básicos de qualidade de vida para as crianças. E assim, ao mesmo tempo, a inserção tecnológica é presente na maioria das casas através do celular com internet e televisão, de forma não linear, democratizando o acesso à informação, mas não garantindo a qualidade desta informação que chega até estas crianças e famílias.

Tratando-se das tecnologias, fica explícita a premissa de que a escola possui tecnologias disponíveis para o uso das professoras, e o acesso é organizado através de horários por tratar-se de uma escola relativamente grande mas com recursos tecnológicos em número insuficiente para atender a todas as turmas em livre demanda; também fica nítido que o uso das plataformas de ensino nos horários designados para o uso das tecnologias varia de professora para professora, e isso pode acontecer devido às concepções metodológicas que são adotadas no planejamento e plano de ensino de cada uma delas; e para uma melhor organização que contemple as necessidades de todas, uma reunião com a gestão seria necessária. Em relação à formação das professoras, é possível perceber que o aperfeiçoamento para usar as tecnologias depende muito mais da iniciativa própria das professoras, já que a secretaria tem disponibilizado cursos e o ensino remoto democratizado mais o uso da tecnologia e diversas ferramentas.

As metodologias ativas puderam elucidar que a maioria das professoras faz uso destas em sua sala de aula, ou já fizeram em algum momento, compreendendo que estas metodologias tem a tecnologia como um grande apoio, mas que podem ser realizadas diariamente em sala de aula também sem ela. Quando combinada com as tecnologias, estas metodologias tornam o processo de ensino-aprendizagem mais atrativo e proporcionam uma aprendizagem mais dinâmica e autônoma, colocando as crianças como centro no processo de ensino-aprendizagem.

Desta forma, a presente pesquisa pode contribuir para que as concepções de alfabetização, relações com as políticas internacionais, noções de vulnerabilidade social, tecnologia e metodologias ativas fossem apresentadas de acordo com a realidade vivida na escola, e deste modo contribuir para o produto técnico elaborado

da pesquisa, que será uma grande ferramenta para uso dos professores em sua prática docente e aperfeiçoamento profissional.

Portanto, esta pesquisa foi um estudo pioneiro pós pandemia que focou seu olhar na alfabetização de crianças em situação de vulnerabilidade, e em como as tecnologias poderiam ser agentes enriquecedoras deste processo, culminando em um produto técnico para professores, e tendo como premissa que os resultados voltem para o loco de pesquisa sendo importantes fontes de melhoramento do trabalho que já vem sendo desenvolvido com as crianças na escola.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, S. **Saiba como a aprendizagem entre pares colabora para o melhor aprendizado dos alunos**. 2020. Disponível em: <https://educacao.imagine.com.br/aprendizagem-entre-pares/>. Acesso em: 22 jan. 2022.

ALMEIDA, D. S. D. **Padrões de Competência em TIC para Professores**. Dissertação de (Mestrado) Universidade Federal de Santa Maria, RS. 2021. Disponível em: <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/21250>. Acesso em: 17 jan. 2022.

ALVES, Claudia Andreia. SCHLICKMANN, Maria Sirlene Pereira. Gamificação e o desenvolvimento da consciência fonológica no ciclo alfabetizador. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano. 06, Ed. 10, Vol. 01, pp. 45-71. Outubro 2021. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/desenvolvimento-da-consciencia>, DOI: 10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/educacao/desenvolvimento-da-consciencia. Acesso em: 20 fev. 2022.

BACICH, L. Metodologias ativas: desafios e possibilidades. **Revista Pátio**, nº 81, fev/abr, 2018. Disponível em: <https://loja.grupoa.com.br/revista-patio/artigo/13063/desafios-e-possibilidades-deintegracao-das-tecnologias-digitais.aspx>. Acesso em: 29 jan. 2022.

BARBOSA, R. J. A Alfabetização sob o ponto de vista histórico e metodológico. **Colloquium Humanarum**, v. 13, p. 14-21, Jul–Dez, 2016, p. 14-21. Disponível em: <http://www.unoeste.br/site/enepe/2016/suplementos/area/Humanarum/Educa%C3%A7%C3%A3o/A%20ALFABETIZA%C3%87%C3%83O%20SOB%20O%20PONTO%20DE%20VISTA%20HIST%C3%93RICO%20E%20METODOL%C3%93GICO.pdf>. Acesso em: 08 fev. 2022.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011, 229 p.

BENATTO, M. E. C. A vulnerabilidade social da escola pública e a formação dos professores do 6º ano do ensino fundamental. *In: Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE*, v.2. Curitiba, PR: Universidade Tecnológica Federal do Paraná. 2016. Disponível em: [http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2016/2016\\_pdp\\_ped\\_utfpr\\_maristelaelisabetecosmobenatto.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_pdp_ped_utfpr_maristelaelisabetecosmobenatto.pdf). Acesso em: 09 fev. 2022.

BOROCHOVICIUS, E.; TORTELLA, J.C.B. Aprendizagem baseada em problemas: um método de ensino e aprendizagem e suas práticas educativas. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.22, n. 83, p. 263-294, abr./jun. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/QQXPb5SbP54VJtpmvThLBTc/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 7 jan. 2022.

BRANDÃO, C. P. **Pesquisa Participante**: um falar sobre ausências e silêncios. Rosa dos ventos, 1981.

BRASIL. **Lei 13.145, de 16 fevereiro de 2017** – Base Nacional Comum Curricular–BNCC. 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 13 dez. 2021.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014** – Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Brasília: Ministério de educação, 2014. Disponível em: <http://pne.mec.gov.br/18-planos-subnacionais-de-educacao/543-plano-nacional-de-educacao-lei-n-13-005-2014>. Acesso em: 15 fev. 2022.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Ministério de educação, 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm). Acesso em: 18 fev. 2022

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 9.765, de 11 de abril de 2019**. Institui a Política Nacional de Alfabetização. Brasília: Ministério da Educação, 2019. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2019/Decreto/D9765.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/Decreto/D9765.htm). Acesso em: 28 jan. 2022.

\_\_\_\_\_. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm). Acesso em: 16 fev. 2022

\_\_\_\_\_. **IPEA** - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. 2019. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/publicacao-item?id=98d840a1-f315-422d-80bd-5166164c623c&highlight=WyJhbmFsZmFiZXRpc21vll0=>. Acesso em: 05 jan. 2022

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Portaria nº 1.038, de 7 de dezembro de 2020**. Brasília, 2020. Disponível em: <https://www.semesp.org.br/wp-content/uploads/2020/12/PORTARIA-MEC-No-1.038-DE-7-DE-DEZEMBRO-DE-2020.pdf>. Acesso em: 5 jan. 2022.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Portaria nº 1.030, de 1 de dezembro de 2020**. Brasília, 2020. Disponível em: <https://www.semesp.org.br/wp-content/uploads/2020/12/PORTARIA-No-1.030-DE-1o-DE-DEZEMBRO-DE-2020.pdf>. Acesso em: 2 jan. 2022.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros curriculares Nacionais**. Brasília, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>. Acesso em: 21 fev. 2022.

\_\_\_\_\_. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 2013.

COMUM, Nosso Futuro. Relatório Brundtland. **Our Common Future**: United Nations, 1987.

CARMO, M. E. do; GUIZARDI, F. L. O conceito de vulnerabilidade e seus sentidos para as políticas públicas de saúde e assistência social. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 34, 2018.

DOMS, C. **O que é padlet? Veja como usar ferramenta para criar quadro virtual**. 2020. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/2020/07/o-que-e-padlet-veja-como-usar-ferramenta-para-criar-quadro-virtual.ghtml>. Acesso em: 18 set. 2022.

FERRARINI, R.; SAHEB, D.; TORRES, P. Metodologias ativas e tecnologias digitais : aproximações e distinções. **Revista Educação em Questão**, vol. 57, núm. 52, pp. 1-30, 2019. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5639/563965406010/html/>. Acesso em: 06 jan. 2022.

FERREIRO, E. **A representação da linguagem e o processo de alfabetização**. Cadernos de Pesquisa, n. 52, p. 7-17, 1985.

FERREIRO, E. et al. **Chapeuzinho Vermelho aprende a escrever**: estudos psicolinguísticos comparativos em três línguas. São Paulo: Ática, 1996.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1985.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. Tradução de Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

\_\_\_\_\_. **Educação e mudança**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GRUPO DE TRABALHO DA SOCIEDADE CIVIL PARA A AGENDA 2030 - GT Agenda 2030. **V Relatório Luz da sociedade civil da agenda 2030 de desenvolvimento sustentável: Brasil.** [S. l.: s. n.], 2021. 124 p. Disponível em: <https://gtagenda2030.org.br/relatorio-luz/relatorio-luz-2021/>.

IBGE. **Analfabetismo cai em 2017, mas segue acima da meta para 2015.** 2018. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/21255-analfabetismo-cai-em-2017-mas-segue-acima-da-meta-para-2015>. Acesso em: 11 jan. 2022.

INÁCIO, C. A. D. S; CLEMENTE, R. P. Metodologia ativa na educação infantil: os jogos de encaixe como ferramenta de ensino e aprendizagem. In: MARTINS, C (Org). **Metodologias ativas métodos e práticas para o século XXI**, 149-162. Quirinópolis, GO: Editora IGM, 2020.

INAF. **Indicador de Alfabetismo Funcional.** 2022. Disponível em: <https://alfabetismofuncional.org.br/>. Acesso em: 3 fev. 2022.

INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Nota Informativa do IDEB 2021.** Disponível em: [https://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/portal\\_ideb/planilhas\\_para\\_download/2021/nota\\_informativa\\_ideb\\_2021.pdf](https://download.inep.gov.br/educacao_basica/portal_ideb/planilhas_para_download/2021/nota_informativa_ideb_2021.pdf). Acesso em: 17 jan. 2021.

LÉVY, P. **A inteligência Coletiva: Por uma antropologia do ciberespaço.** 8. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

MACEDO, M. S. A. L; ALMEIDA, A. C.; TIBÚRCIO, A. P. D. A. Práticas de Alfabetização com crianças de seis anos no ensino fundamental: diferentes estratégias, diferentes concepções. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 37, n. 102, p. 219-236, maio-ago., 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/mPB7WT7MzKNp6cjJ8VX9Hfs/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 fev 2022.

MAZZEU, F. **Tipos de podcast: os principais formatos e abordagens.** 2020. Disponível em: <https://feedgurus.com/tipos-de-podcast/>. Acesso em: 18 set.. 2022.

MAIA, C.M.; SCHEIBEL, M.F. **Didática: organização do trabalho pedagógico.** Curitiba: IESDE, Brasil., 2006.

MARKHAM, T.; LARMER, J.; RAVITZ, J. (Orgs). **Aprendizagem baseada em projetos - guia para professores de ensino fundamental e médio.** São Paulo: Artmed, 2008.

MINAYO, M. C. de S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 2000.

MONTEIRO, K. F. Metodologias no Ensino Superior: uma reflexão a partir da concepção crítica de educação. In: MARCHESAN L. J.; NEU, F. A. (orgs). **Metodologias ativas de aprendizagem na educação básica, técnica e superior**. Nova Xavantina, MT: Pantanal Editora, 2021.

MORAN, J. **Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda**. 2018. Disponível em: [https://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/metodologias\\_moran1.pdf](https://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/metodologias_moran1.pdf). Acesso em: 5 fev. 2022.

MORTATTI, M. R. L. **História dos Métodos de Alfabetização no Brasil**. 2006. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf\\_mortattihisttextalfbbr.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_mortattihisttextalfbbr.pdf). Acesso em 23 fev. 2022

ONU. **Agenda 2030**. 2015. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>. Acesso em: 31 out. 2021.

ORLANDI, E. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas. SP: Pontes, 2003.

SANTOS, M. P. D; JUNIOR, S. A ; LEAL, I. A. F. **Metodologias ativas e Ensino Híbrido – potencialidades e Desafios**. Editora AMPLLA, 2021. Disponível em: 10.51859/amplla.mae504.1121-0.

SANTOS, F. A. A. et al. A sala de aula de invertida como espaço de construção do conhecimento científico no ensino médio integrado. **Brazilian Journal of Development**, 7(1), 7250–7265, 2021.

SANTOS, V. ALMEIDA, S. ZANOTELLO, M. A sala de aula como um ambiente equipado tecnologicamente: reflexões sobre formação docente, ensino e aprendizagem nas séries iniciais da educação básica. Rev. **Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 99 n. 252 (2018). Disponível em: <https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.99i252.3439>. Acesso em 26 jan. 2022.

SANTOS, W. P. SANTOS, R. M. F. SANTOS, P. V. **Novas formas de ensinar e aprender Matemática, numa perspectivas das metodologias ativas**. In: SANTOS, P.V. Metodologias ativas: modismo ou inovação. Quirinópolis, GO: Editora IGM, 2021.

SARAIVA EDUCAÇÃO. **Entenda a pirâmide da aprendizagem, de William Glasser**. 2021. Disponível em: <https://blog.saraivaeducacao.com.br/piramide-da-aprendizagem/>. Acesso em: 4 fev. 2022.

SCHMITZ, E. X. da S.; REIS, S. C. dos. Sala de aula invertida: investigação sobre o grau de familiaridade conceitual teórico-prático dos docentes da universidade. **ETD - Educação Temática Digital**, 20(1), 153–175, 2018. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8648110/>. Acesso em: 10 fev. 2022.

SOARES, M. Letramento e Alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**. 2003. Disponível em: <http://www.anped.org.br//26/outros-textos//semagdoares.doc>>. Acesso em: 31 jan. 2022.

\_\_\_\_\_. **Letramento-um tema em três gêneros**. Autêntica, 2018.

SÉRVIO, G. **Padlet: O que é, como funciona e como usar - Olhar Digital**. 2022. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2022/01/14/tira-duvidas/padlet-o-que-e-como-funciona-e-como-usar/>. Acesso em: 17 fev. 2022.

SILVA, J.B. Gamificação como estratégia de aprendizagem ativa: alguns aspectos teóricos subjacentes. In: MARTINS, C (Org). **Metodologias ativas métodos e práticas para o século XXI**, 402- 416. Quirinópolis, GO: Editora IGM, 2020.

SILVA, R. B; PIRES, L. L. A. Metodologias ativas de aprendizagem: construção do conhecimento. In: CONEDU – VII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 7., 2020, Maceió. **Anais [...]**. Maceió: 2020. Disponível em: [https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO\\_EV140\\_MD1\\_SA16\\_ID5081\\_13082020210651.pdf](https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD1_SA16_ID5081_13082020210651.pdf). Acesso em: 20 jan. 2022.

SILVA, T. **Podcast: o que é e como fazer um de qualidade em 5 passos [+ exemplos]**. 2022. Disponível em: <https://resultadosdigitais.com.br/marketing/como-criar-um-podcast/>. Acesso em: 18 set. 2022.

SILVA, W. R. Polêmica da Alfabetização no Brasil de Paulo Freire. **Revista Veja**, Editora Abril, Edição 2608 – ano 51, n. 46, p. 74, em 14 de novembro de 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/010318138654598480061>. Acesso em 9 jan. 2022.

SILVEIRA, S. R. et al. Educação a Distância, Sala de Aula Invertida e Aprendizagem Baseada em Problemas: possibilidades para o ensino de programação de computadores. **Anais dos Workshops do Congresso Brasileiro de Informática na Educação**, [S.l.], p. 1052, out. 2018. ISSN 2316-8889. Disponível em: <<http://ojs.sector3.com.br/index.php/wcbie/article/view/8333>>. Acesso em: 20 jan. 2022.

SPONTE. **Movimento Maker: você sabe o que é essa metodologia?** 2019. Disponível em: <https://www.sponte.com.br/movimento-maker-voce-sabe-o-que-e-essa-metodologia/#:~:text=O%20Movimento%20Maker%20%C3%A9%20uma,habilidades>

%20de%20resolu%C3%A7%C3%A3o%20de%20problemas. Acesso em: 7 fev. 2022.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. **PNAD**: levantamento do todos mostra primeiros impactos da pandemia nas taxas de atendimento escolar. 2021. Disponível em: <https://todospelaeducacao.org.br/noticias/pnad-levantamento-do-todos-mostra-primeiros-impactos-da-pandemia-nas-taxas-de-atendimento-escolar/>. Acesso em: 20 fev. 2022.

VIGOTSKY, L. S. **A formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

## **ANEXO – PERGUNTAS DA ENTREVISTA**

### **PERGUNTAS PARA A ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA**

1. Como você entende o processo de Alfabetização?
2. Na sua opinião, por quê muitas crianças não conseguem estar alfabetizadas ao sair do ciclo de Alfabetização?
3. Na escola em que atua, quais as metodologias adotadas no processo de Alfabetização?
4. Você compreende a existência de políticas internacionais sobre educação? Se sim poderia citar alguma que conhece.
5. Como as políticas internacionais têm impacto na educação desenvolvida na escola em sua opinião?
6. Você conhece a realidade de vulnerabilidade social na qual a escola está inserida?
7. Essas crianças, em vulnerabilidade social, possuem acesso às tecnologias em suas casas?
8. Quais as tecnologias disponíveis na escola para uso do professor em sala de aula com os alunos?
9. Como a escola proporciona estas tecnologias para o uso do professor?
10. Em relação as tecnologias, você acredita ter formação adequada para fazer o uso correto delas em sala com os alunos?
11. Você utiliza ou já utilizou metodologias ativas em sua prática dentro da sala de aula com os alunos?
12. Você acredita que as tecnologias aliadas às metodologias ativas podem contribuir na aprendizagem dos alunos?